



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintende de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5 Safra 2017/18 - Quinto levantamento, Brasília, p. 1-140
fevereiro 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomê Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Candice Mello Romero Santos (Suinf)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jactã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauro (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); Cezar Rubim, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrade); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

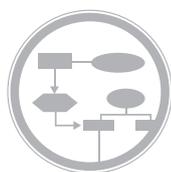
SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Metodologia ----- 12



4. Panorama acerca do plantio do milho segunda safra -----15



5. Estimativa de área plantada ----- 22



6. Estimativa de produtividade ----- 27



7. Estimativa de produção ----- 32



8. Crédito rural ----- 35



9. Análise climática - Inmet -----45



10. Análise das culturas ----- 50

10.1. Culturas de verão -----	50
10.1.1. Algodão -----	50
10.1.2. Amendoim -----	56
10.1.3. Arroz -----	61
10.1.4. Feijão -----	69
10.1.5. Girassol -----	90
10.1.6. Mamona -----	91
10.1.7. Milho -----	93
10.1.8. Soja -----	106
10.1.9. Sorgo -----	114
10.2. Culturas de inverno -----	117
10.2.1. Aveia -----	117
10.2.2. Canola -----	118
10.2.3. Centeio -----	119
10.2.4. Cevada -----	120
10.2.5. Trigo -----	121
10.2.6. Triticale -----	122



11. Receita bruta ----- 124



12. Balanço de oferta e demanda ----- 131

12.1. Algodão -----	131
12.2. Arroz -----	132
12.3. Feijão -----	132
12.4. Milho -----	134
12.5. Soja -----	135
12.6. Trigo -----	136





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2017/18

A produção total de grãos está estimada em 225,57 milhões de toneladas para a safra 2017/18, redução de 5,1% em relação à safra anterior e 1,1% inferior ao levantamento anterior.

A área plantada está prevista em 61,01 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 0,2% se comparada com a safra 2016/17.

Algodão: com o plantio próximo do fim, permanece a estimativa de aumento na produção (1.789 mil toneladas de pluma).

Amendoim primeira safra: a produção está estimada em 473,2 mil toneladas, concentrada em São Paulo.

Arroz: a produção, estimada em 11,6 milhões de toneladas, não sofreu alterações significativas neste levantamento, visto que as condições climáticas permanecem favoráveis à cultura.

Feijão primeira safra: a redução na área plantada reflete numa produção de 1,25 milhão de toneladas, sendo 811 mil toneladas de feijão-comum cores, 295,7 mil toneladas de feijão-comum preto e 147,6 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: o aumento na área plantada resulta num incremento na produção, estimada em 1,23 milhão de toneladas, sendo 546,1 mil toneladas de feijão-comum cores, 184,6 mil toneladas de feijão-comum preto e 503,2 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: produção de 24,74 milhões de toneladas deverá ser 18,8% inferior à safra passada, resultado da redução de área e produtividade.

Milho segunda safra: redução de 6,6% na área (1,17 milhão de hectares), resulta numa estimativa de produção de 63,26 milhões de toneladas, apontando para

uma retração de 6,1% em relação à safra anterior.

Soja: as boas condições climáticas têm favorecido a elevação da produção de soja, estimada em 111,56 milhões de toneladas, com o crescimento previsto na área de 3,3%.





2. INTRODUÇÃO

Entre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do quinto levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para todas as culturas de primeira e segunda safra (algodão, amendoim, arroz, feijão, manona, milho, soja, sorgo). São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2017 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Para as culturas de segunda safra, além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio e por isso a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2017/18. Lembrando que, as infor-

mações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

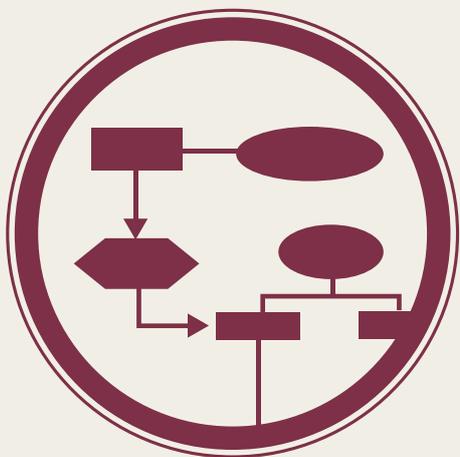
O milho segunda safra, principal cultura de segunda safra do país, terá um destaque especial nesse boletim, a fim de que os fatores que levaram à estimativa de redução na área sejam claramente apresentando ao público alvo. Sendo assim, um panorama dessa cultura está no capítulo 4 deste boletim.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.





3. METODOLOGIA

(CULTURAS DE INVERNO – SAFRA 2018)

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes, cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada para as culturas de inverno nesse levantamento pode ser assim resumida:

3.1. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, que é um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões desse estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Asts”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 24 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzin-



do a incerteza nas variáveis analisadas. As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e

3.2. PACOTES TECNOLÓGICOS

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

3.3. MODELO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

3.4. MONITORAMENTO DA SITUAÇÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

Unidade da Federação foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Essa é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou.

faz-se a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

A Companhia tem os mapeamentos das principais culturas de inverno que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras, tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.



3.5. METODOLOGIA SUBJETIVA

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados. Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do desenho segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.

3.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia. Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.





4. PANORAMA ACERCA DO PLANTIO DO MILHO SEGUNDA SAFRA

4.1. INTRODUÇÃO

O conhecimento do processo de plantio e da comercialização é fator crítico para a tomada de decisão pelo produtor e tem relação direta com as informações de safra divulgadas pela Companhia.

Os resultados da safra anterior certamente influem na decisão de plantio. No entanto, o produtor também observa outras variáveis como é o caso dos custos de produção, dos preços atuais e futuros, das demandas internas e externas, da rentabilidade de outras culturas, das condições de crédito e seguro rural, do escoamento da safra, além dos riscos inerentes ao plantio.

Nesse sentido, o plantio da segunda safra de milho em 2018, que se inicia, exige conhecimento principalmente das condições econômicas que envolvem o momento de decisão pelo produtor. Os comentários que se seguem têm o objetivo de fornecer informações que possam contribuir com a compreensão a respeito da estimativa da safra ora divulgada pela Companhia.

Deve-se registrar que os comentários abaixo não abarcam todas as variáveis atinentes ao processo de tomada de decisão pelo produtor. No transcorrer do processo de plantio e colheita, a Conab poderá acrescentar outros temas que tenham relação com a comercialização do milho.



4.2. COMENTÁRIOS A RESPEITO DO PLANTIO DE MILHO SEGUNDA SAFRA

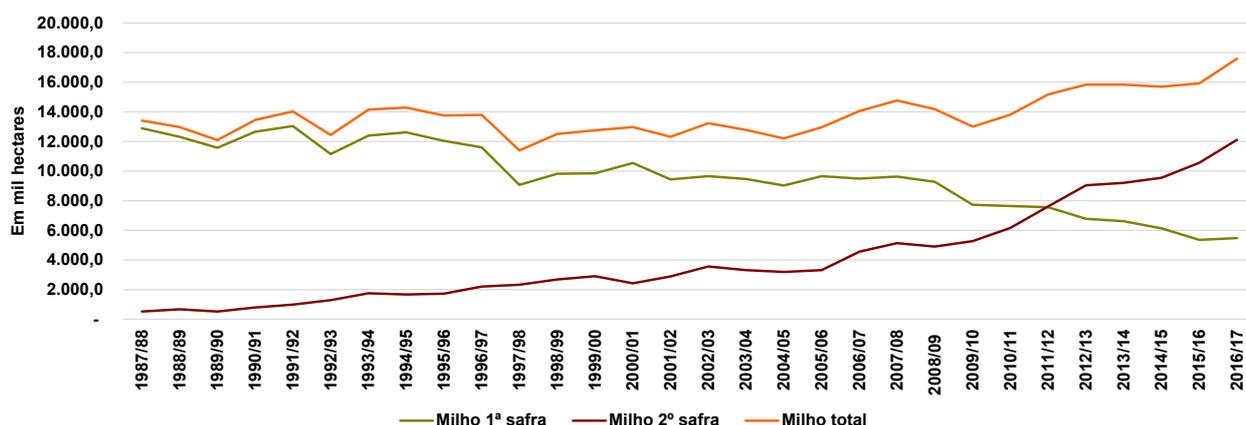
O Brasil é o terceiro maior produtor e segundo maior exportador mundial de milho, cereal de maior produção no mundo. Isso mostra a importância estratégica do país na oferta desse produto, tendo em vista o aumento do consumo mundial. Segundo os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), o consumo mundial de milho aumentou 9,4% nos últimos cinco anos, enquanto a produção subiu 3,2%.

Além disso, o Brasil tem uma grande vantagem frente aos seus concorrentes diretos, que é a possibilidade de cultivo de duas safras no mesmo ano agrícola. O levantamento do custo de produção, realizado pela Conab, mostra que, apesar da produtividade média na segunda safra ser menor do que na primeira safra,

o gasto médio para produzir uma saca na primeira safra é muito semelhante ao gasto médio para produzir uma saca na segunda safra. Ou seja, o produtor, além de não aumentar o seu custo de produção em relação à primeira safra, ainda aumenta sua rentabilidade por produzir duas vezes na mesma área, dentro do mesmo ano agrícola.

Esses fatores fizeram crescer a importância do milho segunda safra. Nos últimos 30 anos, a área de milho primeira safra reduziu 2,8% ao ano, em média, enquanto a área de milho segunda safra aumentou 12,1% ao ano, em média. Com isso, na safra 2011/12, as áreas de ambas as safras agrícolas ficaram muito próximas. A partir daí, a safra de milho segunda safra se tornou a mais importante do país (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução da área de milho (primeira safra, segunda safra e total) - Brasil

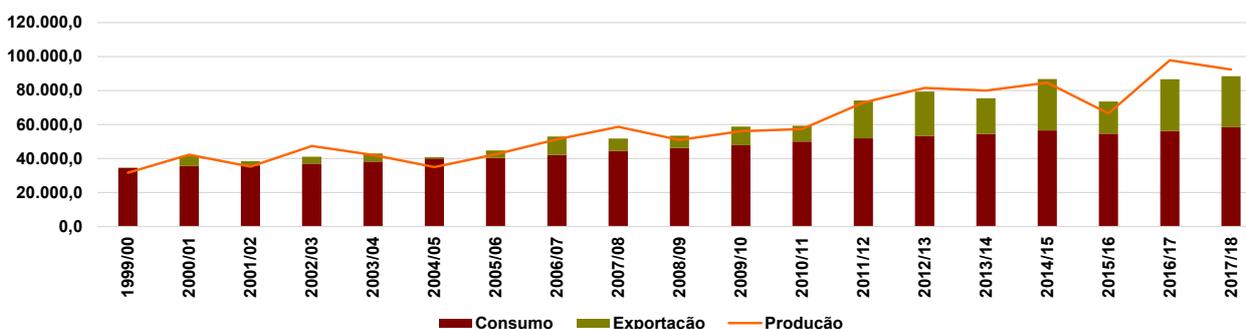


Fonte: Conab.

É possível notar que a queda na área de milho primeira safra sempre foi compensada pelo aumento na área de milho segunda safra, ou seja, a área de milho total se manteve relativamente estável até a safra 2004/05. A partir da safra 2005/6, o impulso da área de milho se-

gunda safra refletiu no aumento da área total do país. Como o consumo interno não aumentou na mesma proporção, as exportações tiveram crescimento ao longo do período também (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Evolução da produção, consumo e exportação do milho brasileiro



Fonte: Conab.



A concentração na segunda safra se deve a dois fatores principais: primeiro, porque o produtor tem a possibilidade de cultivar outra cultura na primeira safra. Nesse caso especificamente, a soja tem preferência por causa da sua maior rentabilidade e a possibilidade de utilizar cultivares de ciclo superprecoce (105 a 110 dias), permitindo que o cultivo de milho segunda safra ocorra com o melhor aproveitamento do período chuvoso.

O outro fato tem relação com a comercialização do cereal. A colheita de milho se concentra de junho a agosto, ou seja, antes da safra do hemisfério Norte, notadamente os Estados Unidos e Ucrânia, que ocorre de setembro a novembro.

O cultivo do milho em ambos os períodos agrícolas têm algumas diferenças com relação ao pacote tecnológico. Em ambas as safras agrícolas, o produtor tem utilizado a melhor semente disponível para o plantio. Em relação aos defensivos agrícolas, a utilização diminui na segunda safra, em razão, principalmente, de menor disponibilidade hídrica, o que, consequentemente, diminui a pressão das pragas. Porém, em virtude do risco climático e do menor período de disponibilidade hídrica, o produtor também tem optado por diminuir o uso de fertilizantes, o que compromete a expressão do potencial máximo da cultura, mas diminui o custo de produção.

No Brasil, o produtor tem a opção de cultivar dois tipos de sementes de milho, híbrida ou variedade. As sementes híbridas são obtidas a partir de polinização cruzada entre duas plantas de linhagens diferentes, ou seja, a polinização é induzida. Esse processo é caro e complexo, razão pela qual os valores das sementes híbridas são superiores às variedades. A razão pela qual o produtor opta pelas sementes híbridas, mesmo sendo mais caras, tem relação com a expressão de alto vigor e produtividade, em geral, superior às variedades.

Porém, diferente das variedades, os híbridos precisam de condições de produção excelentes para expressar o seu melhor potencial, tanto em relação a fatores edafoclimáticos, quanto ao uso de fertilizantes e defensivos agrícolas. Outro fator que leva a opção pelo uso de híbridos é a sua padronização de produção, ou seja, a lavoura é uniforme, com plantas e espigas na mesma altura. Esses fatores facilitam o manejo da cultura, melhorando a eficiência no uso de maquinários e permite um melhor padrão no produto final. Além disso, cria-se um vínculo muito estreito entre os produtores e as empresas produtoras de sementes, uma vez que os agricultores sempre precisarão comprar sementes novas para o próximo plantio. O uso de semente salva não é possível nos híbridos de milho porque a pro-

ductividade reduz em, pelo menos, 20% o rendimento médio.

Em relação às variedades, as sementes são geradas a partir da polinização natural de alguma espécie selecionada, com características desejáveis, que tem sido feita por milênios, pela humanidade. Como nesse método há grande heterogeneidade entre as plantas, diferentemente dos híbridos, as sementes colhidas acabam por expressar as mesmas características hereditárias, permitindo-se a utilização dessas sementes no próximo plantio.

Outra vantagem está no fato das variedades, por natureza, serem mais rústicas, o que permite tolerar condições mais adversas para o seu desenvolvimento. Porém, não possuem a mesma resposta dos híbridos quanto à aplicação de fertilizantes e irrigação, por exemplo. Alguns produtores relatam a dificuldade de mecanização e até mesmo a aplicação de novas tecnologias nas lavouras plantadas com variedades, em virtude da “desigualdade” entre as plantas. Esses fatores fazem com que as variedades sejam mais utilizadas nos cultivos de baixa tecnologia, além de ter um custo menor, obviamente.

Em virtude dos fatos elencados acima, a produção de milho no país é predominantemente a partir de híbridos. Um saco de semente de milho tem variação no peso, mas possui 60 mil sementes. Como é necessário um saco para se cultivar um hectare, em média, podemos inferir que a venda de sementes de milho está diretamente relacionada à área semeada, no país. Com isso, é possível analisar a correlação da área semeada no país, com a venda de sementes de híbridos.

Ao analisar a área total de milho cultivado com milho no país é possível observar que os dados possuem uma correlação muito estreita ($r = 0,89$). A partir daí é possível discorrer sobre dois assuntos principais que podem explicar a razão por essa correlação não ser ainda mais próxima de 1.

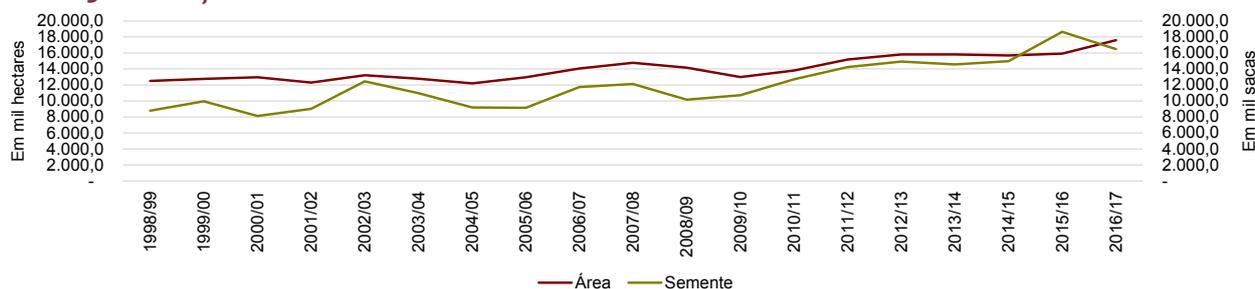
O primeiro fator é que nem todo o milho cultivado no país é proveniente de sementes híbridas. Em áreas de baixa tecnologia, o uso de variedades é mais comum do que híbridos, tanto pelo custo mais baixo quanto pela sua rusticidade.

O segundo fator tem relação com o plantio de milho para silagem. As informações levantadas pela Conab se referem à área semeada de milho destinado à produção de grãos. Como os híbridos podem ser utilizados para a produção de silagem, pode existir diferenças entre os dados divulgados pela Conab (área semeada) e as informações divulgadas na venda de sementes.

Os dados a seguir mostram a alta correlação entre os dados de área semeada e venda de sementes de mi-

lho no país, justificados pelas informações acima.

Gráfico 3 – Evolução da área e venda de milho no Brasil

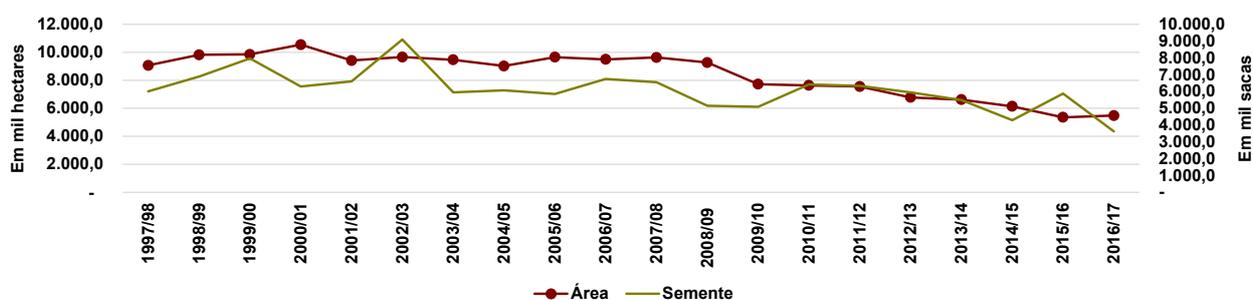


Fonte: Conab e Apps.

Ao analisar os dados de primeira e segunda safras, separadamente, esses fatores se tornam mais evidentes, ou seja, a área semeada com milho na primeira safra, com maior destinação à silagem, tem uma correlação

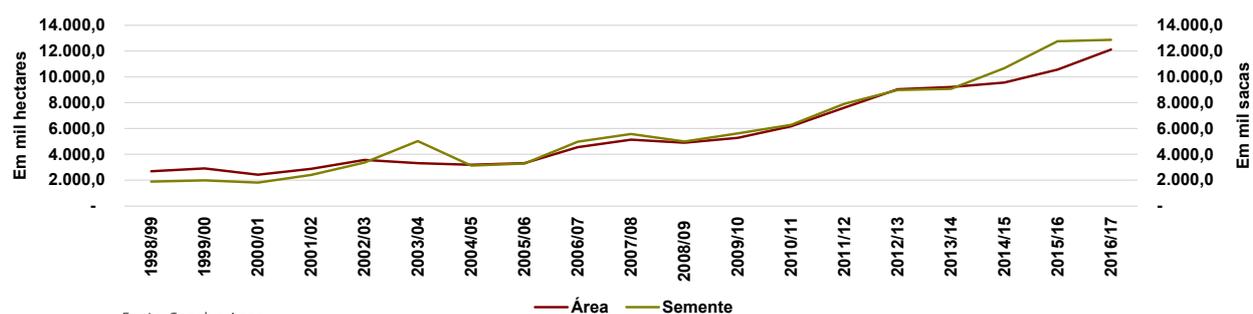
menor ($r = 0,62$) do que a área semeada com milho na segunda safra ($r = 0,98$), com quase a sua totalidade destinada à produção de grãos e predominantemente o uso de híbridos para o seu cultivo.

Gráfico 4 – Evolução da área e venda de sementes de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab e Apps.

Gráfico 5 – Evolução da área e venda de sementes de milho segunda safra no Brasil



Fonte: Conab e Apps.

Observando o quadro de oferta e demanda (Tabela 1), percebe-se que o estoque de passagem, nos anos-safras 2002/3, 2003/4, 2007/8, 2008/9 e 2016/17 tem os maiores percentuais de milho na série na relação estoque/produção, com 19,45%, 20,70%, 15,76%, 15,59% e 19,85%, respectivamente. A reação que se observa é de que em 2003/4 e 2008/9 houve redução na produção após ano de safra cheia e estoque volumoso. No

quarto levantamento da Conab, estima-se a redução da produção de milho para a safra 2017/18.

No ano safra 2013/14, a relação estoque/produção apresenta percentual de 15,55%, mas a safra seguinte tem aumento da produção, o que é explicado pelo crescimento da exportação. Na safra 2015/16, a produção é afetada por problemas climáticos.

Tabela 1 – Quadro de suprimento do milho brasileiro

(Em 1000 t)

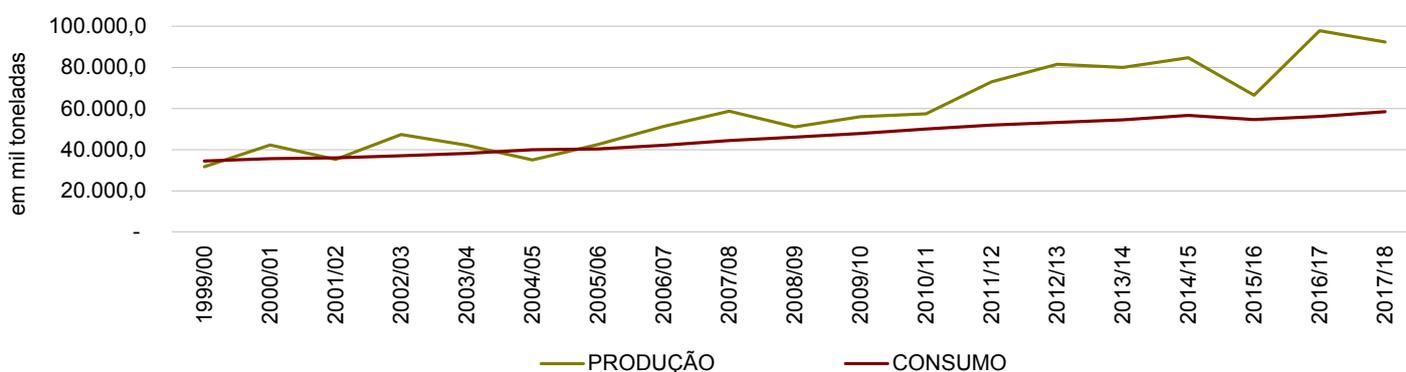
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
MILHO	1999/00	4.666,1	31.640,9	1.770,5	38.077,5	34.480,0	6,7	3.590,8
	2000/01	3.590,8	42.289,3	548,8	46.428,9	35.573,2	5.917,7	4.938,0
	2001/02	4.938,0	35.280,7	362,3	40.581,0	35.967,4	2.509,0	2.104,6
	2002/03	2.104,6	47.410,9	806,2	50.321,7	37.050,1	4.050,3	9.221,3
	2003/04	9.221,3	42.128,5	299,4	51.649,2	38.241,1	4.688,4	8.719,7
	2004/05	8.719,7	35.006,7	596,1	44.322,5	39.989,8	883,3	3.449,4
	2005/06	3.449,4	42.514,9	1.011,3	46.975,6	40.394,1	4.340,3	2.241,2
	2006/07	2.241,2	51.369,9	1.164,3	54.775,4	42.126,7	10.862,7	1.786,1
	2007/08	1.786,1	58.652,3	652,0	61.090,4	44.474,3	7.368,9	9.247,2
	2008/09	9.247,2	51.003,8	1.181,6	61.432,6	46.143,1	7.333,9	7.955,6
	2009/10	7.955,6	56.018,1	391,9	64.365,6	47.813,4	10.966,1	5.586,1
	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	800,0	105.592,7	56.165,3	30.000,0	19.427,4
2017/18	18.927,4	92.347,7	400,0	111.675,1	58.500,0	30.000,0	23.175,1	

Fonte: Conab.

A relação produção/consumo é outro fator crítico a ser observado. Pode-se realçar que no período entre os anos-safraa 1999/00 a 2017/18, enquanto a produção de milho aumentou cerca de 61 milhões de tone-

ladas, o consumo interno cresceu 25 milhões de toneladas. Percebe-se pelo Gráfico 6, que o consumo tem se mantido estável em relação à produção (fator de correlação: 0,93).

Gráfico 6 – Relação da produção e consumo do milho brasileiro



Fonte: Conab.

A relação entre o estoque final e o consumo é outro fator essencial para entendimento a respeito do processo da tomada de decisão pelo produtor. As informações da Tabela 1, nos indica que nos anos-safraas 2016/17 e a estimativa para 2017/18 (quarto levantamento da Conab) preveem altos estoques de passagem – aproximadamente 35 e 39% na relação entre as duas variáveis - o que pode refletir na rentabilidade dos agentes econômicos na cadeia produtiva do milho.

Isso porque, uma maior oferta de milho, oriundo de estoque de passagem de uma safra para outra, também conhecido como “carry over”, somado ao volume a ser colhido do milho primeira safra, gera uma sensação de “conforto” do setor demandante (sobretudo em re-

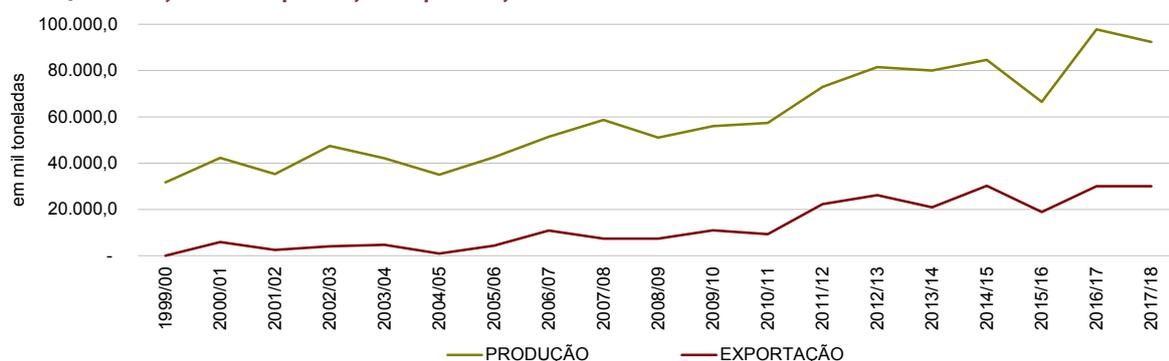
lação ao parque industrial de aves e suínos) no que se refere ao abastecimento interno. O mesmo ocorre no âmbito da exportação, uma vez que há maior concentração no embarque do milho a partir do segundo semestre do ano. Assim, os preços domésticos passam a sofrer uma pressão baixista, o que não é interessante para o produtor de milho segunda safra, pois o cenário de rentabilidade passa a ser incerto.

Outro fator importante para entendimento, a respeito da evolução da produção de milho, é percebido no Gráfico 7, onde se observa que a produção e a exportação são muito dependentes (fator de correlação: 0,97). Em resumo, a produção incentiva a exportação e a demanda externa é fator de tomada de decisão pelo produtor.

Observando a série apresentada na Tabela 1, no período, as exportações cresceram aproximadamente 30

milhões de toneladas, superior à evolução do consumo interno (25 milhões de toneladas).

Gráfico 7 – Relação da exportação e produção do milho brasileiro



Fonte: Conab e Apps.

O mercado de exportação de milho, por ocorrer mais fortemente no segundo semestre, tem, nos últimos anos, gerado uma nova sistemática de comercialização de milho: a comercialização antecipada. As trading, que são formadoras de preços, principalmente na Região Centro-Oeste (onde têm forte atuação no mercado), trabalham com o preço de paridade de exportação, levando-se em conta parâmetros como cotações em Chicago, variação do dólar e frete, para definição do preço ofertado ao produtor. Nessa metodologia, o demandante consegue oferecer preços futuros ao produtor, tentando “travar” negociações. No entanto, os preços futuros ofertados atualmente não se encontram atrativos, tanto, que poucos negócios foram realizados.

A Conab, no quarto levantamento, estima a redução do milho primeira safra 2017/18. Como já comentado, esse movimento deve ser considerado normal em face da opção do produtor a utilizar o espaço para investimento em culturas mais rentáveis. Mesmo reduzindo a produção em 5,3 milhões de milho, deve-se observar que a produção estimada para 2017/18 é de 25,2 milhões de toneladas.

Deve-se comentar que o plantio da segunda safra de milho tem riscos climáticos e de mercado, que são avaliados pelo produtor. A partir do ano-safra 2011/12, com o aumento das exportações, com a exceção da safra 2015/16, o crescimento da safra tem sido constante.

Os riscos de mercado são diretamente ligados a fatores que determinam preços como a paridade de exportação

e a oferta e demanda do milho, onde, no atual cenário, de paridade baixa e maior oferta do cereal no país, aumenta o risco de diminuição da rentabilidade do produtor e, por consequência, pesa sobre a decisão de plantio do produtor de milho da segunda safra.

No que se refere ao risco climático, parte está diretamente relacionada com a janela de plantio do milho que, no caso da segunda safra, é bem mais curta e tem influência do período de colheita da soja, visto que o milho segunda safra é semeado na sequência da soja. Nessa safra houve atraso no plantio da oleaginosa em algumas regiões, o que pode impactar no plantio do cereal.

Obviamente que, cada produtor está analisando os riscos para a produção atual para definição de quanto plantar de milho na segunda safra. Contudo, mesmo que o produtor nacional esteja disposto a correr um certo risco, poderá optar pela utilização de pacote tecnológico “mais baixo” (sementes e fertilizantes, por exemplo), no intuito de minimizar perdas por prováveis interferências climáticas e de mercado.

Analisando as relações de troca, nos principais estados produtores, pode-se observar que o aumento do preço do milho tem impactado positivamente na compra de insumos pelo produtor. Essa situação ratifica os estudos da Conab que constataram que o produtor é tomador de preços, pois o fornecedor de insumos tem conhecimento do processo produtivo, da rentabilidade e suas necessidades, o que influencia a formação de preços.

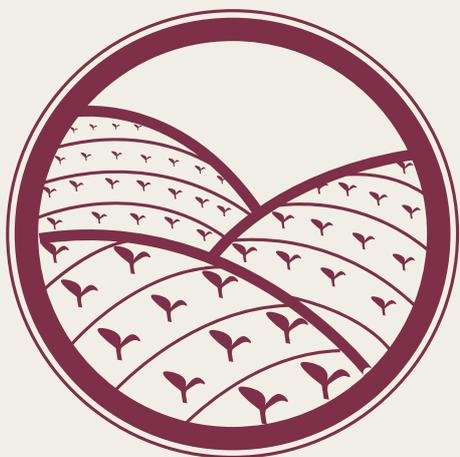
4.3. CONCLUSÃO

A Conab entende que as informações ora disponibilizadas podem contribuir com a compreensão do processo de plantio do milho segunda safra no Brasil.

A partir deste quinto levantamento da safra de grãos, a Companhia acompanhará, mensalmente, o processo de plantio e colheita do milho segunda safra, sempre observando o seu compromisso com a melhoria constante da qualidade e da transparência.

Na parte destinada ao relato do milho segunda safra, neste boletim, poder-se-á conhecer os resultados da tomada de decisão do produtor, ainda que tímidos.

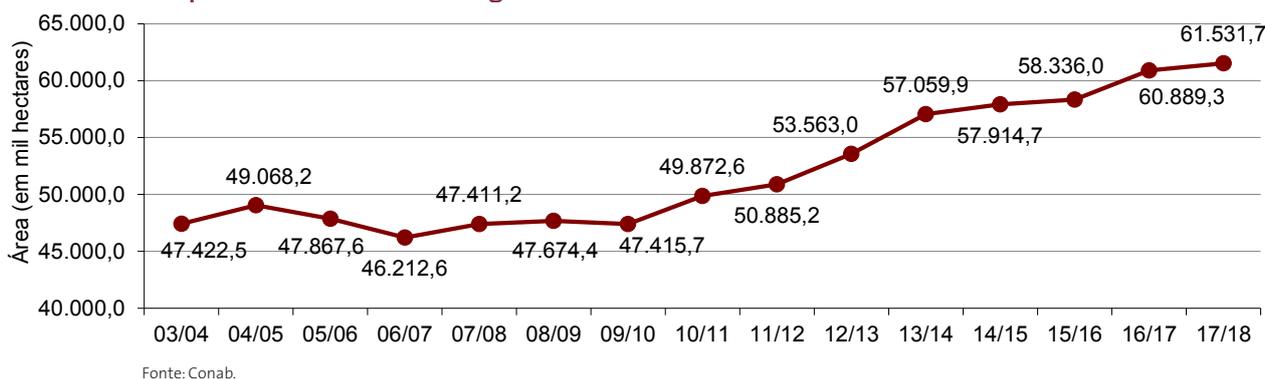
Importante realçar que a análise constante deste documento não tem a intenção de ser absoluta. No decorrer do acompanhamento da safra, a Conab poderá incluir outros fatores críticos, aqui não comentados, e que podem influenciar o plantio, a colheita e comercialização do milho.



5. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

As estimativas indicam para um incremento de 0,2% na área para o plantio da safra 2017/18, atingindo 61 milhões de hectares. Culturas com maior rentabilidade e liquidez, como soja e algodão, são as responsáveis pelo aumento na área.

Gráfico 1 – Comportamento da área de grãos no Brasil

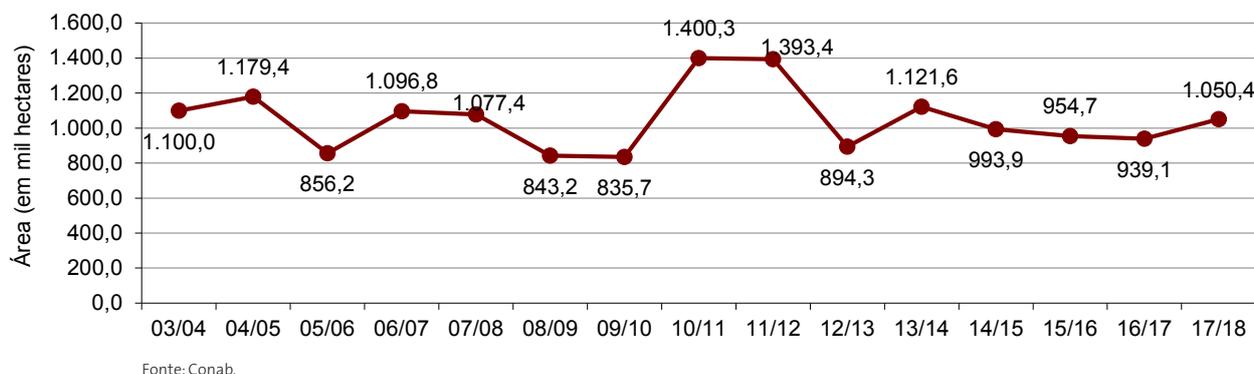


5.1. ALGODÃO

As perspectivas futuras de mercado permanecem responsáveis pelo forte aumento de área nas principais regiões produtoras. A estimativa atual é de que a

área brasileira atinja 1.102,3 mil hectares, 17,4% maior do que a safra anterior, um incremento equivalente a 163,2 mil hectares.

Gráfico 2 – Comportamento da área de algodão no Brasil

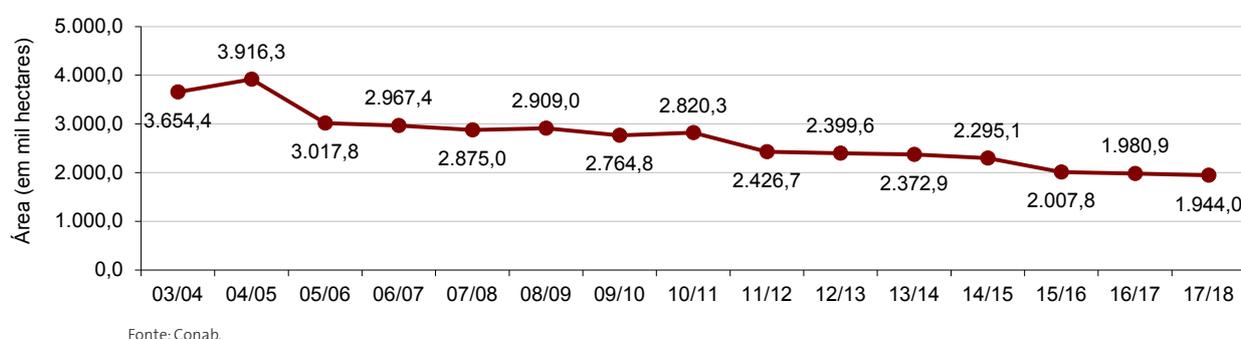


5.2. ARROZ

Permanece a estimativa de redução de área nos principais estados produtores. A expectativa é de que a área brasileira de arroz totalize 1.945,2 mil hectares, representando redução de 1,8% em relação à área da safra 2016/17. A tendência de redução em áreas de se-

queiro permanece nessa safra, sendo substituída por culturas mais rentáveis como soja e milho. A redução na área irrigada decorre da rotação com outras lavouras, realizada pelos produtores.

Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz no Brasil



5.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

As peculiaridades que envolvem a cultura do feijão, sobretudo em relação as dificuldades de manejo, os problemas sanitários, a possibilidade de clima chuvoso na época da colheita e problemas na comercialização, vinculados às exigências de qualidade, estabelecem forte pressão sobre o produto. Essas cir-

cunstâncias são particularmente verdadeiras para o grão produzido na primeira safra, que compete com lavouras mais rentáveis e seguras, desestimulando o aumento da área semeada. Os dados levantados pela Conab, apontam para uma redução de 5,3% na área de primeira safra de em relação à safra anterior.

Gráfico 4 – Comportamento da área de feijão primeira safra - Brasil

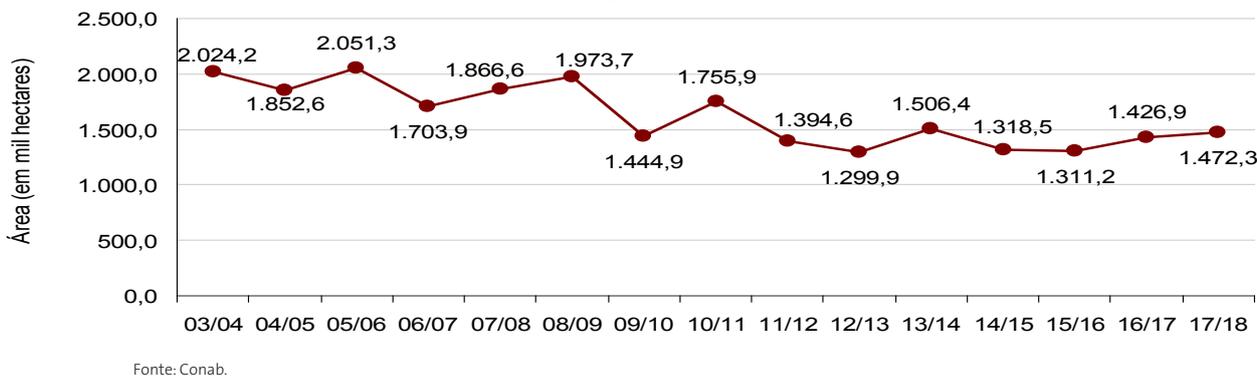


5.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A estimativa da segunda safra de feijão indica aumento na área plantada no país, tendo em vistas as chuvas em excesso que tem impactado a safra de feijão primeira safra. Porém, o Paraná, maior estado produtor dessa cultura na segunda safra, a estimativa é de queda na área semeada. A frustração do pro-

ductor decorrente das perdas na primeira safra é uma forte motivadora para esta redução, além do fato de que boa parte das lavouras de primeira safra tinham finalidade de produção de sementes para plantio na segunda safra.

Gráfico 5 – Comportamento da área de feijão segunda safra - Brasil



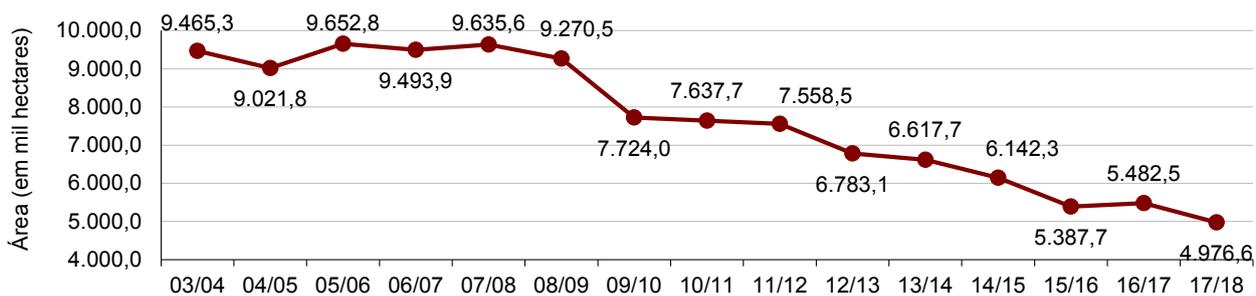
5.5. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Os impactos no preço, e consequente na comercialização da safra anterior, provocado pela grande produção da safra passada, trouxeram reflexos na área planta-

da da safra 2017/18, implicando numa forte redução da área plantada, estimada em 8,9%, comparado com a safra anterior.



Gráfico 6 – Comportamento da área de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

5.6. MILHO SEGUNDA SAFRA

Uma tendência observada em safras anteriores da transferência do plantio deste cereal da primeira para a segunda safra, após a colheita da soja, não deverá se verificar neste exercício, estando previsto uma re-

dução na expectativa de plantio da segunda safra do cereal de 5,6%, comparado com o ano anterior, a depender da janela climática prevista para o milho.

Gráfico 7 – Comportamento da área de milho segunda safra no Brasil



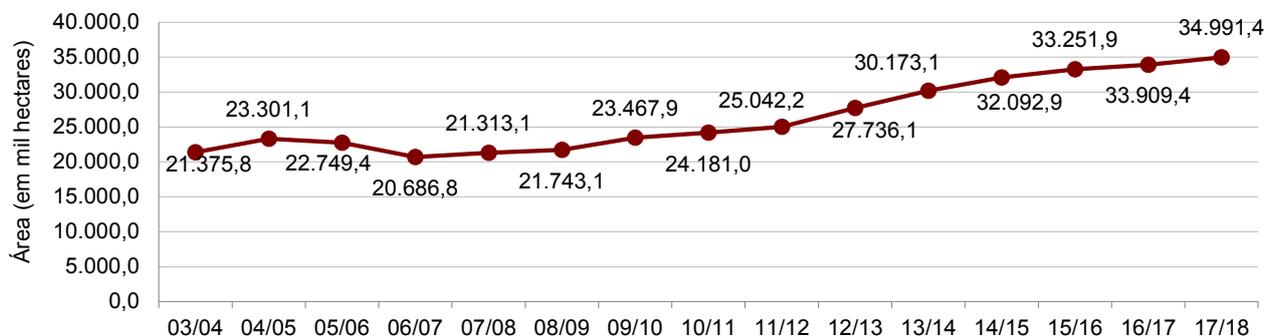
Fonte: Conab.

5.7. SOJA

A lavoura de soja tem sido a protagonista no aumento da área e produção de grãos no país. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem com que os produtores

se sintam estimulados a continuar apostando na cultura. Neste levantamento o crescimento da área está sendo estimado em 3,3% em relação ao ano passado, atingindo 35.022,8 mil hectares.

Gráfico 8 - Comportamento da área de soja no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.050,4	1.102,3	17,4	163,2
AMENDOIM TOTAL	129,3	138,7	145,1	12,2	15,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	127,7	134,2	13,4	15,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,0	10,9	(0,9)	(0,1)
ARROZ	1.980,9	1.944,0	1.945,2	(1,8)	(35,7)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	510,7	510,3	(2,7)	(14,1)
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.433,3	1.434,9	(1,5)	(21,6)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.154,8	3.167,1	(0,4)	(13,2)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.420,2	1.401,5	(3,2)	(45,8)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	332,0	322,8	(0,3)	(0,9)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.402,6	1.442,8	2,4	33,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.025,5	1.052,4	(5,3)	(58,6)
CORES	478,2	441,1	461,2	(3,6)	(17,0)
PRETO	174,7	183,0	180,7	3,4	6,0
CAUPI	458,1	401,4	410,5	(10,4)	(47,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.486,9	1.472,3	3,2	45,4
CORES	430,3	440,3	401,5	(6,7)	(28,8)
PRETO	134,7	134,7	127,8	(5,1)	(6,9)
CAUPI	861,9	911,9	943,0	9,4	81,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-
GIRASSOL	62,7	62,7	76,4	21,9	13,7
MAMONA	28,0	33,9	33,9	21,1	5,9
MILHO TOTAL	17.591,7	17.085,8	16.425,6	(6,6)	(1.166,1)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.976,6	4.992,6	(8,9)	(489,9)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	12.109,2	11.433,0	(5,6)	(676,2)
SOJA	33.909,4	34.991,4	35.022,8	3,3	1.113,4
SORGO	628,5	630,6	653,8	4,0	25,3
SUBTOTAL	58.449,9	59.092,3	58.572,2	0,2	122,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
AVEIA	340,3	340,1	340,3	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	108,4	108,4	108,4	-	-
TRIGO	1.916,0	1.916,0	1.916,0	-	-
TRITICALE	23,0	23,0	23,0	-	-
SUBTOTAL	2.439,4	2.439,4	2.439,4	-	-
BRASIL	60.889,3	61.531,7	61.011,6	0,2	122,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



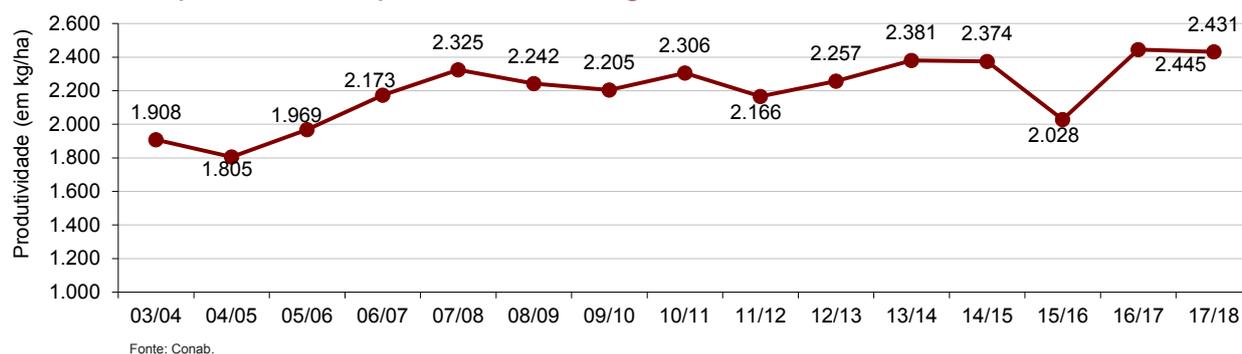


6. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

6.1. ALGODÃO

Para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. O método estatístico utilizado pela Conab, nesse momento, traduz essa característica e tem as penalidades climáticas das últimas safras observadas nos resultados. A estimativa é de produtividade próxima da safra passada. Na Região Centro-Oeste, onde concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades na atual safra, isso ocorre porque, nos estados dessa região, o algodão é uma cultura de custo de produção maior do que as outras culturas e, por isso, é cultivado nas melhores áreas das fazendas, além da melhor tecnologia disponível, isso possibilita uma estabilidade de produtividade melhor do que em outras regiões do país.

Gráfico 1 - Comportamento da produtividade de algodão no Brasil

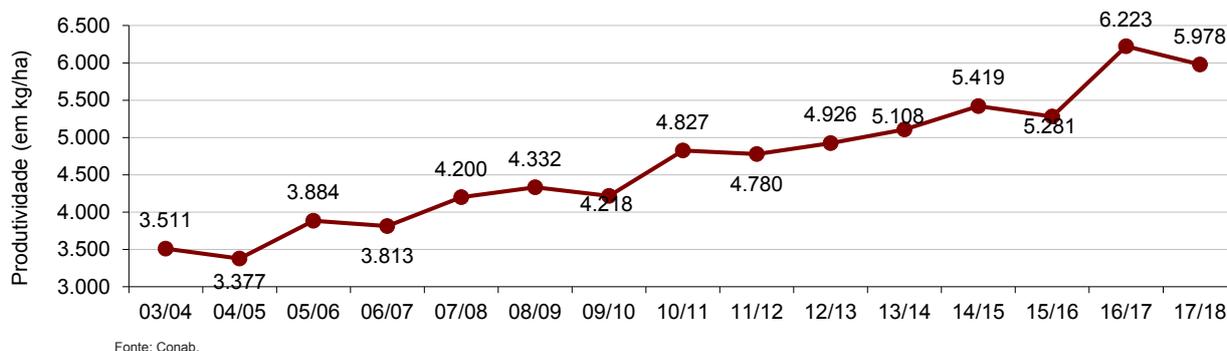


6.2. ARROZ

No cômputo geral, a estimativa de produtividade é de redução em relação à safra anterior, que teve um excelente comportamento. Deve-se destacar que as

estimativas de produtividade tem se mantido estável em relação aos levantamentos anteriores, frente as condições climáticas até o momento.

Gráfico 2 - Comportamento da produtividade de arroz no Brasil

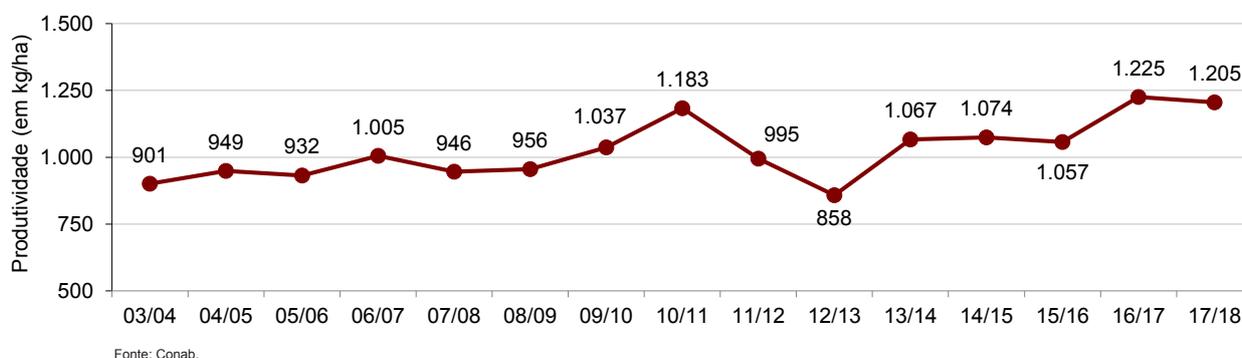


6.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O cultivo é considerado de risco pela baixa tecnologia, além dos problemas climáticos e sanitários. A estimativa é de leve redução na produtividade do feijão-comum cores (queda de 0,7%) e mais acentuada no feijão-comum preto (3,2%). No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução da produtividade em

3,8%, dada às condições de plantio e baixa tecnologia utilizada para o seu plantio. Nos principais estados produtores a produtividade da primeira safra de feijão aumenta apenas em São Paulo Minas Gerais, que apresenta condições melhores de plantio.

Gráfico 3 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Brasil

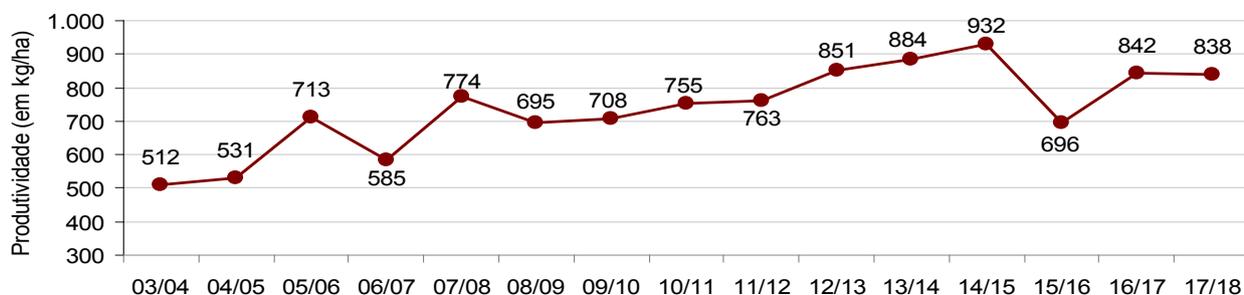


6.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, apontam para uma produtividade semelhante à safra

passada, com aumento para o feijão-comum cores e preto, e redução para o feijão-caupi.

Gráfico 4 - Comportamento da produtividade de feijão segunda safra no Brasil



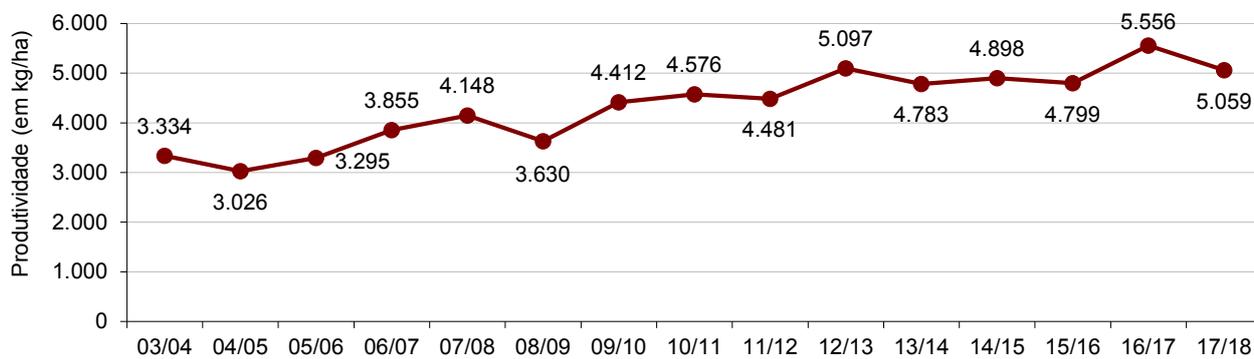
Fonte: Conab.

6.5. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A estimativa é de redução de 3,7% na produtividade do milho. O maior impacto, queda de 10,8% em relação ao exercício passado, se dará para o produto da primeira safra em função dos eventos climáticos no

sul do país. A expectativa de estabilidade para o produto da segunda safra, está associado a velocidade da colheita da soja, que se inicia nos principais estados produtores.

Gráfico 5 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

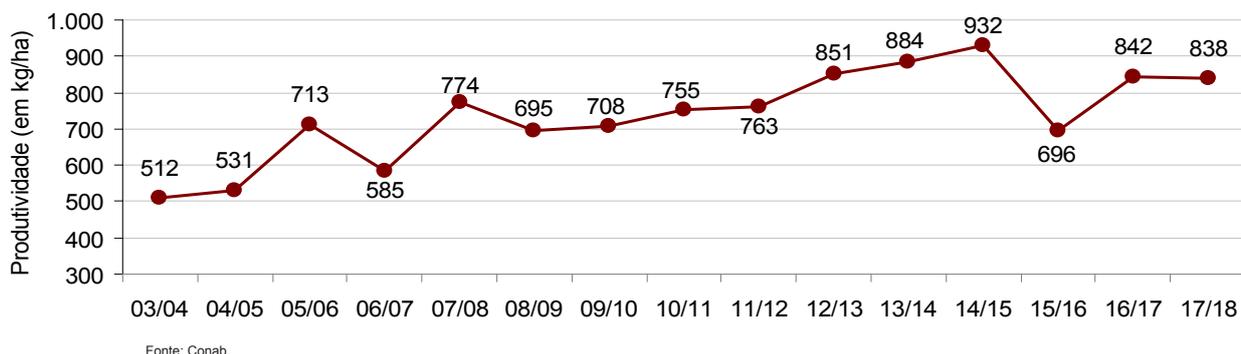
6.6. MILHO SEGUNDA SAFRA

A expectativa de estabilidade para o produto da segunda safra, está associado a velocidade da colheita

da soja, que se inicia nos principais estados produtores.



Gráfico 6 - Comportamento da produtividade de milho segunda safra no Brasil



6.7. SOJA

Excluindo os resultados da safra 2016/17, a produtividade média nacional esteve entre 2.629 e 3.115 kg/ha, nos últimos dez anos. A estimativa do rendimento

para a safra 2017/18 está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e se confirmada, será a segunda melhor produtividade do país.

Gráfico 7 - Comportamento da produtividade de soja no Brasil

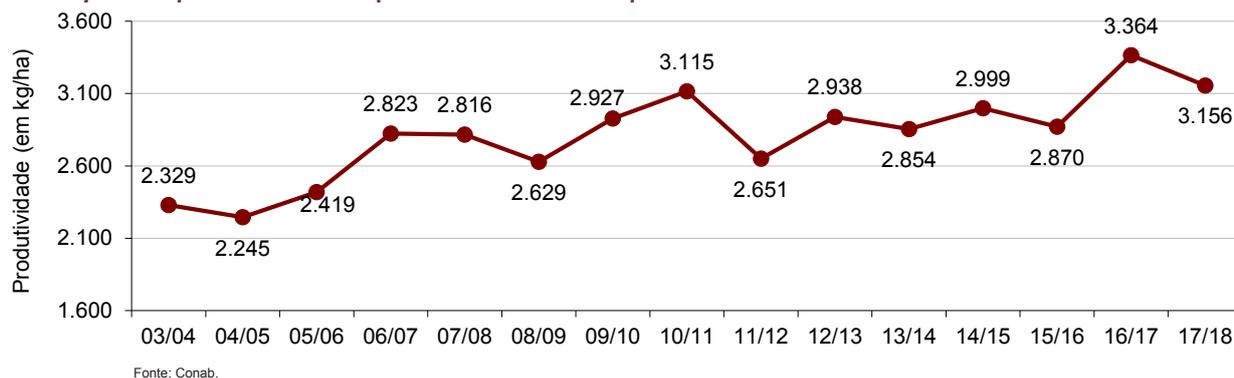


Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.431	2.433	(0,5)	(12,5)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	1.623	(0,4)	(6,0)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.452	3.441	(4,6)	(164,7)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.541	3.525	(4,9)	(183,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.413	2.400	(3,8)	(94,1)
ARROZ	6.223	5.978	5.984	(3,9)	(239,7)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.166	2.151	(8,3)	(195,8)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.337	7.347	(3,6)	(272,4)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.048	1.042	(2,5)	(26,9)
CORES	1.505	1.495	1.495	(0,7)	(10,3)
PRETO	1.568	1.581	1.518	(3,2)	(50,4)
CAUPI	506	470	496	(2,1)	(10,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.205	1.192	(2,7)	(33,0)
CORES	1.779	1.785	1.758	(1,1)	(20,1)
PRETO	1.829	1.749	1.636	(10,5)	(192,3)
CAUPI	416	319	359	(13,7)	(56,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	847	838	(0,5)	(3,8)
CORES	1.338	1.356	1.360	1,6	21,6
PRETO	1.338	1.448	1.444	7,9	105,3
CAUPI	516	512	512	(0,8)	(4,0)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.567	1.575	(4,7)	(77,7)
MAMONA	470	478	478	1,9	8,7
MILHO TOTAL	5.562	5.405	5.358	(3,7)	(204,0)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.059	4.956	(10,8)	(599,8)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.547	5.533	(0,6)	(31,2)
SOJA	3.364	3.156	3.185	(5,3)	(178,8)
SORGO	2.967	2.863	2.888	(2,7)	(79,0)
SUBTOTAL	3.976	3.768	3.751	(5,7)	(225,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
AVEIA	1.862,0	1.862	2.210	18,7	348,0
CANOLA	848,0	848	1.264	49,1	416,0
CENTEIO	1.722,0	1.722	1.917	11,3	195,0
CEVADA	2.602,0	2.602	2.984	14,7	382,0
TRIGO	2.225,0	2.225	2.431	9,3	206,0
TRITICALE	2.326,0	2.326	2.622	12,7	296,0
SUBTOTAL	2.164	2.164	2.402	11,0	238,0
BRASIL (2)	3.903	3.705	3.697	(5,3)	-205,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.





7. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada para a safra 2017/18 indica um volume de 225,6 milhões de toneladas. Apesar desse resultado ser 5,1% menor que o da última safra, a expectativa é que a produção expresse o comportamento normal de safras anteriores e essa redução ocorre, sobretudo, em virtude da última safra ter sido excepcional.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. A produção da soja está estimada em 111,5 milhões de toneladas, enquanto o milho deverá ter uma produção de 88 milhões de toneladas, distribuídos entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho seja 18,8% menor em relação à safra 2016/17, atingindo 24,7 milhões de toneladas.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,8 milhões de toneladas de pluma, representando aumento de 17% em relação à safra passada.

Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.553,6	2.681,6	16,7	383,3
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.703,4	1.789,0	17,0	259,5
AMENDOIM TOTAL	466,2	478,7	499,4	7,1	33,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	452,2	473,2	7,8	34,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,5	26,2	(4,4)	(1,2)
ARROZ	12.327,8	11.622,0	11.639,6	(5,6)	(688,2)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.106,3	1.097,9	(10,8)	(132,8)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.515,7	10.541,7	(5,0)	(555,4)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.307,3	3.300,2	(2,9)	(99,3)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.123	2.095	(3,8)	(83,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	525	490	(3,4)	(17,5)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	659	715	0,3	1,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.235,4	1.254,3	(7,8)	(106,3)
CORES	850,4	787,6	811,0	(4,6)	(39,4)
PRETO	319,5	320,0	295,7	(7,4)	(23,8)
CAUPI	190,7	127,9	147,6	(22,6)	(43,1)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.259,6	1.233,8	2,7	32,9
CORES	575,8	597,4	546,1	(5,2)	(29,7)
PRETO	180,2	195,1	184,6	2,4	4,4
CAUPI	445,0	467,2	503,2	13,1	58,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	98,2	120,4	16,1	16,7
MAMONA	13,1	16,2	16,2	23,7	3,1
MILHO TOTAL	97.842,8	92.347,7	88.006,7	(10,1)	(9.836,1)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.176,9	24.745,0	(18,8)	(5.717,0)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	67.170,9	63.261,6	(6,1)	(4.119,3)
SOJA	114.075,3	110.437,9	111.558,6	(2,2)	(2.516,7)
SORGO	1.864,8	1.805,5	1.888,4	1,3	23,6
SUBTOTAL	232.391,5	222.667,1	219.711,1	(5,5)	(12.680,4)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Jan/2018 (b)	Fev/2018 (c)		
AVEIA	633,8	633,8	752,0	18,6	118,2
CANOLA	40,8	40,8	60,8	49,0	20,0
CENTEIO	6,2	6,2	6,9	11,3	0,7
CEVADA	282,1	282,1	323,4	14,7	41,4
TRIGO	4.263,5	4.263,5	4.657,0	9,2	393,5
TRITICALE	53,5	53,5	60,3	12,7	6,8
SUBTOTAL	5.279,9	5.279,9	5.860,4	11,0	580,6
BRASIL (2)	237.671,4	227.947,0	225.571,5	(5,1)	(12.099,8)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	3.004,3	2,4	3.246	3.143	(3,2)	9.527,5	9.443,6	(0,9)
RR	54,8	54,8	-	4.210	4.093	(2,8)	230,7	224,3	(2,8)
RO	553,0	561,7	1,6	3.371	3.349	(0,7)	1.864,0	1.880,9	0,9
AC	46,8	46,4	(0,9)	1.976	1.976	-	92,5	91,7	(0,9)
AM	19,2	18,6	(3,1)	2.214	2.161	(2,4)	42,5	40,2	(5,4)
AP	23,5	23,5	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	(2,6)
PA	861,5	908,5	5,5	3.129	2.974	(5,0)	2.696,0	2.701,5	0,2
TO	1.376,1	1.390,8	1,1	3.301	3.198	(3,1)	4.543,1	4.447,8	(2,1)
NORDESTE	7.852,4	8.126,9	3,5	2.319	2.164	(6,7)	18.206,1	17.589,9	(3,4)
MA	1.565,3	1.710,3	9,3	3.061	2.922	(4,5)	4.790,7	4.997,3	4,3
PI	1.476,8	1.513,9	2,5	2.469	2.122	(14,0)	3.645,5	3.212,8	(11,9)
CE	932,0	932,0	-	591	501	(15,2)	550,4	467,2	(15,1)
RN	67,6	67,6	-	426	454	6,6	28,8	30,7	6,6
PB	179,5	186,0	3,6	393	378	(3,7)	70,5	70,4	(0,1)
PE	344,3	344,3	-	329	382	16,2	113,4	131,6	16,0
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)
BA	3.013,8	3.099,7	2,9	2.681	2.574	(4,0)	8.081,1	7.977,8	(1,3)
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.041,0	0,3	4.144	4.027	(2,8)	103.449,8	100.838,2	(2,5)
MT	15.119,1	15.119,2	-	4.100	3.957	(3,5)	61.986,5	59.831,8	(3,5)
MS	4.441,3	4.477,6	0,8	4.229	4.117	(2,7)	18.784,2	18.432,4	(1,9)
GO	5.241,5	5.282,5	0,8	4.173	4.112	(1,5)	21.873,1	21.721,7	(0,7)
DF	161,7	161,7	-	4.985	5.271	5,7	806,0	852,3	5,7
SUDESTE	5.486,0	5.467,9	(0,3)	4.221	4.082	(3,3)	23.157,8	22.319,0	(3,6)
MG	3.372,7	3.291,8	(2,4)	4.175	4.042	(3,2)	14.080,0	13.306,1	(5,5)
ES	24,0	24,0	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	(5,7)
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	1.956	0,9	9,3	8,8	(5,4)
SP	2.084,5	2.147,6	3,0	4.327	4.171	(3,6)	9.019,1	8.957,5	(0,7)
SUL	19.652,4	19.371,5	(1,4)	4.240	3.891	(8,2)	83.330,2	75.380,8	(9,5)
PR	9.732,7	9.467,4	(2,7)	4.197	3.876	(7,6)	40.851,4	36.698,6	(10,2)
SC	1.312,8	1.275,9	(2,8)	5.303	4.654	(12,2)	6.962,1	5.937,5	(14,7)
RS	8.606,9	8.628,2	0,2	4.127	3.795	(8,0)	35.516,6	32.744,8	(7,8)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.131,2	3,2	2.571	2.429	(5,5)	27.733,6	27.033,5	(2,5)
CENTRO-SUL	50.102,0	49.880,4	(0,4)	4.190	3.980	(5,0)	209.937,8	198.538,0	(5,4)
BRASIL	60.889,3	61.011,6	0,2	3.903	3.697	(5,3)	237.671,4	225.571,5	(5,1)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em fevereiro/2018.





8. CRÉDITO RURAL

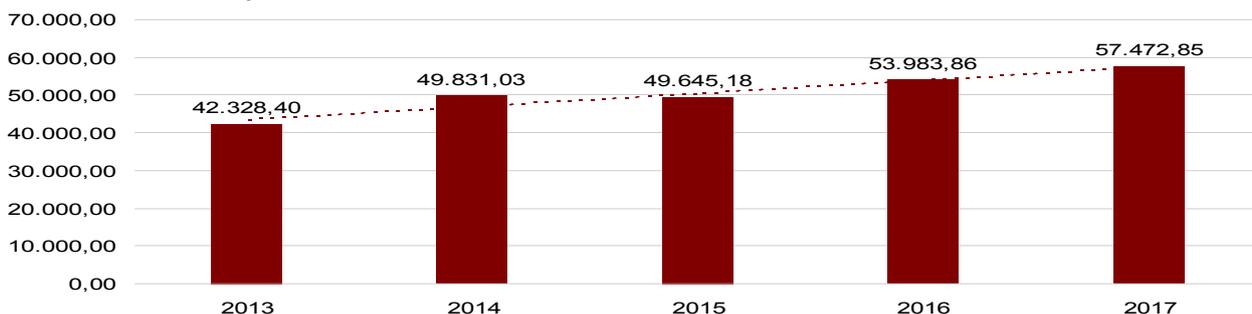
A compreensão do uso do custeio pelo produtor rural oferece a oportunidade de conhecer o movimento da safra brasileira. Neste documento, o foco das informações será o crédito registrado no Banco Central do Brasil, cujas informações têm origem no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), cujo acesso foi em 26 de janeiro de 2018. Foram extraídas as informações atualizadas até dezembro de 2017, no endereço eletrônico do Banco Central do Brasil, na internet.

As informações utilizadas para esse documento são dos recursos oriundos do crédito ofertado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e na modalidade Sem Vínculo a Programa Específico.

Nesse levantamento, torna-se possível analisar o comportamento de busca de crédito em todo o ano de 2017, finalizando uma análise completa, com respeito ao ano civil, detalhadamente, para cada mês do ano.

No acumulado, janeiro a dezembro, o valor observado é de R\$ 57,47 bilhões e apenas para dezembro o valor aportado foi de R\$ 4,01 bilhões. O aporte total observado em 2017 é o maior quando analisada a série disponível, de 2013 a 2017. O gráfico a seguir apresenta os valores totais para os anos disponíveis. Comparando o valor referente ao ano de 2017, percebe-se um incremento de 6,46% em relação ao total

Gráfico 1 - Total de aporte – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017

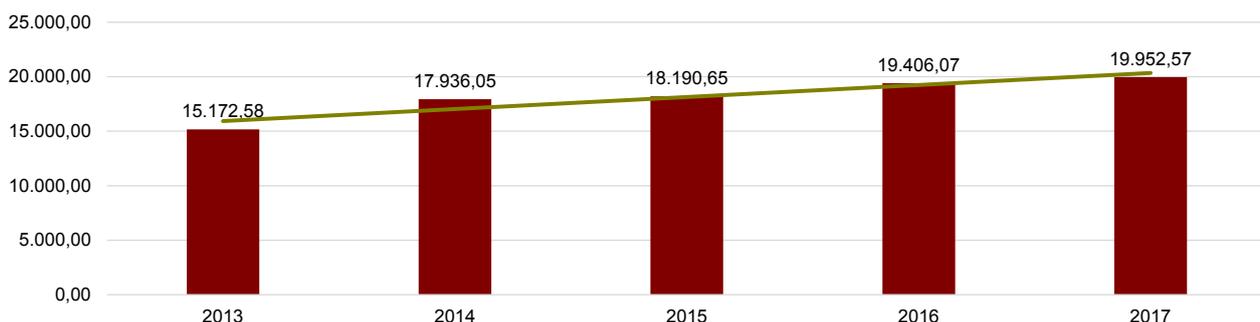


Fonte: Bacen.

Observando a utilização do crédito por região, pode-se notar que as Regiões Sul e Centro-Oeste representam em 2017, conjuntamente, 63,57% do aporte nacional. As Regiões Sudeste, Nordeste e Norte participam com 25,10%, 9,12% e 3,10%, respectivamente, do total de crédito utilizado em 2017. Essa distribuição de recursos guarda relação com a produção de grãos por região geográfica. Os gráficos abaixo indicam os valores utilizados em cada região.

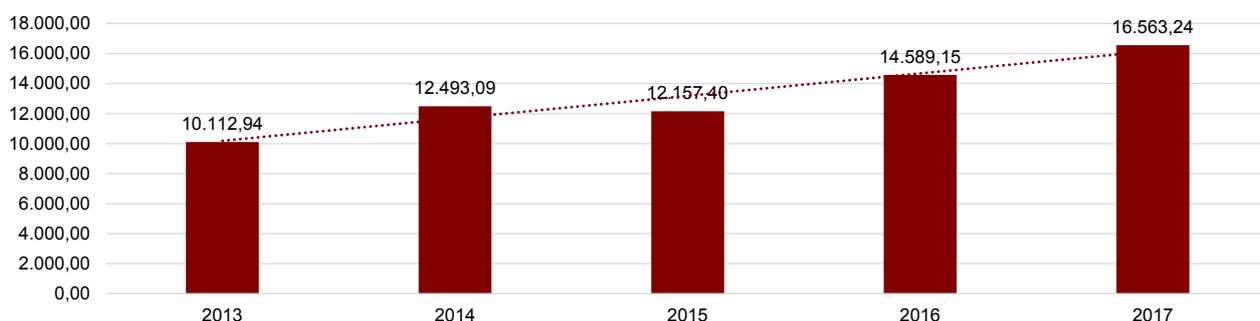
Em relação ao ano de 2016, o crescimento observado em 2017 foi de 2,81% para a Região Sul, maior recebedora de custeio; de 13,53% para o Centro – Oeste; de 3,54% para o Sudeste, de 6% para o Nordeste e de 26% na Região Norte. Pode-se inferir que o aumento para a Região Centro-Oeste tem sua explicação por ser a maior região produtora. No Norte, a abertura de novas áreas pode esclarecer esse incremento no uso do crédito.

Gráfico 2 - Total de aporte – Sul - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

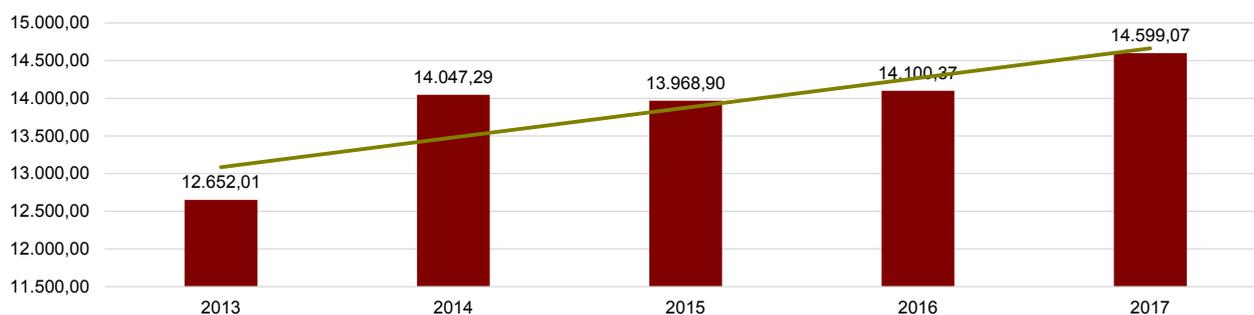
Gráfico 3 - Total de aporte – Centro-Oeste - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

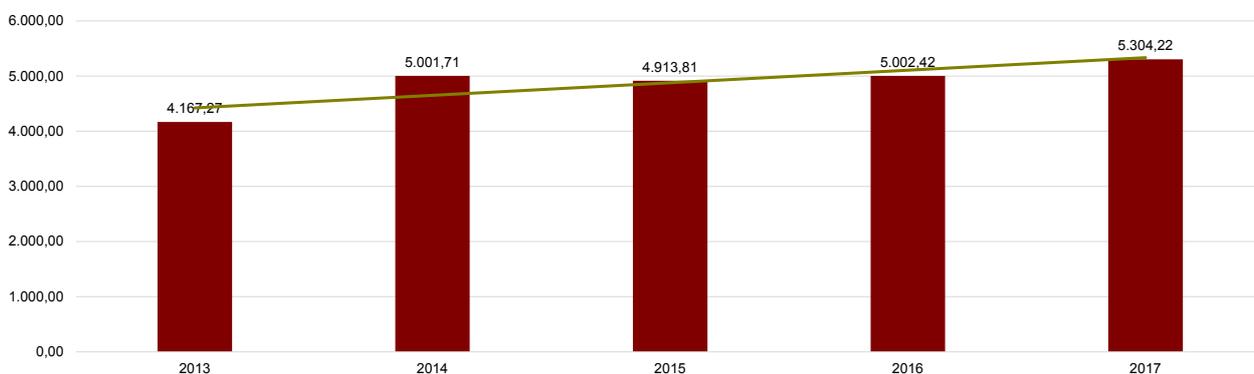


Gráfico 4 - Total de aporte – Sudeste - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



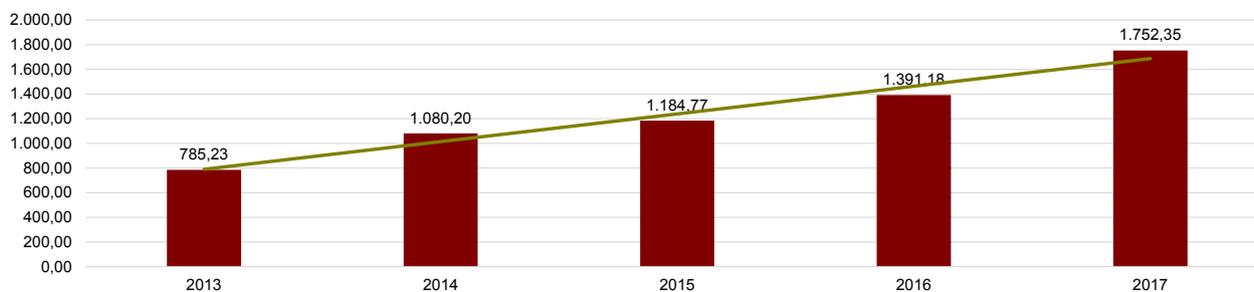
Fonte: Bacen.

Gráfico 5 - Total de aporte – Nordeste - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 6 - Total de aporte – Norte - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As principais culturas de grãos podem se resumir na produção de algodão, arroz, feijão, milho e soja, que são utilizadas para a indústria têxtil, fonte de alimentação, tanto humana como animal, e o atendimento

ao mercado externo. Nesse contexto, as análises a seguir serão focadas nessas culturas, que possuem distintas características e impactos na sociedade brasileira.

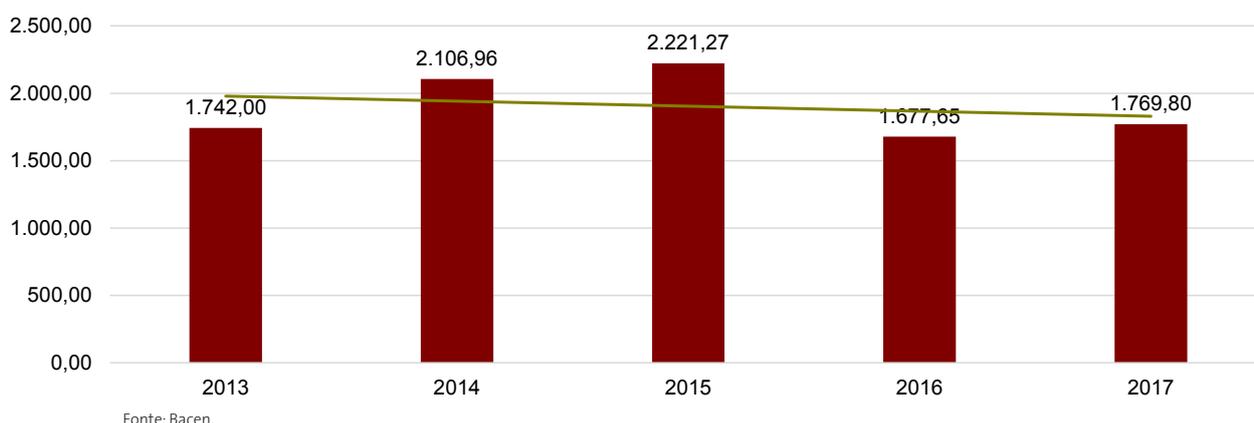


8.1. A CULTURA DO ALGODÃO

O financiamento de custeio para a cultura do algodão ocorre, prioritariamente, via aporte Sem Vínculo a Programa Específico, com cerca de 99% do total aportado, o que indica o perfil dos produtores da cultura, que exige alta tecnologia para sua produção.

O Gráfico 7 apresenta os valores acumulados de janeiro a dezembro para o algodão, apresentando retomada de aporte entre 2016 e 2017, com variação observada de 6%. O crescimento pode ser explicado pela tendência de aumento na produção, principalmente pelo incremento de área a ser utilizada.

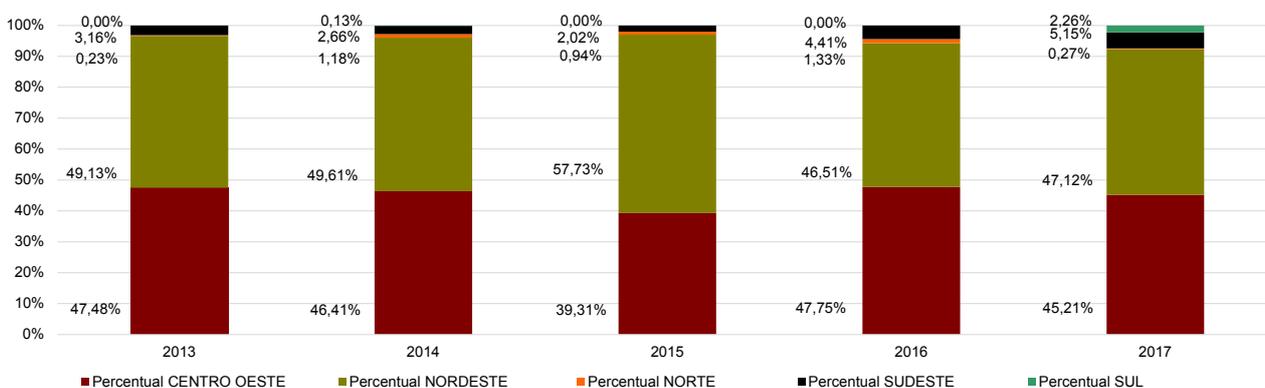
Gráfico 7 - Total de aporte – Algodão – Janeiro a dezembro



A cultura da fibra está fortemente concentrada na Bahia e Mato Grosso, corroborando as informações apresentadas no Gráfico 8, a qual apresenta as distribuições do aporte do algodão nas regiões brasileiras.

Cabe comentar que a estimativa da Conab é de aumento de área no Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. O Nordeste apresenta estimativa de crescimento na área plantada na ordem de 32%, enquanto o Centro-Oeste apresenta incremento em cerca de 4%.

Gráfico 8 - Distribuição do aporte – Algodão – Janeiro a dezembro



8.2. A CULTURA DO ARROZ

A produção de arroz nacional é realizada em duas distintas frentes, sejam elas o arroz de sequeiro e o arroz irrigado. Essas diferentes formas de produção merecem ser evidenciadas, pois possuem pacotes tecnológicos distintos e, conseqüentemente, geram níveis de produção diferenciados.

As Unidades da Federação com grandes áreas de se-

queiro como o Mato Grosso e o Maranhão, devem revelar uma diminuição na sua área, o que pode corroborar com a diminuição do aporte para suas regiões.

A área relacionada ao arroz irrigado é aquela com maior preponderância na produção nacional e pode-se observar a estimativa de pequena redução na área

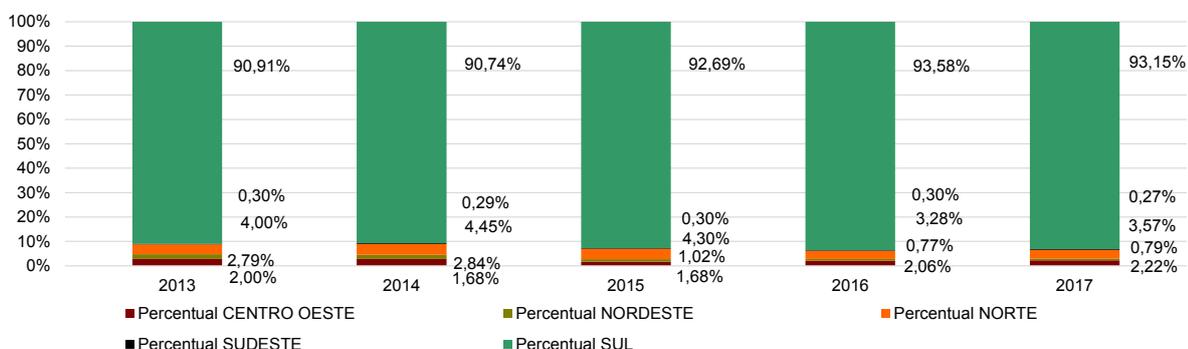


plantada. A Região Sul é aquela na qual estão situados os maiores produtores de arroz nacionalmente, em especial Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

Isso posto, para o período de janeiro a dezembro de 2017, o valor de aporte nacional foi de R\$ 2,14 bilhões

de reais, 11% superior ao observado no mesmo período anterior, janeiro a dezembro de 2016. Todavia, como citado anteriormente, a Região Sul é aquela que detém a maior parte da produção de arroz, esse fato é verificado na distribuição de aporte por região.

Gráfico 9 - Distribuição do aporte – Arroz – Janeiro a dezembro



Fonte: Bacen.

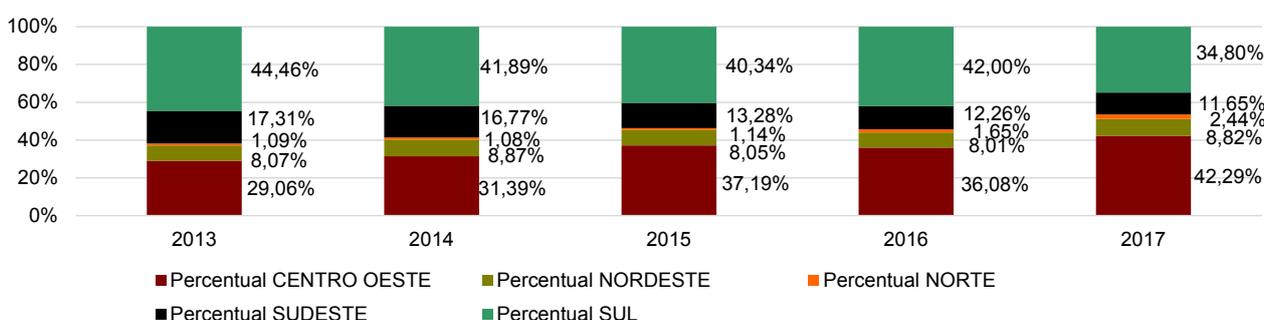
8.3. A CULTURA DO MILHO

A produção de milho é realizada em duas safras, sendo a primeira mais centralizada na Região Centro-Sul. A segunda safra, que é maior que a primeira, é plantada, principalmente, no espaço da soja colhida, no verão.

As regiões, entre 2013 e 2017 (janeiro a dezembro), apresentando forte participação das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. O aumento do crédito na Região Centro-Oeste é compatível com a opção do produtor em plantar o milho em sequência à soja. No geral, é a maior região produtora de milho.

O Gráfico 10 apresenta a distribuição do crédito pe-

Gráfico 10 - Distribuição do aporte – Milho - Regiões – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



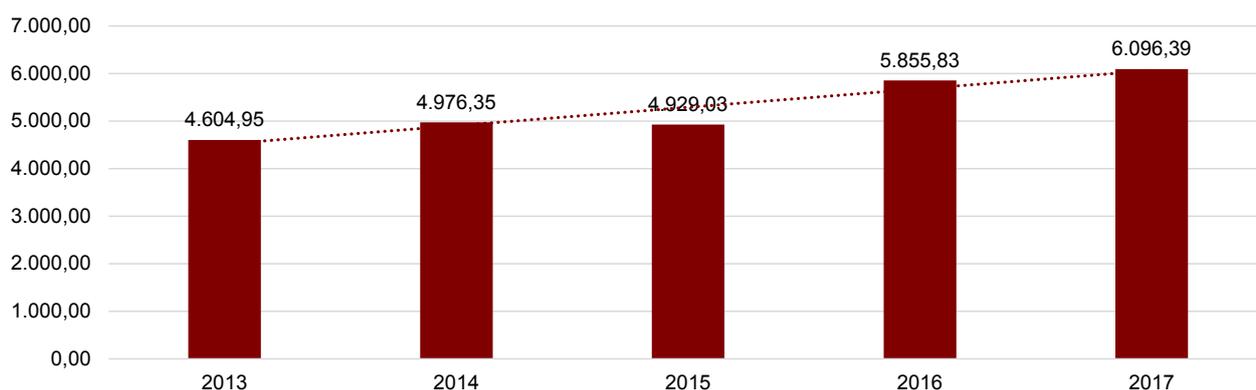
Fonte: Bacen.

No ano de 2017 – Janeiro a dezembro - os recursos utilizados no custeio de milho atingiram o montante de 9,2 bilhões de reais. O comportamento do crédito em 2017 é de redução na ordem de 6,56% em relação ao mesmo período de 2016, o que tem relação, dentre outras justificativas, com a redução da área de milho na primeira safra e com o grande estoque de passagem resultado da safra anterior.

Todavia, é salutar apresentar a manutenção da tendência de crescimento do aporte nos moldes sem vínculo específico a algum programa, com crescimento de 4,11% no período 2016/17, conforme apresentado na figura a seguir. Deve-se ressaltar que a produção de milho vem sendo cada vez mais estimulada pela utilização de melhores pacotes tecnológicos.



Gráfico 11 - Sem vínculo a programa específico – Milho – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



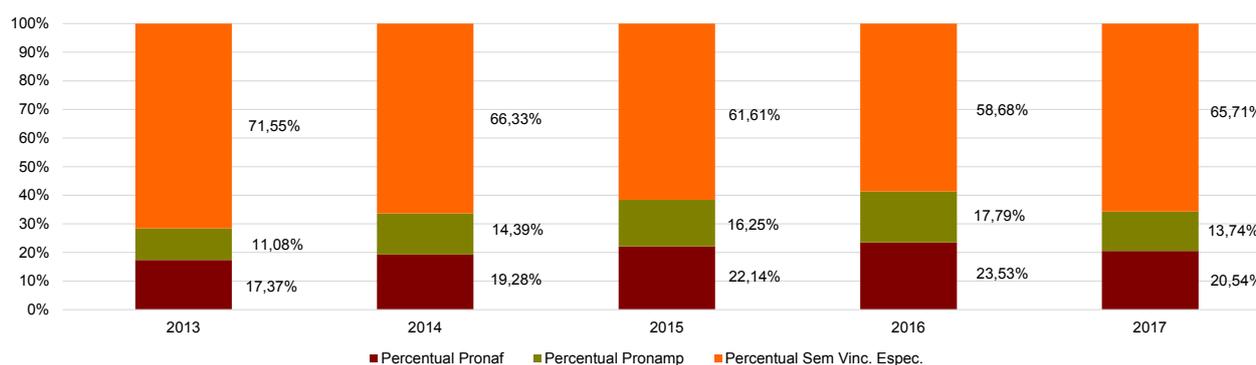
Fonte: Bacen.

8.4. A CULTURA DO FEIJÃO

A cultura do feijão possui três safras distintas e ocorre em todas as regiões brasileiras. Isso posto, em distintos momentos do calendário, é possível encontrar

plântio e colheita de feijão. A distribuição do aporte para a cultura do feijão é prioritariamente realizado Sem Vínculo a Programa Específico.

Gráfico 12 - Distribuição do aporte – Janeiro a novembro – 2013 a 2017

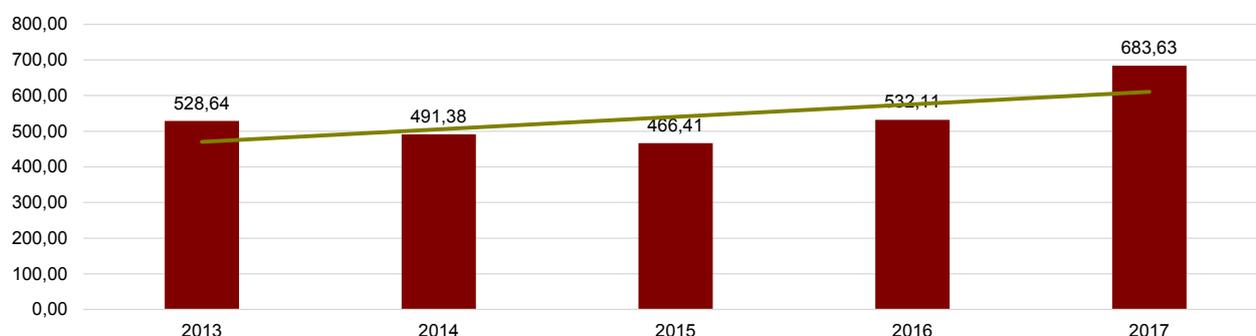


Fonte: Bacen.

Pode-se verificar, no valor agregado de Janeiro a Dezembro de 2017, um elevado crescimento no aporte para a cultura do feijão em todo o território nacional.

Entre 2016 e 2017, para os meses em análise, observa-se um incremento de 28,48%.

Gráfico 13 - Total do aporte – Feijão – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017.



Fonte: Bacen.



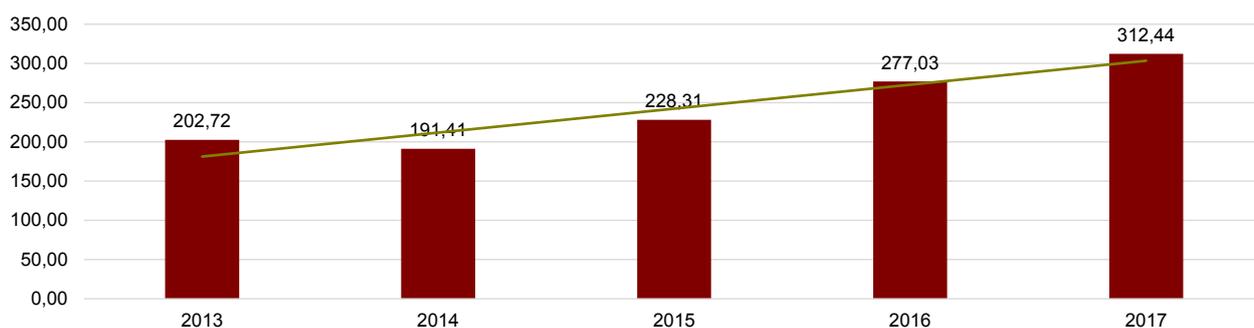
Fato importante consiste na verificação de o aumento acima apresentado persistir em quando analisados o PRONAF e para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico, com incrementos de 12,18% e 43,86%, respectivamente.

Como supracitado, a produção de feijão está espalhada por todo o território nacional. Todavia, é salutar evidenciar-se a produção na Região Sul, na qual, en-

contra-se a maior produção da cultura.

No Gráfico 14, observam-se os valores aportados para a Região Sul de 2013 até 2017. Verifica-se crescimento nas quantidades alocadas nessa cultura no ano de 2017. Além disso, ratifica-se esse comportamento com o valor acumulado de janeiro a dezembro, no valor de 312,4 milhões de reais, 12,78% maior que o mesmo valor observado em 2016.

Gráfico 14 - Total do aporte – Feijão – Região sul – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017

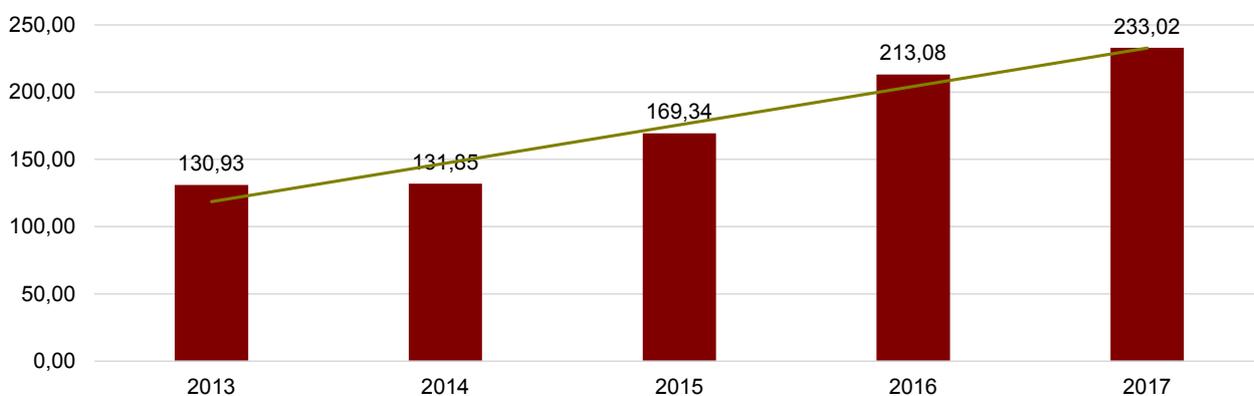


Fonte: Bacen.

Além disso, na Região Sul, uma das Unidades da Federação com maior representatividade na produção de feijão nacional é o Paraná. Nesse estado, observa-se

continua tendência de crescimento no valor aportado, com crescimento de 9,36% entre 2017 e 2016.

Gráfico 15 - Total do aporte – Feijão - Paraná – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

8.5. A CULTURA DA SOJA

A cultura da soja possui características fundamentais no escopo de toda a produção de grãos. O complexo soja é um dos atores principais na balança comercial brasileira.

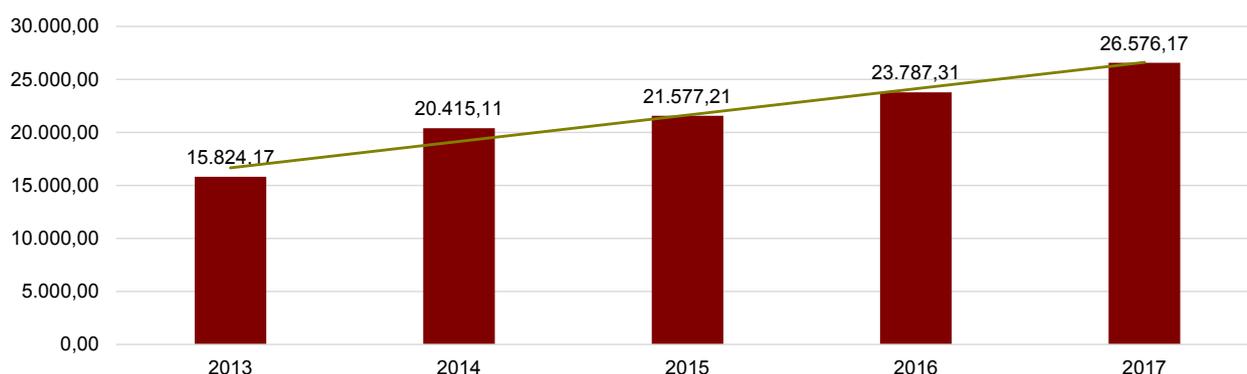
Isso posto, em paralelo com o aumento da demanda desse grão e seus produtos, observam-se consecutivos crescimentos na produção de soja e, consequentemente, incrementos nos valores aportados para

essa cultura.

O Gráfico 16 nos indica o aumento no uso do crédito em 2017 para a cultura da soja. Deve-se ressaltar que o valor é o maior na série em análise. O incremento é de aproximadamente 11,72% em relação a 2016, o que tem relação com a estimativa de produção da Conab, que indica o aumento de área para a produção de soja.



Gráfico 16 - Total do aporte – Soja – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017.

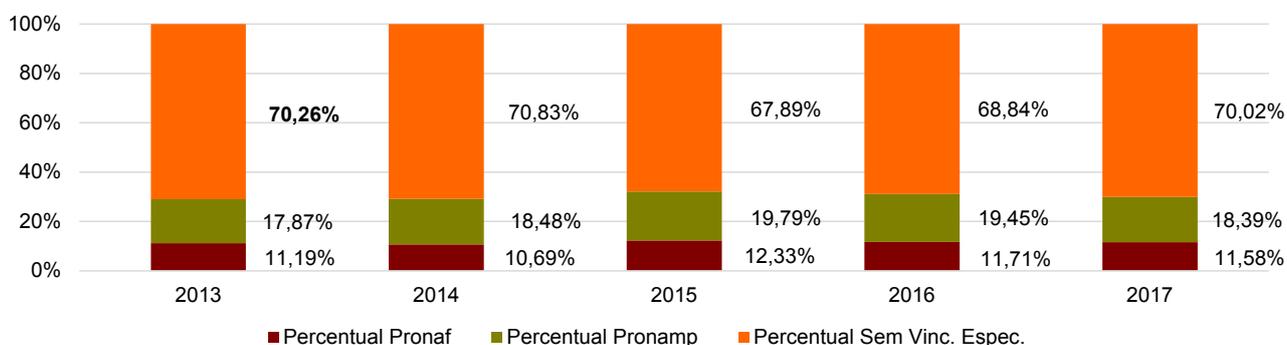


Fonte: Bacen.

O aporte para custeio da soja é, prioritariamente, efetuado Sem Vínculo a Programa Específico, evidencian-

do o perfil de produtores dessa oleaginosa. O Gráfico 17 apresenta a participação do crédito por programa.

Gráfico 17 - Distribuição do aporte – Soja – Janeiro a dezembro – 2013 a 2017

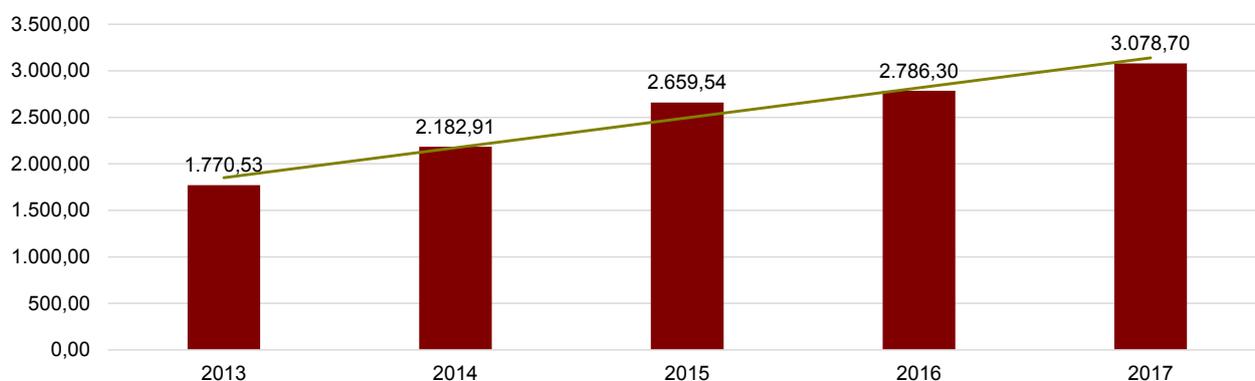


Fonte: Bacen.

É importante destacar o fato do crescimento de 12,78% no total de aporte supracitado estar diluído em todos os tipos de financiamento. Conforme verificado nos Gráficos 18, 19 e 20; tanto no Pronaf, no Pronamp

e na perspectiva Sem Vínculo a Programa Específico observam-se aumentos nos valores aportados, crescimentos de aproximadamente 10,49%, 5,68% e 13,64%, respectivamente.

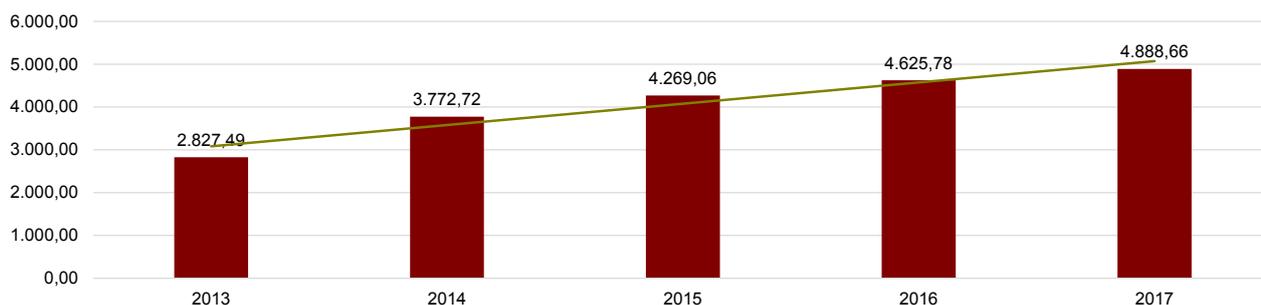
Gráfico 18 - Total de aporte – Soja – Pronaf - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

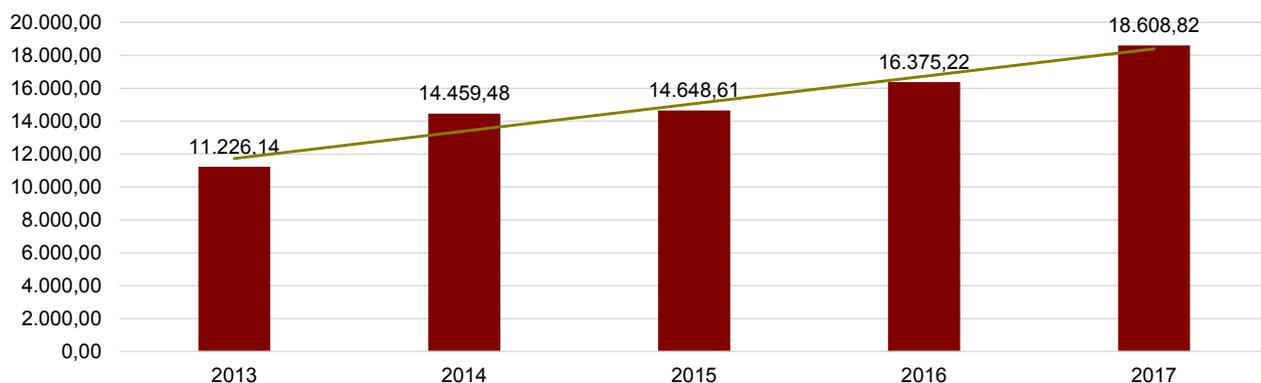


Gráfico 19 - Total de aporte – Soja – Pronamp - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 20 - Total de aporte – Soja – Sem Vínculo a Programa Específico - Janeiro a Dezembro – 2013 a 2017

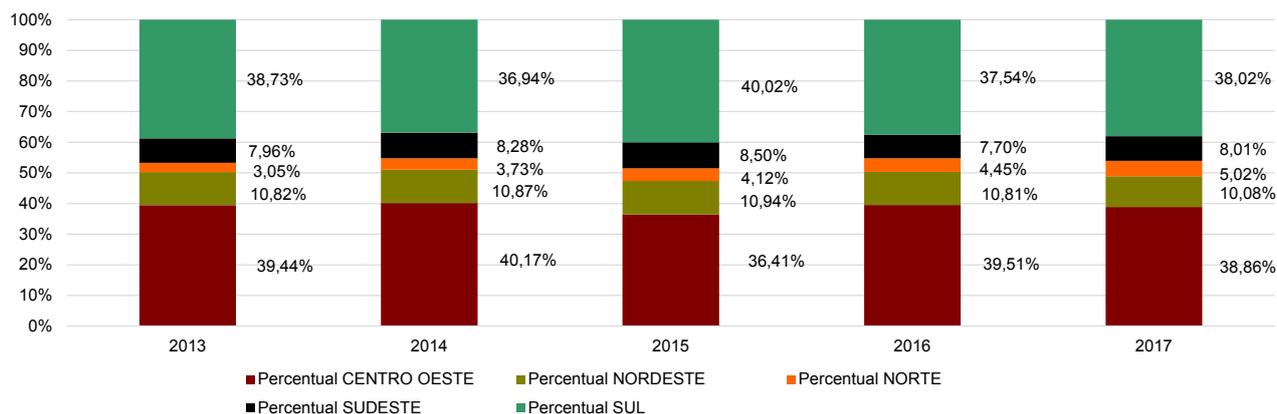


Fonte: Bacen.

Além disso, outro enfoque na análise dos valores aportados para a soja consiste nas visões das distintas regiões produtoras. As Regiões do Centro-Oeste e do Sul são as principais produtoras de soja no Brasil.

No Gráfico 21, observa-se que, de fato, essas regiões são aquelas com os maiores percentuais de valores aportados no custeio.

Gráfico 21 - Distribuição do aporte – Soja - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

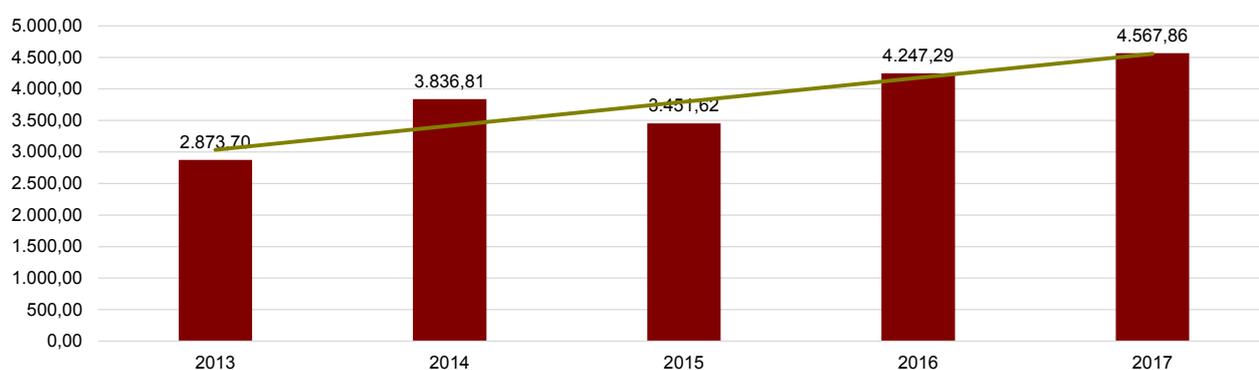


Assim, observa-se a grande participação do Centro-Oeste no contexto regional da produção da soja brasileira. Em virtude desse posicionamento estratégico vale ressaltar o crescimento observado no aporte dessa cultura em todas as Unidades da Federação presentes nessa região. Incrementos de 18,86%; 7,55%; 11,18% e 12,73% foram verificados no Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, respectiva-

mente.

No Gráfico 22, apresenta-se detalhadamente o histórico de aportes, acumulado entre Janeiro e Dezembro, para o Mato Grosso, Unidade da Federação que, em 2017, foi responsável por 44,23% do aporte realizado para a região.

Gráfico 22 - Distribuição do aporte – Soja – Mato Grosso - Janeiro a dezembro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





9. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

9.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO

Em praticamente todas as localidades das regiões Centro-Oeste e Sudeste foram registradas volumes de chuva satisfatórios, com totais predominantemente dentro da faixa normal, variando entre 150 e 350 mm (Figura 1). Em Matupá, norte do Mato Grosso, choveu em praticamente todos os dias, resultando em um volume de aproximadamente 350 mm. Na Região Sudeste, os maiores volumes se concentraram nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e centro-sul de Minas Gerais, com volumes de chuva entre 150 e 300 mm. No centro norte de Minas Gerais e no Espírito Santo, os volumes ficaram entre 40 e 120 mm, resultando em totais significativamente inferiores à média na maioria das localidades monitoradas pelas estações meteorológicas do INMET, como no caso de Araçuaí, norte de Minas Gerais, onde o volume registrado foi de apenas 25% da média histórica (Figura 2). Na Região do MATOPIBA (sul do Maranhão, Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia) as chuvas ficaram dentro da faixa normal ou abaixo no mês de janeiro. Os maiores volumes ocorreram principalmente no Estado do Tocantins. Na capital, Palmas, por exemplo, o volume total ficou acima dos 250 mm da média histórica. Contudo, outras localidades da região, como em Barra do Corda, no Maranhão, os volumes em torno de 100 mm ficaram abaixo da média do período (Figura 02).

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

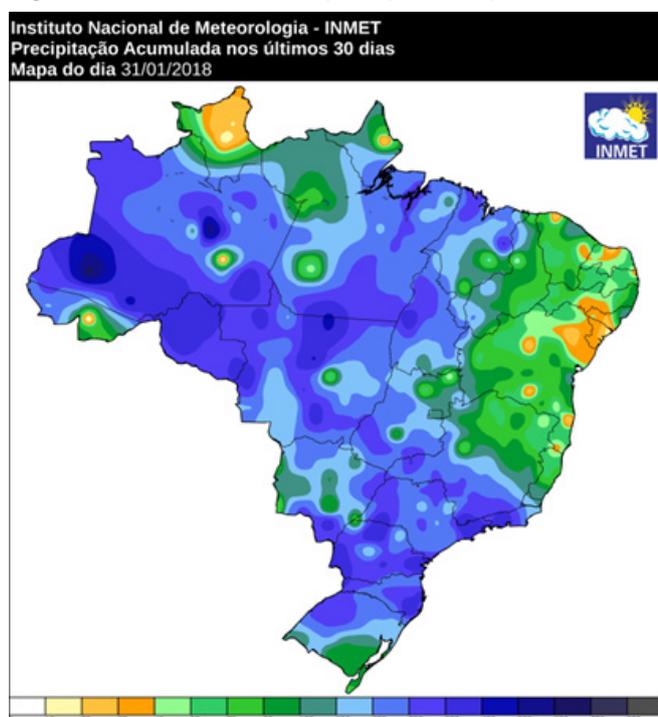
Na Região Sul, a precipitação acumulada em janeiro excedeu a média na maioria das localidades dos três estados (figura 1), contudo com maiores volumes e melhor distribuição temporal no Paraná, onde os volumes ficaram entre 200 e 400 mm, distribuídos ao longo de praticamente todo o mês. No Rio Grande do Sul, os totais ficaram entre 70 e 300 mm, porém com maior concentração na segunda quinzena.

Essas diferenças nos volumes e na distribuição temporal se deveram a atuação simultânea de um sistema de alta pressão na atmosfera superior sobre a Bolívia, conhecido como Alta da Bolívia (AB), posicionado um pouco mais à noroeste de sua posição climatológica durante os primeiros dez dias do mês, e de um vórtice ciclônico de altos níveis (VCAN) sobre o Nordeste do Brasil. Essa configuração atmosférica manteve o posicionamento semiestacionário de sistemas de

instabilidade que favoreceram as chuvas sobre o Paraná e estados vizinhos, enquanto o Rio Grande do Sul permaneceu sob a ação de um sistema de alta pressão centrado sobre o Uruguai e que inibia a formação de nuvens e, por consequência, a precipitação. Nos últimos dez dias do mês, com a ausência da alta pressão sobre Uruguai e o deslocamento da AB mais ao sul, as condições de instabilidade se reestabeleceram sobre toda a região e as chuvas apresentaram uma distribuição espacial mais uniforme nos três estados.

As anomalias positivas na temperatura da superfície do mar no Oceano Atlântico Sul próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai, na segunda quinzena do janeiro, aumentaram o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente, favorecendo ainda mais a instabilidade atmosférica e a precipitação (Figura 3).

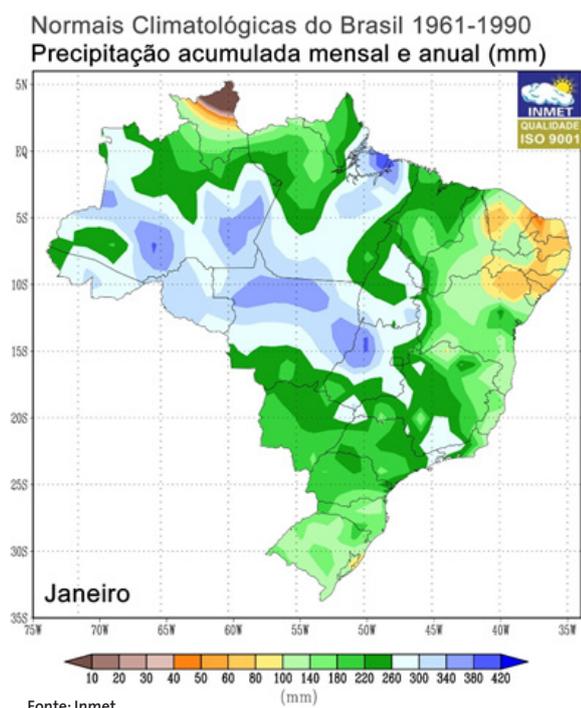
Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em novembro de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet.



Figura 2 - Normal climatológica de precipitação do mês de janeiro



9.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena do mês de janeiro (Figura 3) mostra o predomínio de áreas com anomalias negativas em torno de $-1,5^{\circ}\text{C}$ no Oceano Pacífico Equatorial, principalmente na sua porção mais oeste. Nos últimos dois meses, essa região oceânica tem apresentado alguma oscilação, porém mantendo sempre valores de desvio em torno de -1°C nos últimos 60 dias, como mostra o gráfico de índice diário de El Niño/La Niña da região 3.4 (entre 170°W - 120°W) até o dia 01 de fevereiro (Gráfico 1). Tal persistência é característica de formação de La Niña, confirmando que há um episódio do fenômeno em curso desde outubro de 2017.

Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre $+0,5$ e $-0,5^{\circ}\text{C}$.

As anomalias negativas de TSM no Atlântico Sul próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai ficaram mais intensas e na segunda metade de janeiro, favorecendo o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente, contribuindo para um aumento no volume de chuvas no estado gaúcho.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de dezembro de 2017

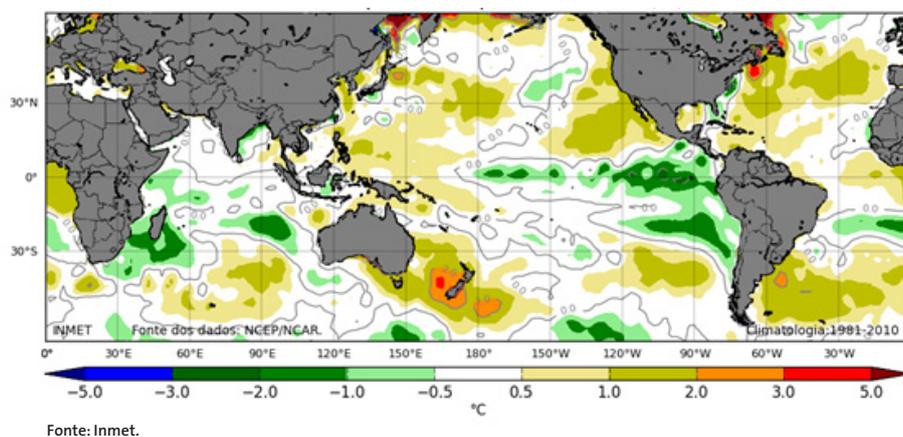
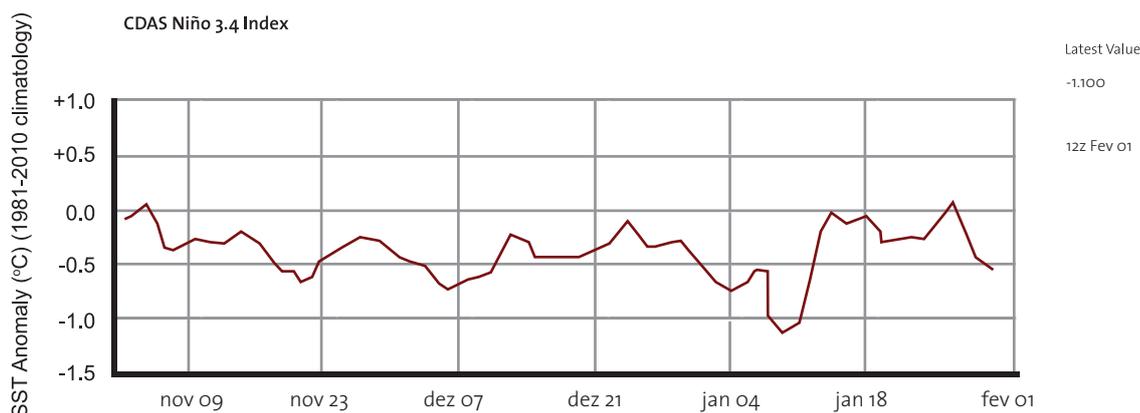


Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4

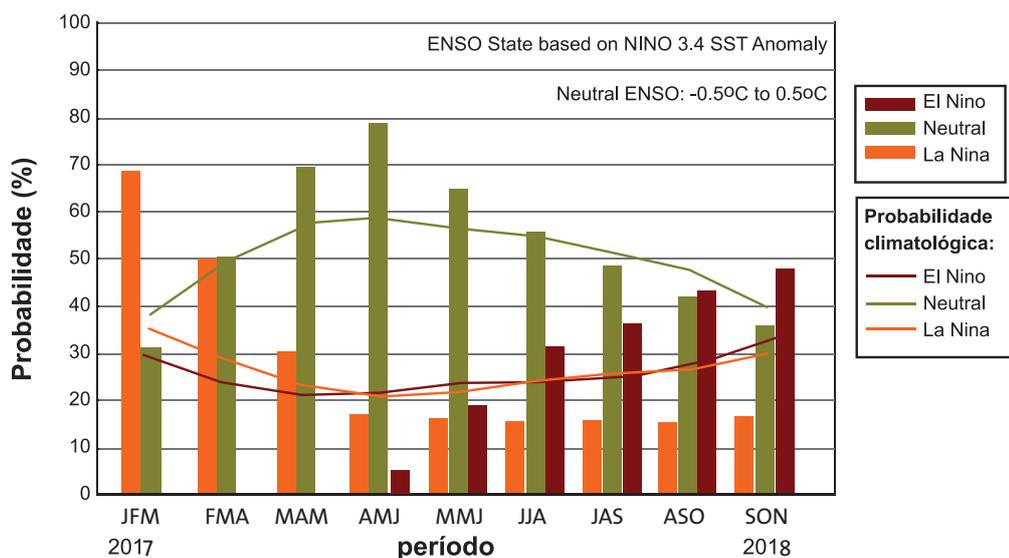


Fonte: Levi Cowan -tropicalidbits.com

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de ocorrência de um La Niña até início de 2018 (Gráfico 2). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, o fenômeno La Niña deve manter a intensidade moderada ou fraca até março ou abril, com forte probabilidade de entrar

em uma fase de neutralidade nos meses seguintes. Devido às oscilações das temperaturas na superfície do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas em outras áreas oceânicas, como no Atlântico, e das atualizações dos modelos de previsão.

Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.



9.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 6). O início do trimestre deve apresentar baixa pluviometria em quase toda a região, principalmente no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do INMET apresenta grande variabilidade espacial nas probabilidades. Áreas com maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás e centro-sul de Minas Gerais. Há possibilidade de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal em parte de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ressalta-se, ainda, que para este período a habilidade do modelo do INMET é

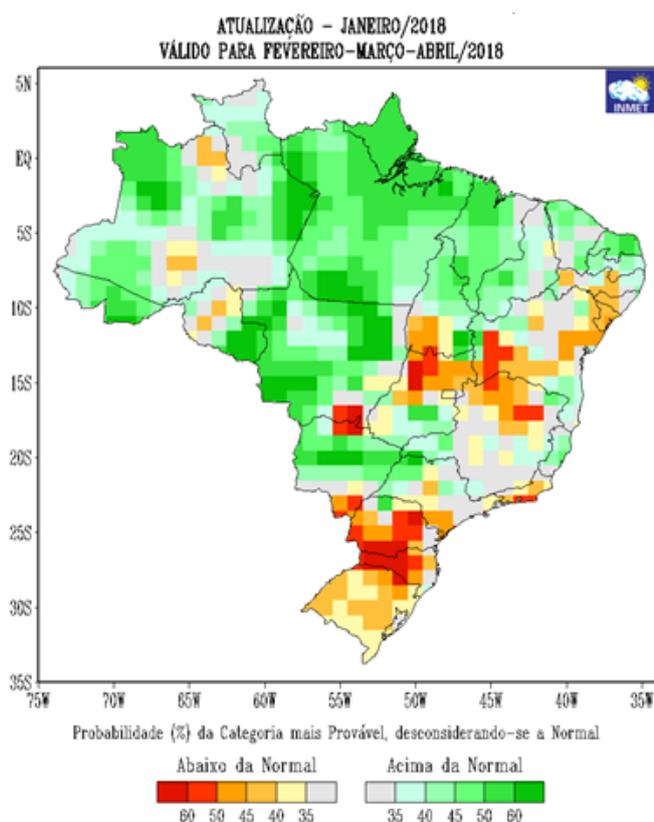
baixa nessas regiões.

Na Região do MATOPIBA, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou acima da faixa normal do trimestre na maior parte da região. Com probabilidades maiores no centro-norte do Tocantins, centro-sul do Maranhão e sul do Piauí.

No semiárido do Nordeste, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou acima na metade norte da região, segundo o modelo estatístico do INMET (Figura 6).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do INMET (www.inmet.gov.br).

Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do INMET para o trimestre FMA/2018



Fonte: Inmet.





10. ANÁLISE DAS CULTURAS

10.1 CULTURAS DE VERÃO

10.1.1. ALGODÃO

O quinto levantamento da lavoura de algodão aponta para crescimento na área plantada de 17,4% em relação ao exercício anterior, saindo de 939,1 mil hectares no ano passado, para 1.102,3 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada a apresentar crescimento na área plantada de 12,2%, quando comparada com o exercício anterior.

Em Mato Grosso, o plantio do algodão primeira safra, que se concentra predominantemente na região sudeste, está finalizado. O espaço dedicado à cultura saltou de 81,8 mil hectares no ciclo 2016/17, para 112,8 mil hectares na atual temporada. Parte do aumento se deve à incorporação de áreas de soja, substituídas pela pluma devido ao atraso das chuvas. Os talhões já semeados estão em desenvolvimento vegetativo e a avaliação da lavoura incipiente é considerada boa/ótima.

Figura 1 – Lavoura de algodão em Diamantino - MT



Fonte: Conab.

O cultivo do algodão segunda safra está transcorrendo bem. Na região oeste, maior produtora da pluma, o plantio atingiu 30% no fechamento de janeiro. A expectativa é que os trabalhos estejam finalizados até a segunda quinzena de fevereiro em todo o estado. Os bons preços, comparados ao milho segunda safra, e o clima favorável têm contribuído para o aumento do cultivo da pluma, que sairá de 546 mil hectares no ciclo 2016/17 para 590,5 mil hectares, no atual. Em termos gerais, na safra 2017/18, a cotonicultura tem expandido seu cultivo e atraído novos produtores para o ramo. Estima-se que, no atual ciclo, a área total seja de 703,1 mil hectares, ante 627,8 mil hectares no anterior, incremento de 12% no período.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura é plantada em duas modalidades: algodão primeira e segunda safras. A área da primeira safra representa aproximadamente 80% do total cultivado e já foi toda plantada no estado. Já o algodão segunda safra é plantado após a colheita da soja, apesar de também possuir algodão primeira safra, a região norte e nordeste do estado concentra a área de segunda safra, principalmente nos municípios de Costa Rica e Chapadão do Sul. A previsão é de término das operações de plantio até 31 de janeiro, para adequar o ciclo da cultura com o período de vazio sanitário na região, o qual inicia em 15 de setembro. A área de plantio estimada no estado é de 30 mil hectares, onde mais de 95% da área plantada ocorre no norte e nordeste do estado, sendo 24 mil na modalidade algodão safra. A produtividade média ponderada para o algodão safra e safrinha é de aproximadamente 4.425 Kg/ha de algodão em caroço.

Nos municípios de Sidrolândia e em Aral Moreira, onde

a cultura foi plantada mais cedo em relação às demais regiões, por questão do vazio sanitário, a cultura está na fase reprodutiva e maturação, quando se intensifica as medidas de controle para o bicudo do algodoeiro, ocorrendo as aplicações de inseticidas em área total, para o controle da praga. De acordo com os dados levantados, as pragas e doenças estão controladas, todo procedimento para o controle foi executado de maneira eficiente. Para a cultura se adota um sistema de rotação de cultura, isso tem apresentado resultados satisfatórios no controle das principais pragas. Para as lavouras em estádios mais avançados há relatos de ataques de algumas pragas e doenças, e estão sendo feitos o controle de bicudo, pulgões e fungos através de aplicações de agroquímicos, além das adubações nitrogenadas de cobertura. Para as regiões de Sidrolândia e Aral Moreira, aproximadamente 50% da cultura está em frutificação e 50% em maturação. Há a expectativa de uma boa safra da cultura no estado, caso se mantenha as condições climáticas. As condições das lavouras foram classificadas como boas, visto que não foi diagnosticado nenhum evento que causasse algum dano significativo. Até o momento pouco produto foi comercializado os preços pagos aos produtores estão similares aos da safra anterior. Embora haja essas especificidades quanto ao preço e custos, considera-se o mercado do algodão estável para o estados sem grandes oscilações de preço.

Em Goiás, a área está 25,8% maior que a safra anterior, incremento também na produtividade de 8% em relação a 2106/17. Ainda existem áreas que não foram cultivadas (algodão safrinha) principalmente na região sudoeste do estado. Em torno de 20% da área de Chapadão do Céu ainda serão semeadas nos próximos dias. O atraso no plantio do algodão ocorreu nas áreas que receberam feijão primeira safra que, por sua vez, justificava-se devido ao atraso das chuvas para início do plantio do feijão, bem como o excesso das chuvas no momento da colheita deste. Na região leste do estado o algodão segunda safra é plantado após a colheita de soja superprecoce sob pivô. Na região leste do estado o custo de produção da cultura de primeira safra está em torno de 250 arrobas para um rendimento esperado de 300 arrobas, e 190 arrobas para a cultura em segunda safra também para um rendimento esperado de 300 arrobas. Neste momento em que as áreas plantadas se encontram em fase vegetativa, medindo cerca de 10 a 20 cm, e plantas ainda em emergência onde o plantio foi finalizado recentemente com algodão segunda safra. Os produtores já fazem as primeiras pulverizações bem como iniciaram o monitoramento do bicudo do algodoeiro.



Figura 2 - Área de algodão entre Montividiu e Caiapônia- GO



Fonte: Conab.

Figura 3 - Área de algodão em Palmeiras de Goiás-GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, o cultivo de algodão apresentará forte crescimento, ora estimado em 47,8%, quando comparado com o do exercício passado.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 36,5% na área de algodão, que deve passar de 15,6 mil hectares para 21,3 mil hectares, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras (Noroeste, Alto Paranaíba e Norte de Minas), refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como às boas expectativas de mercado para a safra que se inicia. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projetando-se uma produtividade média de 3.675 kg/ha, a produção poderá alcançar 78,3 mil toneladas. O plantio de algodão em Minas Gerais tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário de 60 dias instituídos pelo

IMA, medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e proteção da produção mineira quanto aos prejuízos ocasionados pela praga. De maneira geral, o plantio é realizado a partir de dezembro, de forma que as lavouras da safra de verão se encontram em diferentes estádios de desenvolvimento, desde desenvolvimento vegetativo até floração. As lavouras de safrinha ainda não foram plantadas.

Em São Paulo, a cultura segue em condições climáticas excelentes. Chuvas constantes. As lavouras do algodão estão boas e estão nas seguintes condições de estágio, 10% em desenvolvimento vegetativo, 60 % em início de florescimento e 30% em frutificação. A área confirmada está em 5,9 mil hectares. Se comparada com a safra anterior houve uma retomada considerável, crescimento de área sinalizado em 111,7% e, conforme as informações prestadas anteriormente e confirmadas neste levantamento, a produção está toda negociada e comercializada, fato que só veio a estimular os produtores de algodão da região. A colheita do algodão se dará em abril e maio, com a hipótese de haver um percentual de entrada de safra antecipada para meados de março. Fato que se explica em razão do plantio por parte de alguns produtores ter ocorrido um pouco mais cedo.

O consumo do algodão segue em expansão, favorecendo, dessa forma, o mercado regional e também a exportação. Fato que fez a região de Holambra incrementar as áreas de plantio. As condições climáticas para a cultura do algodão seguem excelentes. Os produtores locais aderiram para esta safra novas colheitadeiras que irão trazer um ganho considerável na eficiência da colheita, otimizando assim, o sistema de colheita dos produtores de algodão da região. Para o algodão, no que se refere à área e à produtividade, não há maiores alterações.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a tendência é de forte aumento na área plantada, atingindo no levantamento atual 31,6% em relação ao plantio passado. Com isso, os produtores irão recuperar as áreas que deixaram de ser cultivadas com algodão e cedidas para a soja, nas duas últimas safras.

Na Bahia, as lavouras de algodão se estendem por 270,3 mil hectares nas terras baianas, com a expectativa de produzir 641,8 mil toneladas de caroço e 427,8 mil toneladas de pluma. A cultura do algodão passa por um bom momento, havendo expansão de 34,1% da área cultivada. Os ótimos resultados obtidos na safra 2016/17 estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura, movido pelas ótimas produtividades e pela boa expectativa de um bom clima. O cultivo do algodão ocorre no extremo oeste, no centro sul e no Vale do São Francisco. Os plantios são realizados em sistemas irrigados e sequeiro, com cultivo convencional ou plantio direto. No extremo oeste a área de plantio para



o algodão em sequeiro está estimada em 225 mil hectares e os plantios estão finalizados. As áreas irrigadas devem ocupar 35 mil hectares e serão cultivadas em fevereiro e março, após a colheita da soja. No centro sul e no Vale do São Francisco, os cultivos são realizados em sequeiro, com irrigação por gotejamentos, fomentando a produção da agricultura familiar e sob sistema de pivô central. As lavouras de sequeiro e gotejo estão no início da fase reprodutiva, emitindo as primeiras flores e apresentando ótimo aspecto fitossanitário. As lavouras irrigadas no sistema de pivô central serão cultivadas em março, após a colheita da soja. Estima-se que nas duas regiões sejam cultivados cerca de 10 mil hectares.

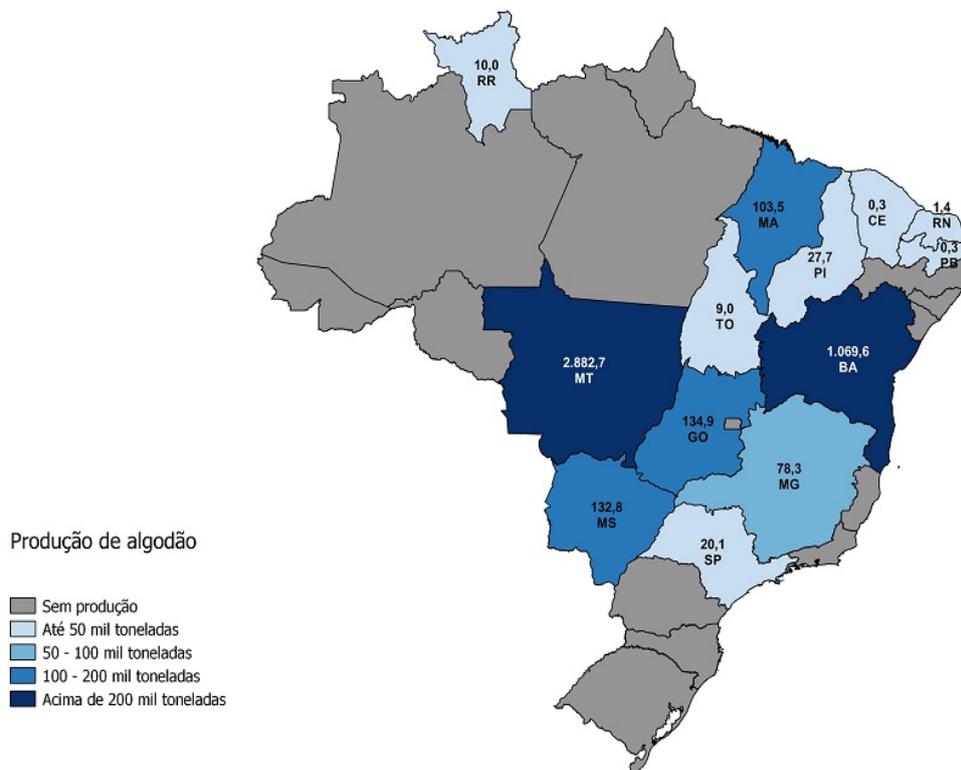
No Maranhão, as lavouras de algodão herbáceo primeira safra foram bem estabelecidas, principalmente em razão das condições climáticas favoráveis. Para esse levantamento se constata incremento de área de 11,6%, com área total estimada em 25,1 mil hectares. Nesse levantamento se constatou um acréscimo de área de algodão herbáceo segunda safra de 24,08%, passando de 3.600 mil hectares para 5.374 mil hectares, grande parte desta área substituiu a área de algodão primeira safra no município de Balsas. O cultivo de algodão safriinha tem chamado a atenção das propriedades por ser possível o seu cultivo em sucessão à lavoura de soja, o que aumenta o rendimento por área da propriedade e quebra o ciclo de algumas pragas e doenças.

Figura 4 - Lavoura de algodão no início da fase reprodutiva, Malhada-BA. Janeiro de 2018



Fonte: Conab.

Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
		Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
Sul Goiano - 1ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
Sul Goiano - 2ª Safra						P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	5,3	(27,4)	3.540	3.588	1,4	25,8	19,0	(26,4)
RR	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.220	0,8	15,3	9,0	(41,2)
NORDESTE	230,8	303,7	31,6	4.226	3.960	(6,3)	975,3	1.202,8	23,3
MA	22,5	25,1	11,6	3.915	4.122	5,3	88,1	103,5	17,5
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.851	9,6	19,7	27,7	40,6
CE	0,4	0,4	-	1.083	625	(42,3)	0,4	0,3	(25,0)
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,4	-	819	669	(18,3)	0,3	0,3	-
BA	201,6	270,3	34,1	4.293	3.957	(7,8)	865,5	1.069,6	23,6
CENTRO-OESTE	682,6	766,1	12,2	4.042	4.112	1,7	2.758,9	3.150,4	14,2
MT	627,8	703,1	12,0	4.027	4.100	1,8	2.528,2	2.882,7	14,0
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.425	1,7	124,4	132,8	6,8
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
SUDESTE	18,4	27,2	47,8	3.684	3.618	(1,8)	67,8	98,4	45,1
MG	15,6	21,3	36,5	3.739	3.675	(1,7)	58,3	78,3	34,3
SP	2,8	5,9	111,7	3.377	3.413	1,1	9,5	20,1	111,6
NORTE/NORDESTE	238,1	309,0	29,8	4.205	3.954	(6,0)	1.001,1	1.221,8	22,0
CENTRO-SUL	701,0	793,3	13,2	4.032	4.095	1,6	2.826,7	3.248,8	14,9
BRASIL	939,1	1.102,3	17,4	4.076	4.056	(0,5)	3.827,8	4.470,6	16,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	5,3	(27,4)	1.387	1.397	0,7	10,1	7,4	(26,7)
RR	2,5	2,5	-	1.596	1.520	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.288	0,8	6,1	3,6	(41,0)
NORDESTE	230,8	303,7	31,6	1.693	1.587	(6,3)	390,7	481,8	23,3
MA	22,5	25,1	11,6	1.566	1.649	5,3	35,2	41,4	17,6
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.656	9,6	8,5	11,9	40,0
CE	0,4	0,4	-	379	219	(42,3)	0,2	0,1	(50,0)
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,4	-	295	241	(18,4)	0,1	0,1	-
BA	201,6	270,3	34,1	1.717	1.583	(7,8)	346,2	427,8	23,6
CENTRO-OESTE	682,6	766,1	12,2	1.615	1.646	1,9	1.102,3	1.260,6	14,4
MT	627,8	703,1	12,0	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.153,1	14,0
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.814	1,7	49,1	54,4	10,8
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
SUDESTE	18,4	27,2	47,8	1.435	1.440	0,3	26,4	39,2	48,5
MG	15,6	21,3	36,5	1.496	1.470	(1,7)	22,7	31,3	37,9
SP	2,8	5,9	111,7	1.317	1.331	1,1	3,7	7,9	113,5
NORTE/NORDESTE	238,1	309,0	29,8	1.683	1.583	(5,9)	400,8	489,2	22,1
CENTRO-SUL	701,0	793,3	13,2	1.610	1.638	1,8	1.128,7	1.299,8	15,2
BRASIL	939,1	1.102,3	17,4	1.629	1.623	(0,4)	1.529,5	1.789,0	17,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	5,3	(27,4)	2.153	2.190	1,8	15,7	11,6	(26,1)
RR	2,5	2,5	-	2.604	2.480	(4,8)	6,5	6,2	(4,6)
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	1.932	0,7	9,2	5,4	(41,3)
NORDESTE	230,8	303,7	31,6	2.533	2.373	(6,3)	584,6	721,0	23,3
MA	22,5	25,1	11,6	2.349	2.473	5,3	52,9	62,1	17,4
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.195	9,6	11,2	15,8	41,1
CE	0,4	0,4	-	704	406	(42,3)	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,4	-	524	428	(18,3)	0,2	0,2	-
BA	201,6	270,3	34,1	2.576	2.374	(7,8)	519,3	641,8	23,6
CENTRO-OESTE	682,6	766,1	12,2	2.424	2.467	1,8	1.656,6	1.889,8	14,1
MT	627,8	703,1	12,0	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.729,6	14,0
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.611	1,7	75,3	78,4	4,1
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
SUDESTE	18,4	27,2	47,8	2.215	2.178	(1,7)	41,4	59,2	43,0
MG	15,6	21,3	36,5	2.243	2.205	(1,7)	35,6	47,0	32,0
SP	2,8	5,9	111,7	2.060	2.082	1,1	5,8	12,2	110,3
NORTE/NORDESTE	238,1	309,0	29,8	2.522	2.370	(6,0)	600,3	732,6	22,0
CENTRO-SUL	701,0	793,3	13,2	2.419	2.457	1,6	1.698,0	1.949,0	14,8
BRASIL	939,1	1.102,3	17,4	2.445	2.433	(0,5)	2.298,3	2.681,6	16,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %
	Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %	Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %			
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	19,0	(26,4)	10,1	7,4	(26,7)	39,2	38,9	0,8
RR	10,5	10,0	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)	38,0	38,0	-
TO	15,3	9,0	(41,2)	6,1	3,6	(41,0)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.202,8	23,3	390,7	481,8	23,3	40,1	40,1	-
MA	88,1	103,5	17,5	35,2	41,4	17,6	40,0	40,0	-
PI	19,7	27,7	40,6	8,5	11,9	40,0	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,3	(25,0)	0,2	0,1	(50,0)	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,3	-	0,1	0,1	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.069,6	23,6	346,2	427,8	23,6	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.150,4	14,2	1.102,3	1.260,6	14,4	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	2.882,7	14,0	1.011,3	1.153,1	14,0	40,0	40,0	-
MS	124,4	132,8	6,8	49,1	54,4	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	98,4	45,1	26,4	39,2	48,5	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	78,3	34,3	22,7	31,3	37,9	40,0	40,0	-
SP	9,5	20,1	111,6	3,7	7,9	113,5	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.221,8	22,0	400,8	489,2	22,1	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.248,8	14,9	1.128,7	1.299,8	15,2	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.470,6	16,8	1.529,5	1.789,0	17,0	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.2. AMENDOIM

10.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, o segmento produtor, na presente safra, tem procurado investir nessa cultura em razão dos bons preços de mercado, tanto interna como externamente, que esta oleaginosa vem praticando desde safras anteriores. Praticamente toda produção (em torno 70%) é destinada aos países europeus, enquanto que o restante é consumido internamente pelas indústrias de doces. O amendoim é plantado entre setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte da matéria-prima, e tem sua colheita entre março e abril, quando alcança sua plena maturação. Posteriormente, o produtor devolve a terra arrendada, onde será retomado um novo plantio da cana destinada à produção de etanol e açúcar. Sinaliza com um bom crescimento de área de 14,5%. A produtividade aponta para um recuo de 5%.

Figura 6 - Lavoura de amendoim Dumont - SP



Fonte: Conab.

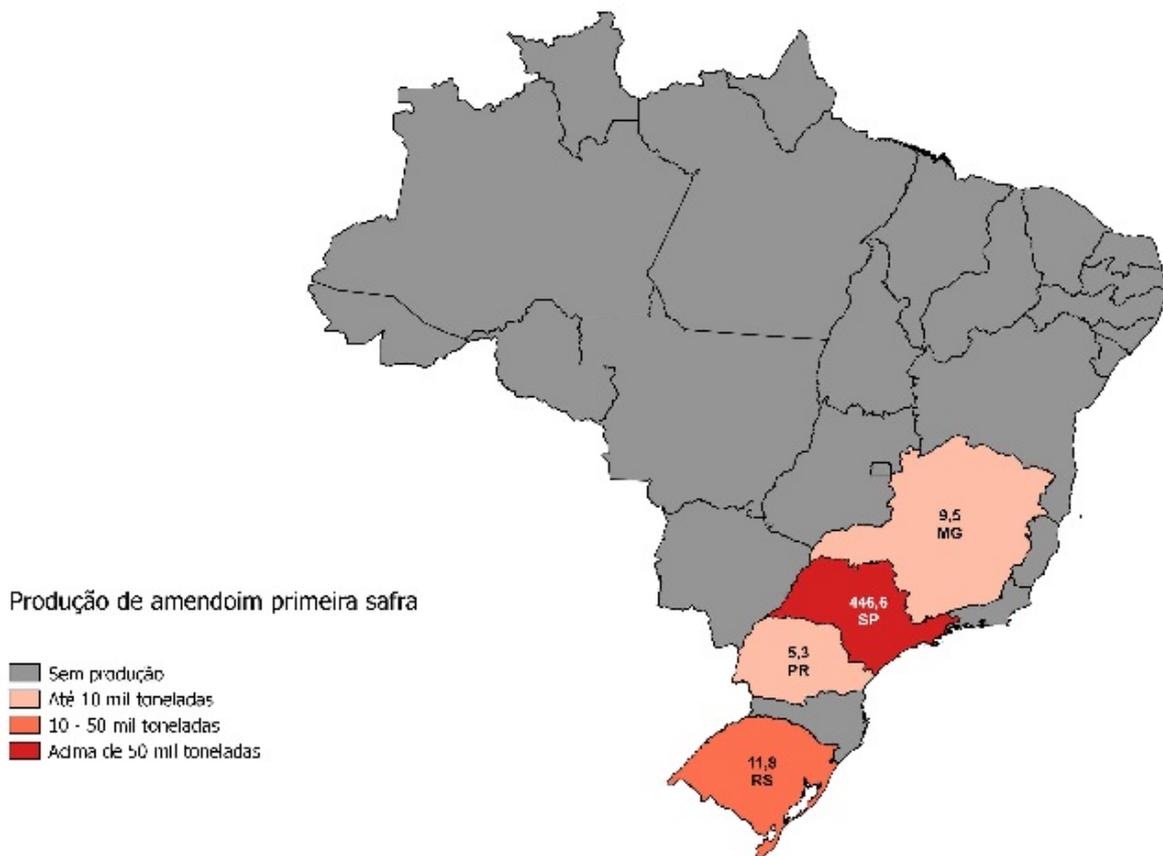


Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra mantida em 2,6 mil hectares. O plantio estava previsto para dezembro, mas ainda não há confirmação de que tenha ocorrido. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade, e produtividade média de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado, predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com

baixo nível tecnológico. Estima-se uma produtividade média de 3.636 kg/ha, a produção estadual poderá alcançar 9,5 mil toneladas.

No Paraná, a cultura do amendoim é de subsistência, em praticamente todo o estado, sendo concentrados os casos de plantio com maior aporte tecnológico, localizados principalmente, na região noroeste. Para a safra atual houve queda significativa na área plantada, naquela região, o que resultou em queda na produção média estimada para o estado.

Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

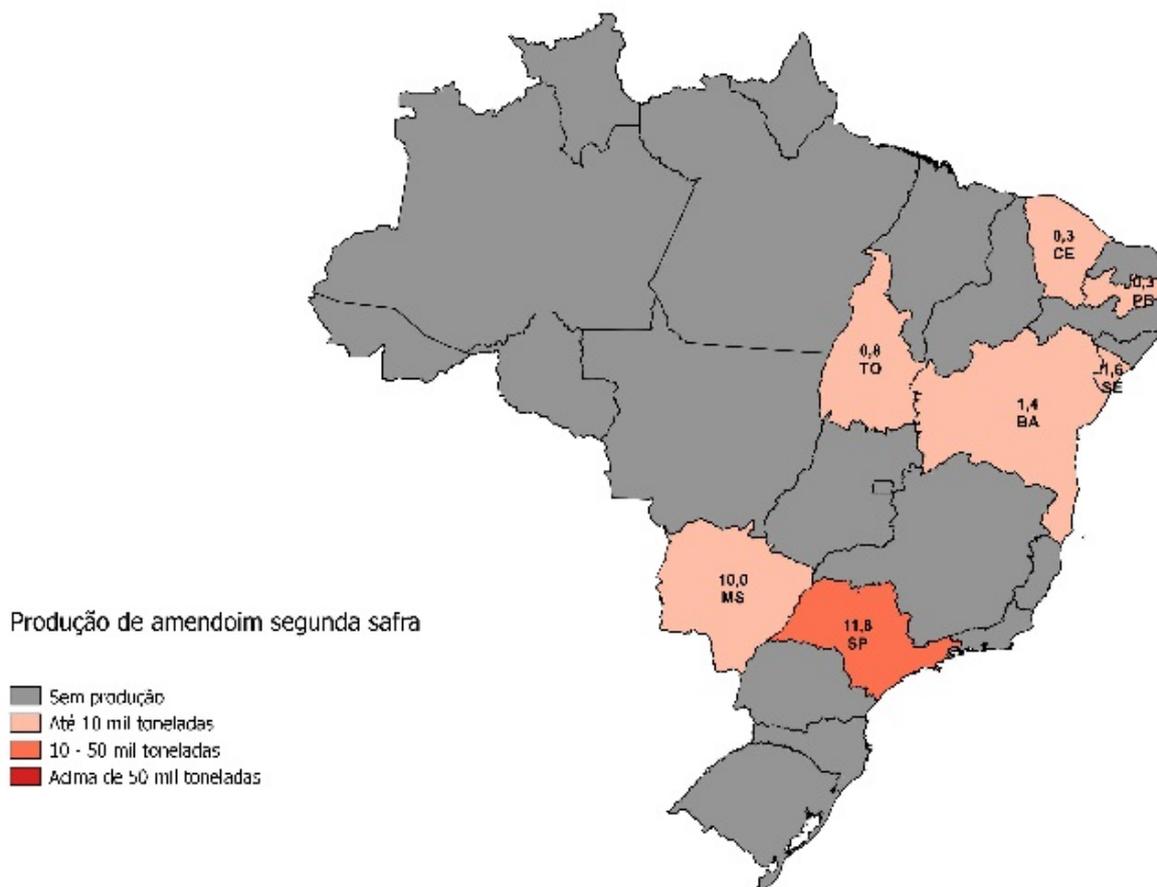
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	128,9	14,2	3.721	3.538	(4,9)	420,2	456,1	8,5
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.636	0,6	9,4	9,5	1,1
SP	110,3	126,3	14,5	3.724	3.536	(5,0)	410,8	446,6	8,7
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.219	(6,6)	18,6	17,1	(8,1)
PR	2,0	1,7	(16,8)	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	134,2	13,4	3.709	3.525	(4,9)	438,8	473,2	7,8
BRASIL	118,3	134,2	13,4	3.709	3.525	(4,9)	438,8	473,2	7,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA



Fonte: Conab.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
SP	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

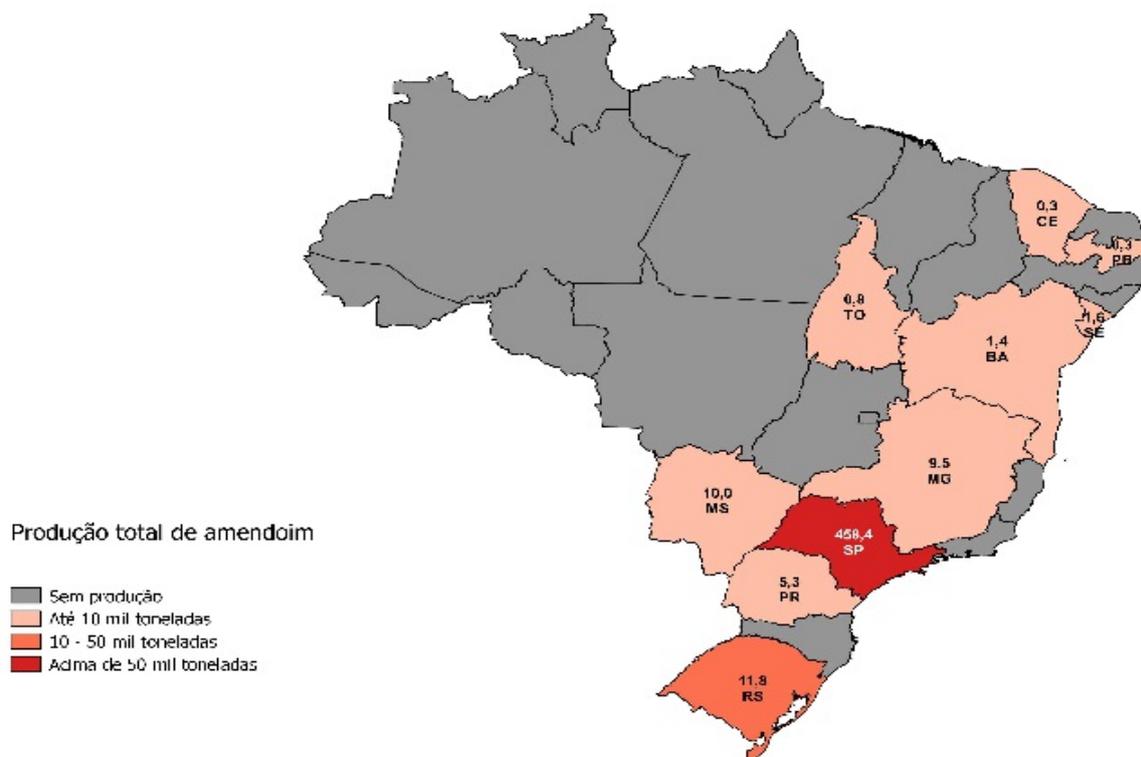
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,2	(33,3)	4.800	3.785	(21,1)	1,4	0,8	(42,9)
TO	0,3	0,2	(20,0)	4.800	3.785	(21,1)	1,4	0,8	(42,9)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	(10,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
SP	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
NORTE/NORDESTE	3,6	3,5	(2,8)	1.501	1.249	(16,8)	5,4	4,4	(18,5)
CENTRO-SUL	7,4	7,4	-	2.978	2.945	(1,1)	22,0	21,8	(0,9)
BRASIL	11,0	10,9	(0,9)	2.494	2.400	(3,8)	27,4	26,2	(4,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 9 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,2	(33,3)	4.800	3.785	(21,1)	1,4	0,8	(42,9)
TO	0,3	0,2	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	0,8	(42,9)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	(10,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	117,8	133,8	13,6	3.665	3.497	(4,6)	431,7	467,9	8,4
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.636	0,6	9,4	9,5	1,1
SP	115,2	131,2	-	3.666	3.494	(4,7)	422,3	458,4	8,5
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.219	(6,6)	18,6	17,1	(8,1)
PR	2,0	1,7	-	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,5	(2,8)	1.501	1.249	(16,8)	5,4	4,4	(18,5)
CENTRO-SUL	125,7	141,6	12,6	3.666	3.495	(4,7)	460,8	495,0	7,4
BRASIL	129,3	145,1	12,2	3.606	3.441	(4,6)	466,2	499,4	7,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.3. ARROZ

Para o quinto levantamento da cultura de arroz da safra 2017/18 indica redução de área plantada de 1,8% em relação à safra passada. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.984 kg/ha. Na estimativa de produção, os números nacionais apontam para redução 5,6% em relação à safra passada, estimada em 11.639,6 mil toneladas. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e irrigado.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 261,2 mil hectares, retração de 0,7% em relação à safra passada. A Região Norte se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, o arroz é dividido em arroz de verão e arroz de inverno, ambos em manejo de irrigação. No momento, o cultivo de verão está em processo de plantio, mas a maior parte se concentra em abril. A previsão é que a área não sofra alterações em relação à última safra, em 12,3 mil hectares, no entanto, a queda no preço do arroz tem desestimulado alguns produtores. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

Em Rondônia, considerando níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes eco-

nômicos financiadores. A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as *traddings* e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras. A área cultivada estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 36,6 mil hectares. Esse dado difere negativamente do levantamento anterior, uma vez que as safras de arroz no estado têm registrado sucessivas quedas. O produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura migrando para soja. Nesse contexto Rondônia registra mais um deficit em relação à área cultivada.

A produtividade gira em torno de 3.108 kg/ha, já a produção é de 113,8 mil toneladas. O estágio atual da cultura é de 10% desenvolvimento vegetativo, 20% floração, 40% frutificação e 30% em maturação. Em nenhum município registramos a colheita, no entanto, a partir de fevereiro ela acontecerá no estado. Muitos produtores implantam o arroz em área recém-aberta, seja em pousio, seja em área de pastagem degradada, já no segundo ano cultivam soja. O arroz se



configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente a soja. A possibilidade de o arroz retornar à área é uma opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada em Rondônia é a AN Cambará, categoria C2, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germinação. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. O calendário agrícola segue um pouco atípico em razão do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo, no entanto, o regime atual de chuvas é considerado normal e regular, garantindo assim, bom aporte de água no solo, para suprimento das plantas. Áreas anteriormente ocupadas com pastagem, baixo rendimento forrageiro, presença de plantas invasoras, solo com pH ácido e carente de bases estão, sendo recuperadas, recebendo insumos e convertidas em áreas agrícolas.

Figura 10 – Área de pastagem em São Miguel do Guaporé-RO convertida em área de cultivo de arroz



Fonte: Conab.

No Acre, a cultura do arroz vem decrescendo em área plantada e produção, apresentando baixa produtividade. A baixa produtividade está associada à falta de cultivares adaptadas à região e políticas públicas de incentivo à cultura. O plantio do arroz de sequeiro no Acre se inicia no período chuvoso, em outubro a dezembro, quando o clima é favorável ao desenvolvimento da cultura. Há perspectiva de redução de área plantada devido à dificuldade de acesso ao crédito agrícola e ao custo de produção. O sistema de produção é outro fator que influencia na produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e à agricultura ser familiar, cuja finalidade da produção é para o consumo familiar e à comercialização do excedente. Geralmente, a cultura do arroz é consorciada com outras culturas, como o milho e a mandioca, após a retirada da cultura é realizado o plantio de feijão comum. Para a cultura do arroz se recomenda a realização do plantio no período inicial das chuvas,

de outubro a dezembro, desde que o solo apresente umidade suficiente para a germinação e o desenvolvimento inicial das plantas. Deve-se evitar o plantio antecipado para diminuir o risco de estabelecer baixa população de plantas e para que a colheita não ocorra em época chuvosa. Por outro lado, o plantio tardio favorece o aparecimento de brusone. A área plantada de arroz no Acre, safra 2017/18, será de 4 mil hectares, a estimativa de produção é de 5,1 mil toneladas. Verifica-se também redução na área plantada em relação à safra 2016/17 de 7% e no rendimento médio em kg/ha de 8,9%.

No Amazonas, a cultura é desenvolvida em sua maior parte em áreas de terra firme, com destaque para o município de Maués, no rio Amazonas, Envira e Itamarati no rio Juruá, Boca do Acre e Vila Extrema no rio Purus. As informações indicam uma redução na área plantada para essa safra, considerando a falta de incentivo pelos órgãos governamentais, principalmente na distribuição de sementes, obrigando os poucos produtores a adquirir sementes do mercado local, aliada à falta de crédito para o custeio aos pequenos produtores, que utilizam, na sua maioria, recursos próprios. Considerando os fatores negativos citados, a produção é insignificante, cultivado apenas por pequenos produtores com destinação ao consumo próprio. Verificamos um pequeno aumento na produtividade em relação à safra anterior devido ao emprego de sementes de melhor qualidade. Nessa safra foram plantados 2,5 mil hectares, obtendo uma média na produtividade de 2.258 Kg/ha, com uma produção estimada em torno de 5,6 mil toneladas (arroz de sequeiro).

No Pará, a expectativa do setor para a área a ser plantada, nesta safra, continua a mesma informada no levantamento anterior, tanto para o arroz de sequeiro, com área de 66,9 mil hectares, quanto para o arroz irrigado, com área de 5,1 mil hectares, esse cultivado em ciclos de produção, visando atender demanda das beneficiadoras.

Em Tocantins, as lavouras do arroz de sequeiro vêm se desenvolvendo bem, dado aos bons volumes precipitados ocorridos desde o início do plantio. Com o fim do plantio da soja, os produtores com propósito de expansão da área de cultivo, praticamente já finalizaram o plantio das lavouras de arroz nas áreas recém-abertas. A área cultivada, nessa safra deverá ser 6% menor do que na safra passada. Com relação ao plantio irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros, a área cultivada para o arroz irrigado é



de 1,5% maior do que a safra 2016/17. Cerca de 2% das lavouras já estão em maturação e a colheita deverá iniciar a partir do início da segunda quinzena de fevereiro. É esperado que haja maior concentração da colheita em um intervalo de tempo mais curto do que o observado nos anos anteriores. Algumas áreas deixaram de ser semeadas, nesta safra, devido ao excesso de água que se encontravam nos tabuleiros mais baixos, impedindo que o plantio fosse realizado.

Na Região Nordeste, a expectativa é de incremento da área plantada com arroz de sequeiro, de 5,5% e com o irrigado, de 9,4%.

No Maranhão, evidenciamos no presente levantamento acréscimo em relação à área plantada de arroz sequeiro no estado, esse acréscimo, que gira em torno de 8,6%, com área total estimada em 152,3 mil hectares. O que vem se observando é uma estabilidade nos índices de área plantada de arroz, com uma tendência de leve aumento ou intenção de plantio por parte do agricultor, isso se deve basicamente ao programa de revitalização da cadeia produtiva do arroz, implementado pelo governo do estado do Maranhão, com fins de incentivar, promover e fomentar a orizicultura no estado. A área plantada com arroz irrigado deve permanecer no mesmo patamar de 29 mil hectares evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 4.321 kg/ha, retração de 13,9% em relação à safra anterior. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estágio de maturação.

Em Sergipe, o calendário de plantio foi concluído em outubro, com uma área plantada de 4,7 mil hectares no estado, apesar de alguns poucos produtores replantarem nas áreas colhidas até então, com o propósito de realizar a colheita em meados de março de 2018. Até o final de janeiro é esperado que cerca de 80% da área esteja colhida, enquanto que cerca de 20% das áreas estão em estágio de floração e final de maturação.

Na Bahia, a cultura do arroz é geralmente cultivada no extremo oeste em solos de baixa fertilidade e em áreas desmatas. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. As lavouras de arroz ocupam 7,8 mil hectares, com a expectativa de produzir 9,4 mil toneladas, redução de 3,7% em relação à safra passada. A área plantada já atinge 100%.

No centro-oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, de 10,2%, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro, de 12,1%, quanto nas destinadas a arroz irrigado, de 2,9%.

Em Mato Grosso, o plantio de arroz primeira safra foi encerrado no estado na segunda quinzena de janeiro. As lavouras estão em diferentes estádios, predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo e floração. A área cultivada do cereal aproximadamente 12,7% menor no atual ciclo, com 132,2 mil hectares, ante aos 151,4 mil hectares na temporada 2016/17 devido aos baixos preços do produto e ao atraso no início das chuvas.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada no estado é de 14,3 mil hectares, com uma expectativa de produtividade média de 6.100 kg/ha. No levantamento atual, a cultura se encontra em diferentes estádios de crescimento e desenvolvimento decorrentes do escalonamento do plantio. Aproximadamente 30% das lavouras estão em fase vegetativa, 35% em floração/frutificação, 20% em maturação e 15% já colhidas. A cultura do arroz irrigado vem gradativamente perdendo área, por causa dos preços baixos, questões burocráticas relativas ao licenciamento ambiental, além da importação de arroz de outros estados.

O excesso de chuvas nos municípios produtores da microrregião de Dourados, ocasionou a redução de área plantada na região, pois não foi possível a entrada de máquinas para a realização do plantio, além disso, houve também alto índice de precipitação e nebulosidade durante o período de floração. Esses eventos além, impactarem a perspectiva de produção inicial, têm dificultado as operações de aplicação de agrotóxicos nas lavouras. Apesar desses agravos, as lavouras estão classificadas como boas na maioria dos municípios. Quanto ao ataque de pragas e doenças, não houve nenhum relato fora da normalidade, visto que as aplicações preventivas e de controle demonstraram resultados satisfatórios.

Em Goiás, a área com o arroz de sequeiro se manteve em 6,7 mil hectares em relação à safra 2016/17, a cultura se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura em conjunto com Emater e OVG. Grande parte dos usuários desse programa estão em inadimplência, por isso, vários projetos não têm sido aprovados pela Emater do estado. Não há procura de crédito de custeio para esta cultura, haja vista, as significativas exigências bancárias para a liberação desse crédito. O arroz de sequeiro está, na maioria, restrito a plantio de subsistência e lavouras comunitárias.

Neste ano alguns assentados de reforma agrária realizaram o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional.



Demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias e pequenos produtores com utilização de pouca tecnologia. Em relação ao arroz irrigado de alta tecnologia, os municípios de Flores de Goiás e Formosa são os principais produtores de arroz da região, onde juntos, plantam cerca de 14,9 mil hectares da cultura, com rendimento esperado de aproximadamente 6.082 kg/ha, essa produtividade poderá sofrer uma redução de até 10% devido a um período de aproximadamente uma semana, com temperaturas elevadas na fase reprodutiva da cultura.

Os demais municípios da região leste plantam arroz também de forma comunitária, onde a Emater é a principal responsável por dar assistência técnica aos pequenos produtores. Devido a problemas na liberação de verbas, para o programa Lavoura Comunitária, a área de implantação da cultura será reduzida. Em Luziânia, por exemplo, foi fornecida pelo governo somente as sementes para o plantio, os insumos para a safra foram comprados pela Central de Associações de Pequenos Produtores Rurais de Luziânia (Caprul) e parte pelos próprios produtores, reduzindo uma área de 400 para 140 hectares, efetivamente plantados.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ter retração de 9,3%, se comparada à área da última safra.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Dos 5,9 mil hectares previstos para a safra 2017/18, foram plantados apenas 4,8 mil, o que representa 20% a menos. A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como milho e soja, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país, ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras, além das restrições ao cultivo em áreas de várzea. A produtividade média estadual deve ficar 10,2% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas.

Em São Paulo, o arroz, como já foi informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado em São Paulo. O cereal se concentra basicamente em dois municípios: Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou mesmo para o consumo doméstico. Quanto a área prevista dentro do estado fica em torno de 9,4 mil hectares, retração de 3,1% em relação à safra passada, e a produtividade, por enquanto, em torno de 3.941 kg/ha, incremento de

1% em relação a 2016/17.

Na Região Sul, onde concentra a maior parte da produção do país e o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução de 2%, quando comparada à safra passada.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 23,6 mil hectares. O levantamento aponta para uma área plantada de 3,4 mil hectares de arroz sequeiro. Trata-se de uma cultura de subsistência, sem relatos de lavouras comerciais. O plantio está em queda ano após ano, cada vez mais em desuso, principalmente devido aos baixos preços do arroz, que torna mais interessante o produtor familiar investir em outra cultura, como feijão ou amendoim, e comprar arroz no mercado. Algumas lavouras estão em condições regulares devido ao excesso de chuvas, facilitando ataque de doenças, mas a maioria se encontra em boas condições. A área com arroz irrigado foi reajustada e é estimada em 20,2 mil hectares. A colheita já foi iniciada nas lavouras semeadas bem no início da safra. Nessas, é possível que haja plantio da segunda safra na sequência, ou pelo menos, investimento da ressoca. A produtividade está dentro do esperado, acima dos 7.406 kg/ha. Não houve relatos de enchentes até o momento, o que projeta uma safra dentro do previsto. Como o plantio foi bastante escalonado, com as últimas áreas sendo semeadas somente em dezembro, a colheita deve se estender até maio.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz já iniciou em meados do mês de janeiro, principalmente na região norte do Estado. Mas neste ano os produtores de alguns municípios da região sul, que conseguiram realizar o plantio mais cedo devido as condições climáticas favoráveis, também já estão começando a colher, muitos deles, inclusive, com a expectativa de fazer o cultivo da soca ou rebrota, prática que já é comum na região norte e que vem ganhando cada vez mais adeptos também na região sul. Até o momento estima-se que aproximadamente 6% da área plantada já esteja colhida, devendo essa atingir o ponto alto na metade no mês de fevereiro.

O excesso de chuva enfrentado em janeiro dificultou a colheita, que poderia estar mais avançada em muitas localidades. Além disso, o excesso de umidade e dias nublados também estão ameaçando prejudicar a produtividade e a qualidade dos grãos em alguns municípios, caso a situação persista. Nessa safra não houve casos expressivos de brusone, a principal doença do arroz, mas devido às condições climáticas e também ao uso de cultivares mais susceptíveis, observou-se a incidência de mancha parda, que também pode ocasionar reduções de produtividade e qualidade em



breve. Entretanto, até o presente momento, os produtores esperam uma safra dentro da normalidade. As condições das lavouras se enquadram como boas em 79%, e regulares em torno de 21%.

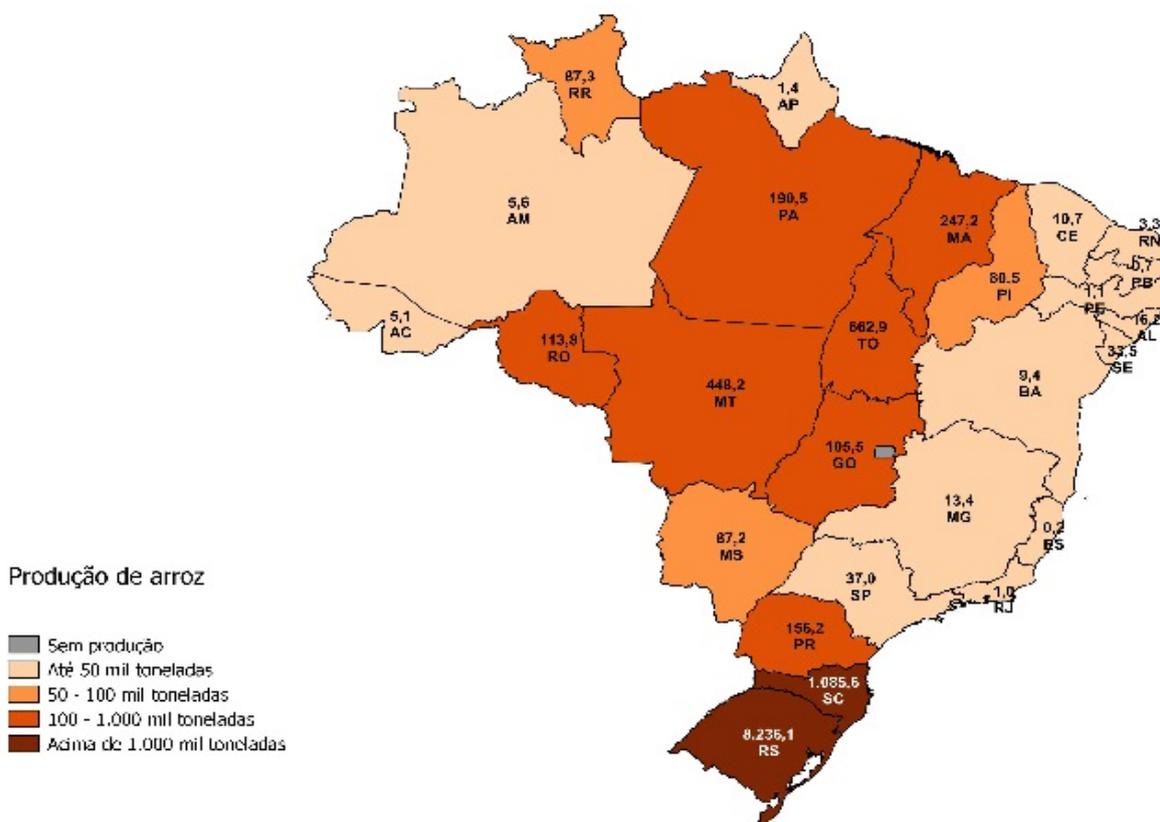
No Rio Grande do Sul continuam os tratos culturais da lavoura e a intensificação da irrigação. A falta de chuvas regulares tem dificultado a manutenção da lâmina de água constante na lavoura, agravado pela incidência diária de forte insolação e umidade do ar frequentemente abaixo de 20%. Em muitas lavouras está sendo utilizado o regime de banho para economizar água. Muitos dos mananciais utilizados para a irrigação das lavouras estão com níveis abaixo da normalidade, se levado em consideração o tempo que e ainda deve ser utilizada a irrigação. As chuvas dos últimos dias, de certa forma, amenizaram o problema, mas a solução só se dará com a ocorrência de precipitações intensas e contínuas, que venham a recuperar a capacidade das fontes de água para irrigação.

A região em pior situação é a compreendida entre

Uruguaiana, Alegrete e parte da Barra do Quaraí. Na região da Campanha há apreensão quanto ao clima durante o terço final da cultura devido ao percentual significativo de área semeada fora do período recomendado. Na região Central a preocupação é parecida, mas com o alento da recuperação dos rios e arroios usados para a irrigação, nos últimos dias. Vale lembrar que, 75% da lavoura dessa região depende da água do Rio Jacuí e da barragem do Capanema, o restante é de pequenos açudes e arroios, os mais atingidos pela estiagem. Uma alteração interessante nessa região foi a diminuição do uso de cultivo pré-germinado, como forma de controlar a incidência de caramujos, muito em função da dificuldade de encontrar produtos químicos licenciados para utilização nesse tipo de cultivo.

A colheita deve começar na primeira quinzena de fevereiro pela Fronteira Oeste no sentido de São Borja para Uruguaiana e Alegrete, municípios que conseguiram antecipar a semeadura. A comercialização continua lenta, provocada pela maior oferta por produtores que necessitam desocupar seus armazéns para colocar a produção da safra 2017/18.

Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	261,2	(0,7)	4.129	4.083	(1,1)	1.085,8	1.066,6	(1,8)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
RO	40,6	36,6	(9,9)	2.956	3.108	5,1	120,0	113,8	(5,2)
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	68,8	72,0	4,7	2.728	2.645	(3,1)	187,7	190,5	1,5
TO	132,3	132,3	-	5.115	5.011	(2,0)	676,7	662,9	(2,0)
NORDESTE	229,2	242,5	5,8	1.908	1.660	(13,0)	437,3	402,6	(7,9)
MA	141,6	155,2	9,6	1.807	1.593	(11,8)	255,9	247,2	(3,4)
PI	65,2	65,2	-	1.629	1.235	(24,2)	106,2	80,5	(24,2)
CE	4,7	4,7	-	2.076	2.262	9,0	9,7	10,7	10,3
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	179,0	(10,2)	3.672	3.580	(2,5)	732,3	640,9	(12,5)
MT	162,3	143,1	(11,8)	3.266	3.132	(4,1)	530,0	448,2	(15,4)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.884	(3,5)	109,3	105,5	(3,5)
SUDESTE	16,1	14,6	(9,3)	3.399	3.537	4,1	54,7	51,6	(5,7)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	9,7	9,4	(3,1)	3.935	3.941	0,1	38,2	37,0	(3,1)
SUL	1.273,2	1.247,9	(2,0)	7.868	7.595	(3,5)	10.017,7	9.477,9	(5,4)
PR	25,1	23,6	(6,0)	6.506	6.618	1,7	163,3	156,2	(4,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.400	(3,1)	1.125,8	1.085,6	(3,6)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
NORTE/NORDESTE	492,2	503,7	2,3	3.095	2.916	(5,8)	1.523,1	1.469,2	(3,5)
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,5	(3,2)	7.258	7.055	(2,8)	10.804,7	10.170,4	(5,9)
BRASIL	1.980,9	1.945,2	(1,8)	6.223	5.984	(3,9)	12.327,8	11.639,6	(5,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	137,2	(2,4)	2.526	2.516	(0,4)	355,1	345,2	(2,8)
RO	40,6	36,6	(9,9)	2.956	3.108	5,1	120,0	113,8	(5,2)
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	63,7	66,9	5,0	2.592	2.518	(2,9)	165,1	168,5	2,1
TO	27,3	25,7	(6,0)	2.036	1.977	(2,9)	55,6	50,8	(8,6)
NORDESTE	213,3	225,1	5,5	1.623	1.378	(15,1)	346,2	310,3	(10,4)
MA	140,2	152,3	8,6	1.775	1.541	(13,2)	248,9	234,7	(5,7)
PI	60,0	60,0	-	1.384	978	(29,3)	83,0	58,7	(29,3)
CE	4,1	4,1	-	1.516	1.652	9,0	6,2	6,8	9,7
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	138,9	(12,1)	3.187	3.047	(4,4)	503,8	423,3	(16,0)
MT	151,4	132,2	(12,7)	3.226	3.089	(4,2)	488,4	408,4	(16,4)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.220	(3,5)	15,4	14,9	(3,2)
SUDESTE	7,1	5,7	(19,7)	2.093	2.205	5,4	14,8	12,5	(15,5)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	2,0	1,8	(10,0)	3.082	2.900	(5,9)	6,2	5,2	(16,1)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.938	(4,6)	10,8	6,6	(38,9)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.938	(4,6)	10,8	6,6	(38,9)
NORTE/NORDESTE	353,9	362,3	2,4	1.982	1.809	(8,7)	701,3	655,5	(6,5)
CENTRO-SUL	170,5	148,0	(13,2)	3.105	2.989	(3,7)	529,4	442,4	(16,4)
BRASIL	524,4	510,3	(2,7)	2.347	2.151	(8,3)	1.230,7	1.097,9	(10,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	124,0	1,3	5.970	5.818	(2,6)	730,7	721,4	(1,3)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
PA	5,1	5,1	-	4.433	4.307	(2,8)	22,6	22,0	(2,7)
TO	105,0	106,6	1,5	5.915	5.742	(2,9)	621,1	612,1	(1,4)
NORDESTE	15,9	17,4	9,4	5.732	5.305	(7,5)	91,1	92,3	1,3
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	4.321	(13,9)	7,0	12,5	78,6
PI	5,2	5,2	-	4.453	4.200	(5,7)	23,2	21,8	(6,0)
CE	0,6	0,6	-	5.900	6.430	9,0	3,5	3,9	11,4
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	40,1	(2,9)	5.532	5.428	(1,9)	228,5	217,6	(4,8)
MT	10,9	10,9	-	3.815	3.653	(4,2)	41,6	39,8	(4,3)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.082	(3,5)	93,9	90,6	(3,5)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.390	(0,9)	39,9	39,1	(2,0)
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.187	0,7	32,0	31,8	(0,6)
SUL	1.267,9	1.244,5	(1,8)	7.893	7.611	(3,6)	10.006,9	9.471,3	(5,4)
PR	19,8	20,2	2,0	7.704	7.406	(3,9)	152,5	149,6	(1,9)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.400	(3,1)	1.125,8	1.085,6	(3,6)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
NORTE/NORDESTE	138,3	141,4	2,2	5.943	5.755	(3,2)	821,8	813,7	(1,0)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.293,5	(1,9)	7.795	7.521	(3,5)	10.275,3	9.728,0	(5,3)
BRASIL	1.456,5	1.434,9	(1,5)	7.619	7.347	(3,6)	11.097,1	10.541,7	(5,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.052,4 mil hectares, 5,3% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares. A produtividade média estimada para essa cultura está em 1.192 kg/ha, na média nacional, 2,7% abaixo do obtido na última

temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional está prevista em 1.254,3 mil toneladas, representando decréscimo de 7,8% em relação à safra anterior.

Feijão-comum cores

Houve redução de 3,6% na área semeada com o feijão-comum cores, para o exercício 2017/18, estimada em 461,2 mil hectares. A produtividade está estimada em 1.758 kg/ha, redução de 1,1% e a produção esperada é de 811 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de feijão-comum cores estão cultivadas em 43,9 mil hectares, com a expectativa de produzir 21,3 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 485 kg/ha. O cultivo do feijão-comum cores é tipicamente realizado pela agricultura familiar, destinando a produção para subsistência das famílias, plantio da próxima safra e à comercialização dos excedentes. Os produtores estão distribuídos por

toda a Bahia, havendo cultivo no extremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco. As lavouras tiveram o plantio finalizado em janeiro, e estima-se que cerca de 40% esteja em crescimento vegetativo, 50% iniciando a floração e outros 10% já apresentem vagens. O feijão-comum cores é uma planta de crescimento determinado, chamado pelos produtores de feijão de arranquio. A colheita deve ser iniciada em fevereiro, com as vagens ainda maduras, disponibilizando as áreas para o plantio da mandioca. As plantas colhidas são penduradas para secar ou debulhadas manualmente para o consumo do feijão-verde.



No extremo oeste se espera produtividade de 600 kg/ha, e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento. No centro norte se espera a produtividade de 420 kg/ha. No entanto, as poucas chuvas têm criado um quadro pessimista, com tendência de queda da produção. No centro sul e Vale do São Francisco, a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 49,7%, reduzindo a produtividade média esperada de 892 kg/ha para 449 kg/ha. Contudo, os rendimentos previstos são 41% maiores que os obtidos na safra passada.

Na safra atual foram contabilizados somente as lavouras cultivadas em novembro e dezembro, segregando as lavouras de março para o feijão-comum cores - segunda safra. Em janeiro, o intenso veranico ocorrido no centro sul e Vale do São Francisco impactou na produtividade das lavouras, reduzindo a produtividade do estado em 43,7%. Nas próximas avaliações as chuvas terão fortes influências na produtividade, visto que 70% das lavouras estão em estágio de crescimento vegetativo e floração.

Figura 12 - Lavouras de feijão cores com baixo desenvolvimento devido à falta de chuvas, Canarana- BA.



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, a colheita dos 6,2 mil hectares de feijão-comum cores primeira safra foi finalizada até o fechamento de janeiro. Na atual safra, o cultivo ficou restrito às regiões oeste e sudeste do estado. A produtividade média estimada da safra foi considerada boa, com 2.342 kg/ha, ante aos 1.998 kg/ha na safra passada, aumento de 17,2% no rendimento devido ao uso de pivôs de irrigação em Campos de Júlio, maior município produtor da cultura de primeira safra. A partir disso, espera-se produção de 14,5 mil toneladas,

volume 64,8% superior às 8,8 mil toneladas da safra passada.

Em Goiás, a colheita se encontra na reta final na maioria dos municípios do sul e sudoeste do estado, com rendimento médio em torno de 2.496 kg/ha. Produtores tradicionais obtiveram produtividades menores em torno de 2.100 kg/ha. A queda se justifica pelo volume de chuvas ocorridos na fase de maturação. Com isso, o produto perdeu qualidade e nota no mercado.

Na região leste do estado, municípios como Cristalina e Campo Alegre, 50% do feijão já foi colhido. Os produtores aproveitaram o período de aproximadamente duas semanas sem chuvas para acelerar a colheita do feijão. Os produtores ficam apreensivos com o retorno das chuvas, pois, em excesso, poderá causar danos à cultura, que já está no ponto de colheita. Na região leste do estado o feijão colhido apresenta ótima qualidade, com rendimento médio em torno de 3.000 kg/ha.

Figura 13 - Feijão pronto para colheita em Cristalina-GO



Fonte: Conab.



No Distrito Federal na primeira safra de feijão, também conhecida como safra das águas, configura a mesma área plantada na safra anterior, 10,9 mil hectares. A produtividade poderá atingir 2.200 Kg/ha, estimando incremento médio de 15,8% em relação à safra anterior, o que poderá resultar em uma produção de 24 mil toneladas, superior em 15,9% à obtida na safra 2016/17, ocasionado, sobretudo, pelo excelente trabalho de conscientização no combate à mosca-branca, realizado pela Secretaria de Agricultura do Distrito Federal. A colheita está em fase inicial, porém as chuvas ocorridas atualmente retardam os trabalhos o que deixa os produtores cautelosos nas negociações. O comportamento dos preços internos reflete os fundamentos de oferta e demanda.

Em Minas Gerais, apesar do atraso das chuvas e da instabilidade dos preços, a área de feijão se apresenta estável em relação à safra anterior. A maior parte dos produtores tem optado por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. O rendimento médio estimado é de 1.400 kg/ha, 7,6% superior à safra anterior em razão das perdas significativas tanto durante o cultivo, como na fase de colheita dos grãos naquela ocasião. Espera-se que a produção alcance 193,2 mil toneladas, sendo 6,1% superior à safra 2016/17. O plantio apresentou maior concentração em novembro, se estendendo até ao início de dezembro. A colheita teve início em alguns municípios, com relatos pontuais de perdas em qualidade devido à ocorrência de chuvas durante a operação.

Em São Paulo, o feijão das águas se encontra totalmente colhido. Os produtores que plantaram tiveram muitos problemas com as chuvas durante a temporada da colheita. O estado teve uma produção bem abaixo da esperada em razão dessas chuvas, alguns produtores da região, de maior produção, perderam uma boa parte de suas lavouras. O feijão perdeu a coloração, com isto o valor comercial do produto ficou prejudicado. Para São Paulo, a área prevista para o feijão primeira safra fica em torno de 79.4 mil hectares e a produtividade demonstra redução em torno de 1,5% (2.514 kg/ha) devido à chuva na época de colheita.

Na região Sul, estima-se redução da produtividade (10,3%) e da produção (11%), principalmente pelas adversidades climáticas que a região sofreu durante o ciclo da cultura e a colheita.

No Paraná, a colheita se encontra bastante adiantada e deverá ser concluída em fevereiro. Devido ao excesso de chuvas, no período de colheita, já é certa a redução de produtividade em torno de 12,7% do estimado inicialmente. Em algumas regiões a quebra é superior a 30%, além da quebra na produção também há redução substancial na qualidade. Alguns produtores

conseguiram colher em fins de novembro ou início de dezembro, com tempo firme, e obtiveram produto de boa qualidade. A maioria, porém, colheu um produto com alto índice de grãos avariados, o que tem resultados em grandes descontos no momento da comercialização. Em janeiro não houve colheita de feijão com nota superior a 7.

Em Santa Catarina, as lavouras do feijão carioca, principal representante da classe cores, encontram-se em vários estádios de desenvolvimento, desde vegetativo ($\pm 25\%$), passando por floração, granação, maturação e colheita, está em torno de 15%. A maior e menor percentagem de lavouras em estágio vegetativo e em colheita, respectivamente, comparado ao feijão-comum preto primeira safra é explicado, em parte, pelas características das principais regiões produtoras da classe cores, localizadas em maiores altitudes, com clima mais ameno. Além disso, períodos de baixa precipitação nas três primeiras semanas de dezembro, seguido por chuvas constantes no final daquele mês, avançando em janeiro não permitiram a conclusão da semeadura, a qual foi sendo realizada conforme as condições climáticas permitirem.

Com isso, a cultura já apresenta certo atraso no seu ciclo e pode interferir na decisão do produtor em implantar nova lavoura de feijão em sucessão ao feijão primeira safra. A qualidade do produto colhido, nos últimos dias, está deixando a desejar em muitas regiões. As chuvas constantes ocorridas em boa parte de janeiro vêm retardando a colheita e expondo as lavouras em final de ciclo ao excesso de umidade, o que causa, além de perdas diretas pelo brotamento dos grãos, perdas em qualidade pelo escurecimento do tegumento, principal fator responsável pela definição de preço para a classe. A maior oferta de produto de baixa qualidade de outros estados, como o Paraná, onde as chuvas causaram perdas, também contribui para o baixo preço do produto local, o qual vem sendo vendido logo após a colheita, a fim de evitar perdas maiores em qualidade durante o armazenamento.

No Rio Grande do Sul, o feijão-comum cores primeira safra se encontra com a maior parte das lavouras em floração e as condições das lavouras são boas até o momento. Embora tenha ocorrido redução nas precipitações no último mês, a estimativa de rendimento tem se mantido estável, em 2.400 kg/ha.



Feijão-comum preto

No Brasil houve um incremento de 3,4% na área semeada de feijão-comum preto, alcançando 180,7 mil hectares. No entanto, em razão das condições climáticas, obteve-se uma redução de 10,5% na produtividade e a produção está estimada em 295,7 mil toneladas, decréscimo de 7,4% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum preto é de 6,9 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata, mantendo o mesmo valor da safra passada. A produtividade está estimada em 993 kg/ha, um aumento de 2,9% em relação à safra passada. As lavouras se encontram em fase de maturação e colheita.

Na região Sul, principal região produtora, aumentou a área de semeadura em 3,7% em relação à safra passada, no entanto, espera-se uma redução de 11,1% na produtividade total, principalmente pelas condições climáticas, prejudicando também o valor estimado final de produção (283 mil toneladas).

No Paraná, a colheita se encontra bastante adiantada e deverá ser concluída em fevereiro. Devido ao excesso de chuvas no período de colheita, já é certa a redução de produtividade em mais de 10% do estimado inicialmente. Em algumas regiões, a quebra é superior a 30%. Além da quebra na produção também há queda substancial na qualidade. A maioria dos produtores colheu produto com alto índice de grãos avariados, o que tem resultados em grandes descontos no momento da comercialização.

Em Santa Catarina, mais da metade da área se encontra colhida (59%) e o restante das lavouras se encontram desde maturação até estágio vegetativo (4%), haja vista que em alguns locais, principalmente no Planalto Sul, as condições climáticas não permitiram a conclusão da semeadura em tempo hábil (estiagem em dezembro). O clima instável das últimas semanas

Feijão-caupi

Durante a primeira safra, o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área e a produtividade total de feijão-caupi decresceram 10,4% e 13,7%, respectivamente, em face das condições climáticas nessa safra. Devido a esse fator, a produção será 22,6% inferior à safra passada.

Em Tocantins, a cultura no estado é cultivada basicamente por pequenos agricultores, com baixo emprego de insumos e mecanização. O plantio já foi finalizado e parte das lavouras já se encontram em maturação.

começa a prejudicar o avanço da colheita e a qualidade dos grãos. As chuvas têm ocorrido quase diariamente em muitas regiões, atrapalhando as operações de campo. Muitas lavouras se encontram dessecadas na espera de melhorias do clima para acesso das colhedoras, e já se notam perdas pontuais de grãos devido ao excesso de umidade (grãos brotados). Com isso, parte dos grãos estão sendo enquadrado como tipo 2, cujas cotações variam em razão dos defeitos e umidade do produto. A produtividade permanece dentro do esperado em algumas regiões, mas já é visível a redução em outras, como a região oeste, onde a colheita se encontra mais adiantada e onde o clima instável afetou mais as lavouras, pois estas se encontravam em final de ciclo quando da ocorrência de maiores volumes de precipitação. Nas demais regiões, onde a cultura se encontra entre os estádios vegetativos e granação, o excesso de umidade vem aumentando a pressão de doenças, como fusariose e crestamento bacteriano, o que pode levar a perdas de produtividade caso as condições persistirem por mais tempo.

No Rio Grande do Sul, a cultura do feijão-comum preto primeira safra se encontra boa parte já colhida, visto que nas regiões mais a oeste já foi totalmente colhida. Apenas nas regiões de Vacaria e Pelotas ainda não foi iniciado o processo, estando a maior parte em floração e enchimento de grãos, respectivamente. A redução no volume e regularidade das chuvas ocorrido no final do ano anterior e início deste causou apreensão quanto ao rendimento das lavouras, porém, as áreas já colhidas têm apresentado produtividade semelhante à média dos últimos anos e, por outro lado, a estiagem não teve tanto efeito pois boa parte das áreas são cultivadas sob irrigação por pivô central. Assim, a produtividade ficou em 1.660 kg/ha, 10,1% acima da safra anterior.

A colheita se iniciará somente em fevereiro. O clima favoreceu o bom desenvolvimento vegetativo das lavouras, porém para as lavouras plantadas mais cedo, esta abundância de chuvas resultará em menor produtividade.

No Maranhão, as lavouras já estão estabelecidas em sua totalidade. A área semeada e a produtividade apresentaram um acréscimo de 2,7% e 1,8%, respectivamente em relação à safra passada. Isso resultou no aumento da produção final do estado, estimada em 21,7 mil toneladas.



No Piauí, para o feijão-caupi primeira safra, a expectativa é de aumento da área em relação à safra passada, com área de 235,3 mil hectares, aumento de 3,7% em relação à safra anterior. Esse aumento na área de feijão corresponde à área de agricultura familiar. A expectativa de redução na produtividade do feijão-caupi é de 24,8% em relação à safra anterior, totalizando 221 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de feijão-caupi ocupam 112,3 mil hectares, com a expectativa de produzir 55 mil toneladas. Essa lavoura é plantada exclusivamente pela agricultura familiar, sendo previsto o rendimento médio de 490 kg/ha. A produção que será colhida se destina à subsistência das famílias, havendo um pequeno percentual destinado ao plantio da próxima safra e à comercialização dos excedentes. Os produtores estão distribuídos por toda a Bahia, havendo cultivo no extremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco.

As lavouras tiveram o plantio finalizado em dezembro e estima-se que cerca de 70% esteja iniciando a floração e outros 30% já apresentem vagens. O feijão-caupi é uma planta de crescimento indeterminado, produzindo flores continuamente. Por esse motivo, a colheita dos grãos é em forma de catação, havendo de 4 a 6 colheitas numa mesma lavoura, sendo previsto o início para meados de fevereiro. No extremo oeste e centro norte espera-se a produtividade de 600 kg/ha e 400 kg/ha, e as condições climáticas têm contribuído para a permanência desta previsão. No centro sul e Vale do São Francisco a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 20,6%, reduzindo a produtividade de média esperada de 610 kg/ha para 485 kg/ha. Contudo, os rendimentos previstos são 73% maiores que os obtidos na safra passada. Em janeiro, o intenso veranico ocorrido no centro sul e Vale do São Francisco impactou na produtividade das lavouras, reduzindo a estimativa de produtividade do estado em 2,8%. Nas próximas avaliações as chuvas terão fortes influências na produ-

tividade, visto que a colheita deve ser iniciada em meados de fevereiro e as plantas possuem crescimento indeterminado.

Figura 14 - Lavoura de feijão-caupi, sob intenso estresse hídrico, em fase reprodutiva. Bom Jesus da Lapa-BA



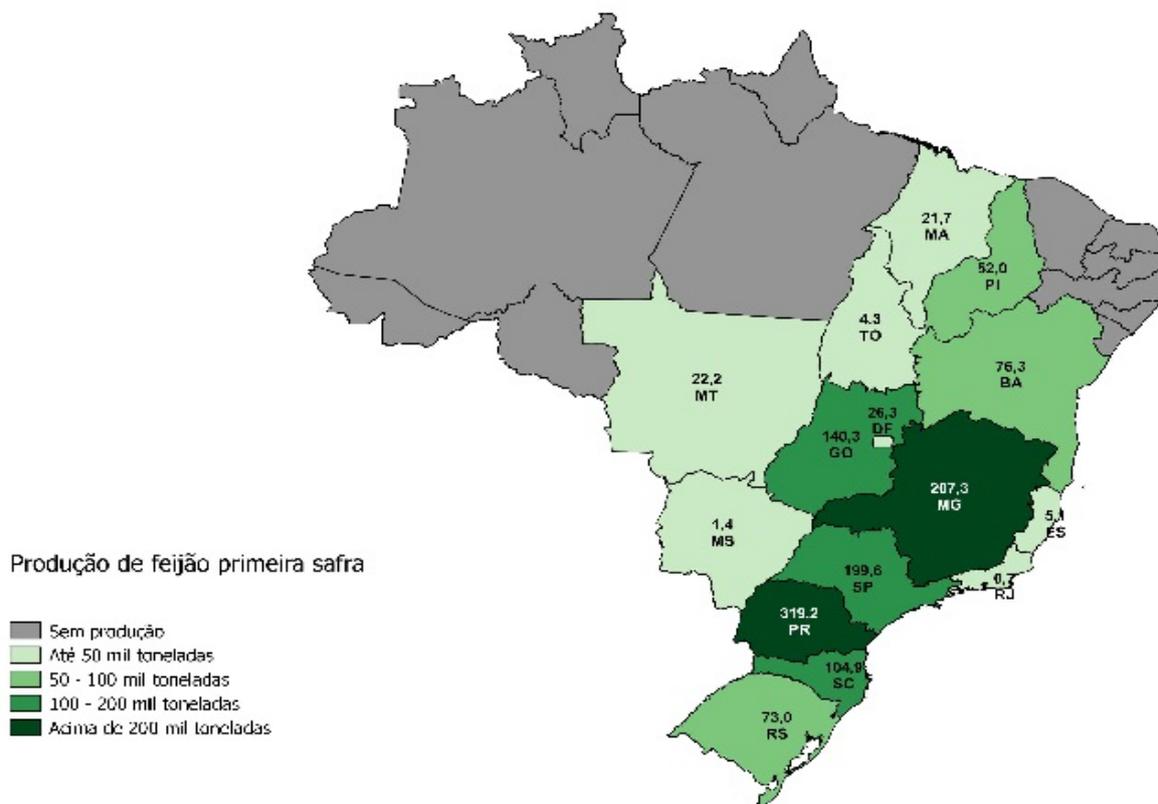
Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi primeira safra está finalizada. As lavouras estão situadas na região sudeste do estado, cuja finalidade da produção é a obtenção de sementes para o cultivo da segunda e terceira safras da variedade. A área destinada à cultura foi de 6,4 mil hectares, com produtividade média de 1.200 kg/ha.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi deve sofrer redução de 1,5% em relação à safra anterior, no entanto, estima-se aumento de 9,2% na produtividade. Esse valor é baixo para a cultura, porém coerente com o histórico regional. Trata-se de uma cultura de risco devido ao clima seco da região norte do estado, onde esta variedade é cultivada. Na safra passada se perdeu 30% da área plantada total, sendo que em alguns municípios as perdas chegaram a 80%, de forma que muitas vezes não se compensa o cultivo.



Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	6,1	27,1	649	703	8,2	3,1	4,3	38,7
TO	4,8	6,1	27,1	649	703	8,2	3,1	4,3	38,7
NORDESTE	490,2	428,9	(12,5)	453	350	(22,8)	222,1	150,0	(32,5)
MA	36,4	37,4	2,7	570	580	1,8	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	221	(24,8)	66,7	52,0	(22,0)
BA	226,9	156,2	(31,2)	594	489	(17,7)	134,7	76,3	(43,4)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.328	5,7	179,5	190,2	6,0
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	243,4	(1,6)	1.651	1.696	2,7	408,3	412,7	1,1
MG	161,0	158,8	(1,4)	1.213	1.305	7,6	195,2	207,3	6,2
ES	4,6	4,6	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	(5,6)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.147	1,8	0,7	0,7	-
SP	81,1	79,4	(2,1)	2.552	2.514	(1,5)	207,0	199,6	(3,6)
SUL	287,2	292,3	1,8	1.907	1.701	(10,8)	547,6	497,1	(9,2)
PR	194,1	199,8	2,9	1.880	1.598	(15,0)	364,8	319,2	(12,5)
SC	51,3	53,0	3,3	2.160	1.979	(8,4)	110,8	104,9	(5,3)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.847	7,3	72,0	73,0	1,4
NORTE/NORDESTE	495,0	435,0	(12,1)	455	355	(22,1)	225,2	154,3	(31,5)
CENTRO-SUL	616,0	617,4	0,2	1.843	1.782	(3,3)	1.135,4	1.100,0	(3,1)
BRASIL	1.111,0	1.052,4	(5,3)	1.225	1.192	(2,7)	1.360,6	1.254,3	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,8	-	965	993	2,9	9,5	9,7	2,1
MG	6,9	6,9	-	838	898	7,2	5,8	6,2	6,9
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	(6,7)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.147	1,8	0,7	0,7	-
SUL	163,7	169,7	3,7	1.880	1.672	(11,1)	307,8	283,7	(7,8)
PR	112,0	118,9	6,2	1.929	1.609	(16,6)	216,0	191,3	(11,4)
SC	19,9	21,3	7,1	2.200	2.037	(7,4)	43,8	43,4	(0,9)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.660	10,1	48,0	49,0	2,1
CENTRO-SUL	174,7	180,7	3,4	1.829	1.636	(10,5)	319,5	295,7	(7,4)
BRASIL	174,7	180,7	3,4	1.829	1.636	(10,5)	319,5	295,7	(7,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,9	125,0	1.080	1.111	2,9	0,4	1,0	150,0
TO	0,4	0,9	120,0	1.080	1.111	2,9	0,4	1,0	150,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	485	(43,7)	49,1	21,3	(56,6)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	485	(43,7)	49,1	21,3	(56,6)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.432	5,9	169,6	180,2	6,3
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	219,7	(1,7)	1.752	1.798	2,6	391,5	395,1	0,9
MG	140,0	138,0	(1,4)	1.301	1.400	7,6	182,1	193,2	6,1
ES	2,3	2,3	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	(4,2)
SP	81,1	79,4	(2,1)	2.552	2.514	(1,5)	207,0	199,6	(3,6)
SUL	123,5	122,6	(0,7)	1.941	1.741	(10,3)	239,8	213,4	(11,0)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.581	(12,7)	148,8	127,9	(14,0)
SC	31,4	31,7	0,9	2.134	1.940	(9,1)	67,0	61,5	(8,2)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	57,4	44,8	(22,0)	864	498	(42,4)	49,5	22,3	(54,9)
CENTRO-SUL	420,8	416,4	(1,0)	1.903	1.894	(0,5)	800,9	788,7	(1,5)
BRASIL	478,2	461,2	(3,6)	1.779	1.758	(1,1)	850,4	811,0	(4,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,2	18,2	610	632	3,6	2,7	3,3	22,2
TO	4,4	5,2	17,7	610	632	3,6	2,7	3,3	22,2
NORDESTE	433,2	385,0	(11,1)	400	334	(16,3)	173,0	128,7	(25,6)
MA	36,4	37,4	2,7	570	580	1,8	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	221	(24,8)	66,7	52,0	(22,0)
BA	169,9	112,3	(33,9)	504	490	(2,8)	85,6	55,0	(35,7)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,9	(1,4)	519	567	9,2	7,3	7,9	8,2
MG	14,1	13,9	(1,5)	519	567	9,2	7,3	7,9	8,2
NORTE/NORDESTE	437,6	390,2	(10,8)	402	338	(15,8)	175,7	132,0	(24,9)
CENTRO-SUL	20,5	20,3	(1,0)	732	767	4,8	15,0	15,6	4,0
BRASIL	458,1	410,5	(10,4)	416	359	(13,7)	190,7	147,6	(22,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto semeadura de 789 mil hectares, um incremento de 2,1% quando comparado à safra passada. Observa-se que para

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é um dos tipos mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 546,1 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 5,2% inferior à safra passada.

Rondônia cultiva apenas o feijão-comum cores na segunda safra. O seu estabelecimento no campo ocorre com a redução dos índices pluviométricos, que ocorrerá a partir da segunda quinzena de março.

No Amazonas, a cultura é praticada em pequena escala, embora desenvolvida em todo estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência, excetuando o município de Lábrea que produz em maior quantidade para comercialização. Para essa safra a intenção é semear 4,1 mil hectares, 8% a mais em relação à safra anterior, obtendo uma média na produtividade de 925 kg/ha, com uma produção estimada de 3,8 mil toneladas. A predominância da variedade macaçar em todas as áreas de várzea e a variedade carioca apenas no município de Apuí. Em terra firme a semeadura ocorre em fevereiro, março e abril e a colheita em maio, junho e julho. Na várzea a semeadura ocorre em agosto, setembro e outubro e a colheita em novembro a Janeiro.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantadas 25,7 mil hectares de feijão-comum cores, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de apenas 447 kg/ha. A presente safra conta com a perspectiva de pequeno crescimento da área, com a variação de 4,5%, o que poderá corresponder a 26,9 mil hectares de feijão cores, com produtividade de 400 kg/ha.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 10 mil hectares, com a produção de 16 mil toneladas, em manejo irrigado em sistema de pivô central em sucessão à lavoura da soja. Os plantios devem ocorrer em meados de fevereiro. O plantio do feijão-comum cores após a colheita das lavouras de soja é caracterizado como um cultivo de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e terceira safras, abastecendo toda Região Nordeste do Brasil.

No Mato Grosso, a área destinada ao cultivo do feijão-comum cores segunda safra, inicialmente, deve se manter no patamar de 28,4 mil hectares, apesar do re-

as regiões Norte e Nordeste será semeado 789,4 mil hectares, 667,3 mil hectares para a região Centro-Sul, totalizando 1,456,7 mil hectares.

cuo dos preços do grão. Contudo, o espaço destinado à cultura poderá aumentar, dependendo das condições climáticas. A previsão de plantio é a partir de fevereiro.

No Distrito Federal, estima-se 37,5% de redução de área, ocasionado pelo ajuste na área de feijão-caupi, que é cultivado na segunda safra. Assim, a produção poderá ser reduzida em 44,4% em comparação à safra passada. A produtividade média estimada é de 1.945 kg/ha, 11,6% inferior à obtida na safra passada.

No Paraná, a cultura deverá apresentar redução de área de 25,1% em relação à safra passada. A frustração do produtor decorrente das perdas na primeira safra é uma forte motivadora para essa redução. Acrescenta-se o fato de que boa parte das lavouras de primeira safra tinham finalidade de produção de sementes para plantio na segunda safra. Com a queda de produção e, principalmente, qualidade, a escassez de sementes também corrobora a queda na área de intenção de plantio. A semeadura já foi iniciada nas áreas onde já ocorreu a colheita, como fumo, milho silagem e o próprio feijão primeira safra. As atuais lavouras já estão sofrendo com o excesso de chuvas, estando mais de 30% em condições regulares.

Em Santa Catarina, as previsões iniciais indicam manutenção da área do feijão-comum cores segunda safra. Atraso na implantação do feijão de ciclo normal e más condições climáticas durante sua colheita vêm atrasando a retirada da cultura do campo, interferindo nas decisões de cultivo em sucessão, haja vista que um atraso na semeadura pode impactar negativamente nas lavouras futuramente devido às baixas temperaturas no início do outono, não sendo incomum a formação de geadas nas regiões mais altas do Oeste e Meio Oeste de Santa Catarina. Até o final da terceira semana de janeiro não haviam sido contabilizadas áreas implantadas com feijão-comum cores nas regiões produtoras, devendo isso ocorrer a partir do início de fevereiro ou quando as condições climáticas permitirem a colheita do feijão da safra normal. A partir deste momento será possível analisar com maior confiança o montante da área que deverá ser destinada ao cultivo nesta safra. Além disso, as baixas cotações do produto observadas atualmente não incentivam o produtor a investir na cultura, cujo risco de produção aumenta conforme se aproxima o início do outono.



Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa de produção de 184,6 mil toneladas em uma área de 127,8 mil hectares, obtendo em média 1.444 kg/ha.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios, a área se manterá comparada à safra passada. Estima-se de redução de produtividade em 10,4%.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum preto está estimada em 6,4 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata e a produtividade estimada em 939 kg/ha. As lavouras se encontram na fase de maturação e colheita.

No Paraná, estima-se redução de 7,8% na área de semeadura. Tal redução se deve à frustração na primeira safra, que parte da lavoura é destinada à produção de sementes para o plantio da segunda safra. O plantio foi iniciado na primeira semana de janeiro, o excesso de chuvas, como vem ocorrendo nas lavouras de feijão-comum cores, também contribui para a queda da área.

Em Santa Catarina, as primeiras estimativas apontam para a manutenção da área a ser plantada nessa safra. Entre alguns fatores responsáveis por isso, o fator climático vem se destacando como o principal. Baixas precipitações ocorridas em meados de dezembro de 2017 interferiram negativamente na finalização do

Feijão-caupi

Em Tocantins, para o feijão segunda safra o plantio só iniciará em março, mas a expectativa é de que haja aumento no número de produtores do grão, principalmente na região sudeste do estado, onde alguns produtores iniciaram no cultivo do grão na safra passada para exportação e acharam a cultura uma ótima alternativa em substituição do milho.

Na Paraíba, para a segunda safra é estimado a semeadura de 64,9 mil hectares de feijão macaçar, com produtividade de 234 kg/ha.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com a produção de 40 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa e irrigado em sucessão à soja precoce. Os plantios devem ocorrer em meados de fevereiro.

Em Mato Grosso, o feijão-caupi segunda safra ainda não foi semeado, no estado. Todavia, estima-se que em fevereiro e março sejam plantados cerca de 214 mil

plantio do feijão primeira safra, o que acabou por atrasar a implantação da cultura em alguns locais. Posteriormente, chuvas constantes ao final de dezembro daquele ano e início de janeiro, atrapalharam a colheita das lavouras em final de ciclo, resultando, novamente, no atraso das operações de cultivo do feijão segunda safra, o qual seria implantado em sucessão. Dessa forma, até à penúltima semana de janeiro apenas 4% das lavouras destinadas ao cultivo de feijão-comum preto segunda safra haviam sido semeadas, devendo esta operação se concentrar em fevereiro, quando se espera que este índice atinja mais de 95%. Boa parte dos produtores devem investir no plantio de soja safrinha no lugar do feijão, caso as condições climáticas permitirem a semeadura da oleaginosa até o prazo previsto para início do vazio sanitário (11 de fevereiro).

No Rio Grande do Sul boa parte das lavouras já estão implantadas, com destaque para Palmeira das Missões e Santo Ângelo, com 100% da área e Soledade e Erechim com 30%. Muitas áreas do feijão-comum preto segunda safra têm sido implantadas em sequência à cultura do milho e em áreas com irrigação por pivô central. Embora em alguns locais a área tenha reduzido, em muitos a segunda safra tem se tornado mais importante que a primeira, em especial em cidades caracterizadas por grandes propriedades. As condições de desenvolvimento até o momento são boas.

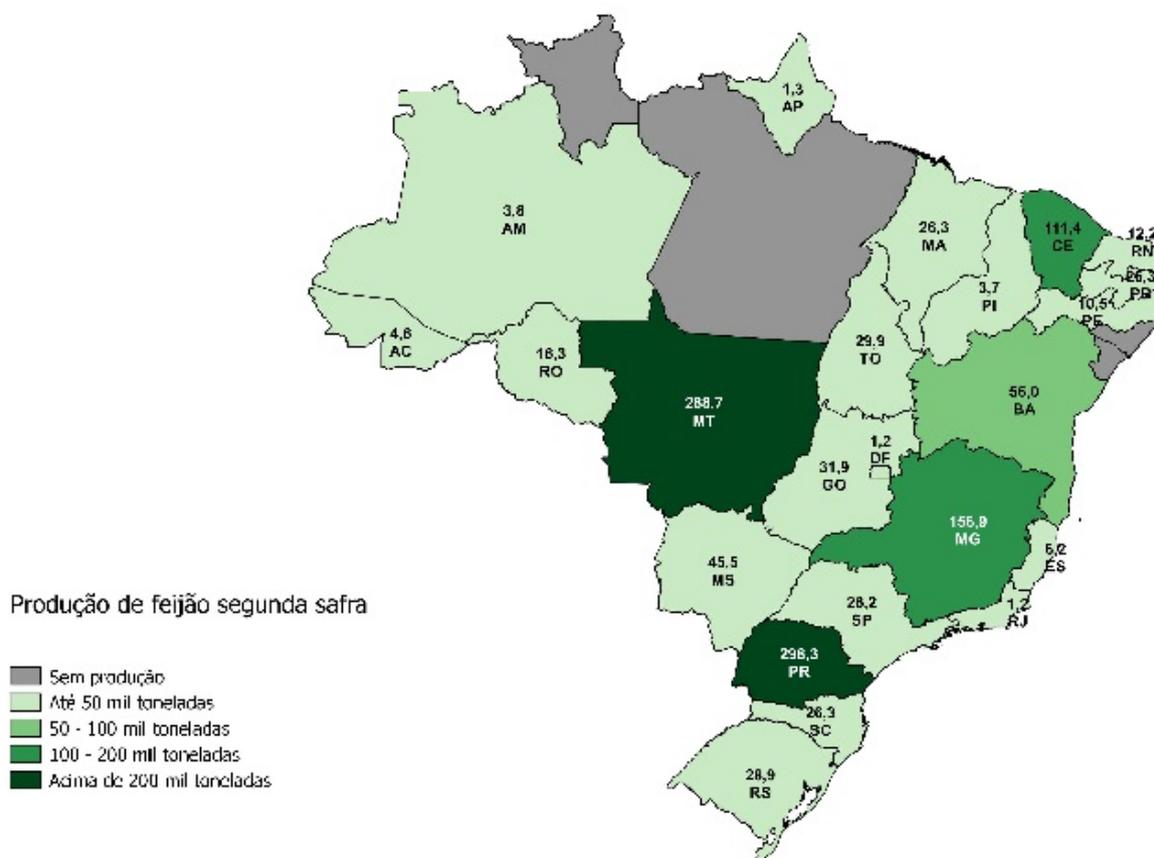
hectares do grão, incremento de 5,8%, ocupando, parcialmente, espaço antes destinado ao milho segunda safra. Os preços baixos do cereal e as incertezas climáticas favorecem a ampliação do cultivo da leguminosa devido a sua rusticidade, ao baixo custo de produção e bons preços no mercado internacional.

No Goiás, os produtores pretendem aumentar a área plantada, principalmente em razão do comprometimento da janela do milho safrinha e passando até mesmo a concorrer com sorgo principalmente por se tratar de uma cultura mais resistente em relação às condições climáticas. Os primeiros plantios devem ocorrer em fevereiro.

No Distrito Federal, o plantio do feijão-caupi ocorre em sua totalidade na segunda safra, para a safra 2017/18 é esperado a semeadura em 500 hectares, com produtividade média de 1.100 kg/ha. Nota-se uma forte demanda da Região Nordeste.



Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	57,5	2,9	1.171	971	(17,1)	65,4	55,9	(14,5)
RO	19,3	19,4	0,5	971	838	(13,7)	18,7	16,3	(12,8)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
TO	23,8	25,0	5,0	1.520	1.195	(21,4)	36,2	29,9	(17,4)
NORDESTE	669,0	731,9	9,4	307	337	9,5	205,6	246,4	19,8
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	92,9	3,2	316	284	(10,2)	28,4	26,3	(7,4)
PE	78,5	78,5	-	83	133	60,8	6,5	10,5	61,5
BA	-	60,0	-	-	933	-	-	56,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	304,6	10,1	1.264	1.272	0,7	349,6	387,5	10,8
MT	230,7	242,4	5,1	1.172	1.191	1,7	270,3	288,7	6,8
MS	26,0	27,0	3,8	1.692	1.684	(0,5)	44,0	45,5	3,4
GO	19,0	34,1	79,5	1.750	1.512	(13,6)	33,3	51,6	55,0
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.553	(29,1)	2,0	1,7	(15,0)
SUDESTE	138,8	138,9	0,1	1.367	1.371	0,3	189,7	190,5	0,4
MG	116,8	116,9	0,1	1.331	1.342	0,9	155,4	156,9	1,0
ES	6,1	6,1	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	(3,1)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	286,6	239,4	(16,5)	1.363	1.476	8,3	390,6	353,5	(9,5)
PR	249,0	201,8	(19,0)	1.370	1.478	7,9	341,2	298,3	(12,6)
SC	18,3	18,3	-	1.417	1.439	1,6	25,9	26,3	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	724,9	789,4	8,9	374	383	2,4	271,0	302,3	11,5
CENTRO-SUL	702,0	682,9	(2,7)	1.325	1.364	3,0	929,9	931,5	0,2
BRASIL	1.426,9	1.472,3	3,2	842	838	(0,5)	1.200,9	1.233,8	2,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-OESTE	1,1	1,1	-	1.555	1.330	(14,5)	1,7	1,5	(11,8)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	10,1	-	937	930	(0,8)	9,5	9,4	(1,1)
MG	6,4	6,4	-	931	939	0,9	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	(4,3)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
SUL	122,4	115,5	(5,6)	1.378	1.500	8,9	168,6	173,3	2,8
PR	88,6	81,7	(7,8)	1.418	1.525	7,5	125,6	124,6	(0,8)
SC	14,5	14,5	-	1.343	1.364	1,6	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-SUL	133,6	126,7	(5,2)	1.346	1.453	7,9	179,8	184,2	2,4
BRASIL	134,7	127,8	(5,1)	1.338	1.444	7,9	180,2	184,6	2,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	31,7	(1,6)	956	817	(14,5)	30,7	25,9	(15,6)
RO	19,3	19,4	0,3	971	838	(13,7)	18,7	16,3	(12,8)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	8,0	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
TO	2,1	1,2	(41,0)	1.312	1.026	(21,8)	2,8	1,2	(57,1)
NORDESTE	32,1	43,3	34,9	414	661	59,5	13,3	28,7	115,8
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	26,9	4,5	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	3,6	3,6	-	62	101	62,9	0,2	0,4	100,0
BA	-	10,0	-	-	1.600	-	-	16,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	73,9	1,0	1.769	1.761	(0,4)	129,6	130,2	0,5
MT	28,4	28,4	-	1.831	1.869	2,1	52,0	53,1	2,1
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.700	-	42,5	44,2	4,0
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,0	(44,4)
SUDESTE	128,6	128,7	0,1	1.401	1.406	0,4	180,1	181,0	0,5
MG	110,3	110,4	0,1	1.354	1.366	0,9	149,3	150,8	1,0
ES	3,6	3,6	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	(2,4)
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	164,2	123,9	(24,5)	1.352	1.455	7,6	222,1	180,3	(18,8)
PR	160,4	120,1	(25,1)	1.344	1.446	7,6	215,6	173,7	(19,4)
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	1,5
NORTE/NORDESTE	64,3	75,0	16,6	685	727	6,0	44,0	54,6	24,1
CENTRO-SUL	366,0	326,5	(10,8)	1.453	1.505	3,6	531,8	491,5	(7,6)
BRASIL	430,3	401,5	(6,7)	1.338	1.360	1,6	575,8	546,1	(5,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	25,8	8,9	1.463	1.160	(20,8)	34,7	29,9	(13,8)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	23,8	9,7	1.540	1.203	(21,9)	33,4	28,6	(14,4)
NORDESTE	635,8	687,5	8,1	302	316	4,8	191,9	217,4	13,3
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	64,9	2,7	261	234	(10,3)	16,5	15,2	(7,9)
PE	74,9	74,9	-	84	135	60,7	6,3	10,1	60,3
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	229,6	13,5	1.079	1.026	(4,9)	218,3	255,8	17,2
MT	202,3	214,0	5,8	1.079	1.101	2,0	218,3	235,6	7,9
GO		15,1			1.300			19,6	
DF		0,5			1.100			0,6	
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	713,3	8,2	344	347	0,9	226,6	247,3	9,1
CENTRO-SUL	202,4	229,7	13,5	1.079	1.026	(4,9)	218,4	255,9	17,2
BRASIL	861,9	943,0	9,4	516	512	(0,8)	445,0	503,2	13,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição - Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,2	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	(18,6)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	(5,5)
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	223,9	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	0,8
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	439,0	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	-
BRASIL	642,4	642,4	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	6,6	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	(17,0)
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	329,5	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	(5,9)
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	212,3	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	0,8
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	336,1	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	-
BRASIL	538,8	538,8	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	14,3	-	554	687	23,9	7,9	9,8	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

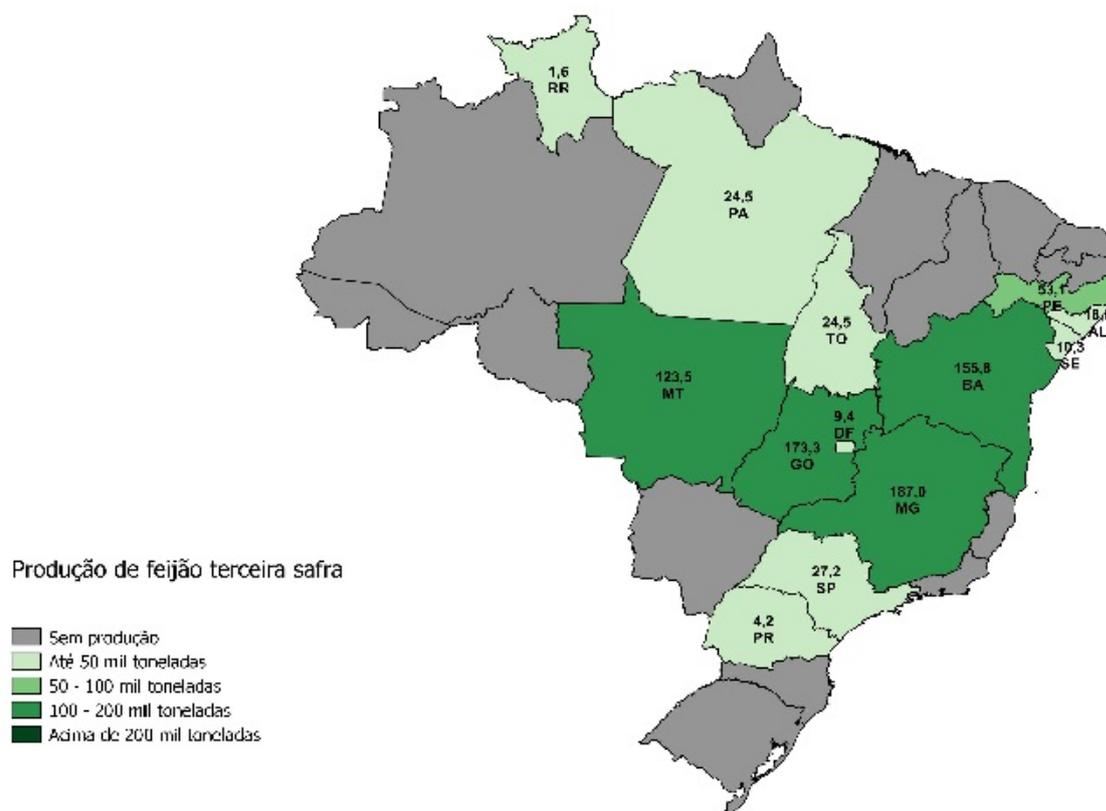
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	45,6	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	(18,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	43,4	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	(12,9)
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	11,6	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	(6,2)
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
NORTE/NORDESTE	89,0	89,0	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	(17,3)
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
BRASIL	89,3	89,3	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



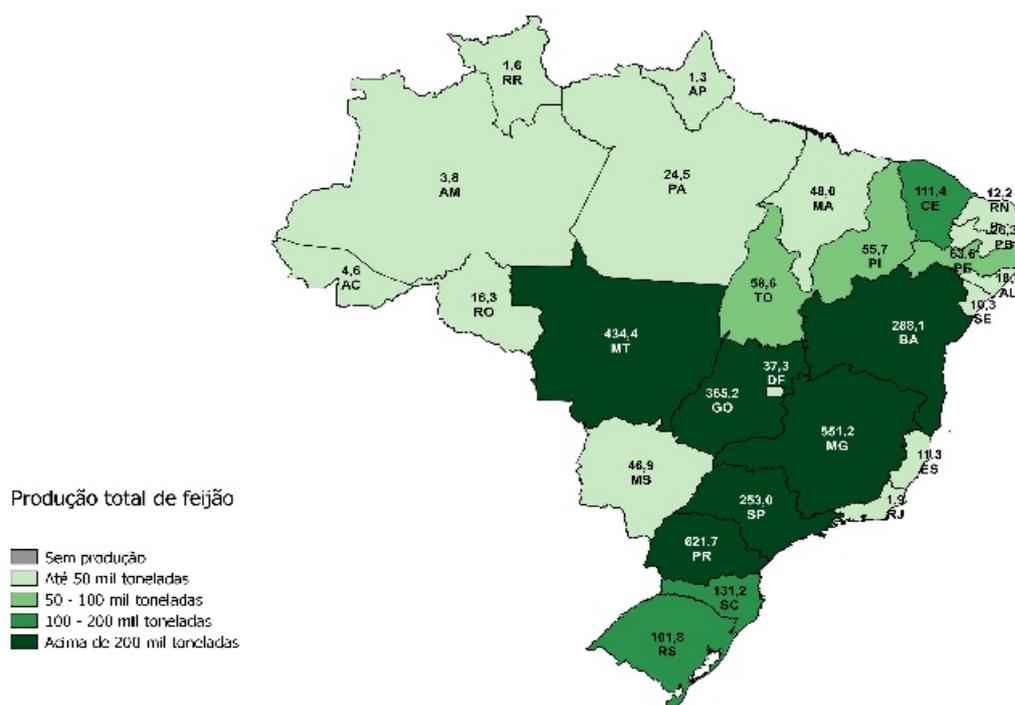
Figura – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

10.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	115,8	2,6	1.158	955	(17,5)	130,6	110,7	(15,2)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	19,4	0,5	971	838	(13,7)	18,7	16,3	(12,8)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	44,1	46,6	5,7	1.622	1.259	(22,4)	71,5	58,6	(18,0)
NORDESTE	1.546,0	1.547,6	0,1	439	409	(6,8)	679,1	633,6	(6,7)
MA	87,8	88,8	1,1	646	541	(16,2)	56,7	48,0	(15,3)
PI	233,2	241,6	3,6	302	231	(23,5)	70,3	55,7	(20,8)
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	92,9	3,2	316	284	(10,2)	28,4	26,3	(7,4)
PE	186,1	186,1	-	311	342	9,8	58,0	63,6	9,7
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	440,1	(2,4)	667	655	(1,8)	300,5	288,1	(4,1)
CENTRO-OESTE	474,9	503,1	5,9	1.761	1.757	(0,3)	836,5	883,8	5,7
MT	295,2	308,7	4,6	1.402	1.407	0,3	414,0	434,4	4,9
MS	26,8	27,8	3,7	1.696	1.688	(0,5)	45,4	46,9	3,3
GO	136,8	150,3	9,9	2.507	2.430	(3,1)	343,0	365,2	6,5
DF	16,1	16,3	1,2	2.117	2.290	8,2	34,1	37,3	9,4
SUDESTE	468,3	464,5	(0,8)	1.731	1.760	1,7	810,6	817,4	0,8
MG	348,2	346,1	(0,6)	1.536	1.592	3,6	535,0	551,2	3,0
ES	10,7	10,7	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	(4,2)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.028	(1,8)	1,9	1,9	-
SP	107,6	105,9	(1,6)	2.434	2.389	(1,8)	261,9	253,0	(3,4)
SUL	578,2	536,1	(7,3)	1.630	1.594	(2,2)	942,7	854,7	(9,3)
PR	447,5	406,0	(9,3)	1.588	1.531	(3,6)	710,5	621,7	(12,5)
SC	69,6	71,3	2,4	1.964	1.840	(6,3)	136,7	131,2	(4,0)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.732	10,8	95,5	101,8	6,6
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.663,4	0,3	488	447	(8,3)	809,7	744,3	(8,1)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.503,7	(1,2)	1.702	1.700	(0,1)	2.589,8	2.555,9	(1,3)
BRASIL	3.180,3	3.167,1	(0,4)	1.069	1.042	(2,5)	3.399,5	3.300,2	(2,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	1.820	1.750	(3,9)	4,5	4,4	(2,2)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,6	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	20,1	-	953	962	1,0	19,2	19,3	0,5
MG	13,5	13,5	-	886	921	3,9	12,0	12,4	3,3
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	(5,7)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.028	(1,8)	1,9	1,9	-
SUL	286,1	285,2	(0,3)	1.665	1.602	(3,8)	476,4	457,0	(4,1)
PR	200,6	200,6	-	1.703	1.575	(7,5)	341,6	315,9	(7,5)
SC	34,4	35,8	4,1	1.839	1.764	(4,0)	63,3	63,2	(0,2)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.595	14,0	71,5	77,9	9,0
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
CENTRO-SUL	308,7	307,8	(0,3)	1.620	1.562	(3,6)	500,1	480,7	(3,9)
BRASIL	323,7	322,8	(0,3)	1.568	1.518	(3,2)	507,6	490,1	(3,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	39,2	-	930	798	(14,2)	36,4	31,3	(14,0)
RO	19,3	19,4	0,5	971	838	(13,7)	18,7	16,3	(12,8)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	3,0	2,6	(13,3)	1.513	1.253	(17,2)	4,6	3,2	(30,4)
NORDESTE	418,6	416,7	(0,5)	684	625	(8,6)	286,2	260,6	(8,9)
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	26,9	4,7	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	75,8	75,8	-	489	507	3,7	37,0	38,4	3,8
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	266,2	(1,2)	774	702	(9,2)	208,3	187,0	(10,2)
CENTRO-OESTE	263,4	264,3	0,3	2.299	2.329	1,3	605,5	615,5	1,7
MT	86,5	88,3	2,1	2.173	2.164	(0,4)	188,0	191,1	1,6
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.703	-	43,9	45,6	3,9
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.373	11,0	30,6	33,3	8,8
SUDESTE	434,0	430,4	(0,8)	1.806	1.836	1,6	783,9	790,0	0,8
MG	320,5	318,6	(0,6)	1.609	1.666	3,5	515,5	530,7	2,9
ES	5,9	5,9	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	(3,1)
SP	107,6	105,9	(1,6)	2.434	2.389	(1,8)	261,9	253,0	(3,4)
SUL	292,1	250,9	(14,1)	1.596	1.586	(0,7)	466,3	397,9	(14,7)
PR	246,9	205,4	(16,8)	1.494	1.489	(0,3)	368,8	305,8	(17,1)
SC	35,2	35,5	0,9	2.087	1.917	(8,1)	73,5	68,1	(7,3)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	457,8	455,9	(0,4)	705	640	(9,2)	322,6	291,9	(9,5)
CENTRO-SUL	989,5	945,6	(4,4)	1.875	1.907	1,7	1.855,7	1.803,4	(2,8)
BRASIL	1.447,3	1.401,5	(3,2)	1.505	1.495	(0,7)	2.178,3	2.095,3	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	76,6	3,9	1.279	1.036	(19,0)	94,3	79,4	(15,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	41,1	44,0	7,1	1.630	1.259	(22,8)	67,0	55,4	(17,3)
NORDESTE	1.112,4	1.115,9	0,3	346	326	(5,9)	385,1	363,7	(5,6)
MA	87,8	88,8	1,1	646	541	(16,2)	56,6	48,0	(15,2)
PI	233,2	241,6	3,6	302	231	(23,5)	70,3	55,7	(20,8)
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	64,9	2,7	261	234	(10,3)	16,5	15,2	(7,9)
PE	96,4	96,4	-	143	168	17,5	13,8	16,2	17,4
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	173,9	(4,2)	507	581	14,6	92,1	101,1	9,8
CENTRO-OESTE	209,0	236,3	13,1	1.083	1.117	3,1	226,5	264,0	16,6
MT	208,7	220,4	5,6	1.083	1.104	2,0	226,0	243,3	7,7
DF	0,3	0,8	166,7	1.500	1.261	(15,9)	0,5	1,1	120,0
SUDESTE	14,2	14,0	(1,4)	522	570	9,1	7,4	8,0	8,1
MG	14,2	14,0	(1,4)	522	570	9,1	7,4	8,0	8,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.192,5	0,5	404	372	(8,1)	479,4	443,1	(7,6)
CENTRO-SUL	223,2	250,3	12,1	1.048	1.086	3,7	233,9	272,0	16,3
BRASIL	1.409,3	1.442,8	2,4	506	496	(2,1)	713,3	715,1	0,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.1.5. GIRASSOL

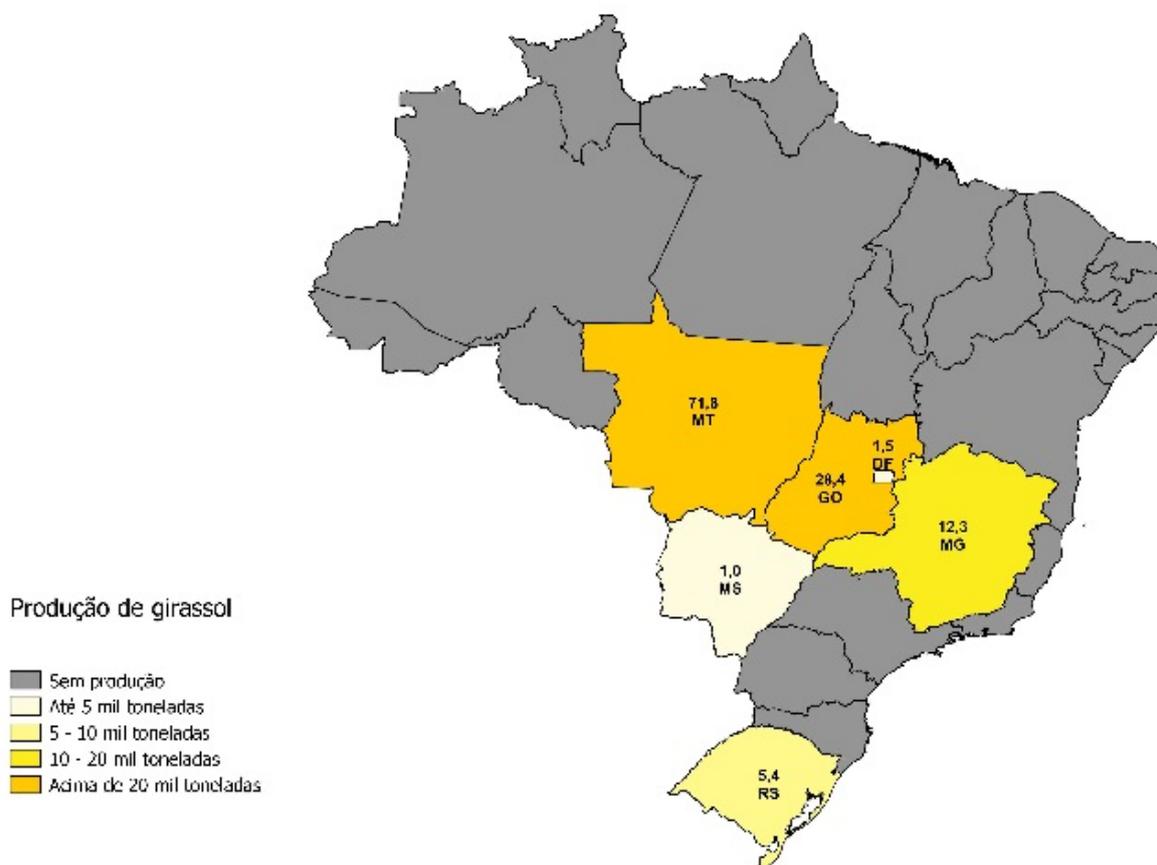
Em Mato Grosso, a expectativa é de aumento na área plantada do girassol segunda safra, em relação à safra anterior, saindo de 31,8 mil hectares para aproximadamente 44,4 mil hectares no ciclo 2017/18, incremento de 39,7% devido aos bons preços da oleaginosa. A semeadura deve ocorrer a partir de fevereiro, tendo em março a maior concentração dos trabalhos de campo.

Em Goiás poderá também ocorrer um aumento na área plantada de girassol nessa safra, de 8,4%, porém o plantio é restrito a apenas uma empresa processadora de óleo, situada no sul do estado, que recebe a produção goiana bem como do Triângulo Mineiro.

Essa empresa fornece insumos, sementes e orientação técnica, porém também tem seus limites quanto à capacidade de recebimento e processamento do girassol. Na safra passada essa empresa comprou toda a produção de Goiás e Triângulo Mineiro, que chegou a 26 mil hectares plantados.

Em Minas Gerais, o plantio de girassol normalmente se concentra em março. Nessa projeção inicial ainda é estimada uma área de plantio muito próxima da safra anterior, de 9,3 mil hectares. Com uma produtividade média estimada em 1.326 kg/ha e a produção poderá atingir 12,3 mil toneladas.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	63,8	27,3	1.702	1.609	(5,4)	85,3	102,7	20,4
MT	31,8	44,4	39,7	1.670	1.617	(3,2)	53,1	71,8	35,2
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.400	(6,7)	1,5	1,0	(33,3)
GO	16,6	18,0	8,4	1.750	1.579	(9,8)	29,1	28,4	(2,4)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
SUDESTE	9,3	9,3	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	(5,4)
MG	9,3	9,3	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	(5,4)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	76,4	21,9	1.653	1.575	(4,7)	103,7	120,4	16,1
BRASIL	62,7	76,4	21,9	1.653	1.575	(4,7)	103,7	120,4	16,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18, de mamona, é de aumento de área, alcançando 33,9 mil hectares, que representa acréscimo de 21,1% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27,1 mil hectares, com a produção esperada de 13,5 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28,4% da área cultivada e 29,8% da produção. Essa tendência é atribuída ao clima e às cotações do produto no mercado, visto que novembro e dezembro de 2017 foram mais chuvosos que o mesmo período da safra anterior, e as cotações do valor pago ao produtor segue tendência de crescimento nos últimos três anos, se acentuando a partir de setembro de 2017, atingindo o patamar de R\$ 170,00 por saca de 60 quilos. A mamona é cultivada no centro norte do estado, tendo como principal polo a região de Irecê. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. As condições climáticas para a cultura estão favoráveis devido a sua alta adaptação ao estresse hídrico. Estima-se que produtividade poderá alcançar 549 Kg/ha. A evolução da estimativa da produtividade da cultura da mamona na Bahia, no estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017, primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 495 kg/ha (8,3 scs/ha). Com plantio ocorrendo no fim de outubro, novembro e dezembro e, com a regularidade das chuvas, estima-se a produtividade de 563 kg/ha (9,4 scs/ha), que se manteve estável sem grandes alterações, reduzindo para 549 kg/ha (9,2 scs/ha) em janeiro de 2018, quinto levantamento. Nas próximas avaliações, o estado de

desenvolvimento das plantas, as qualidades fitossanitárias serão de suma importância para a estimativa dos rendimentos. A colheita deve ser iniciada em meados de abril.

Figura 19 - Lavoura de mamona com bom desenvolvimento, Irecê-BA

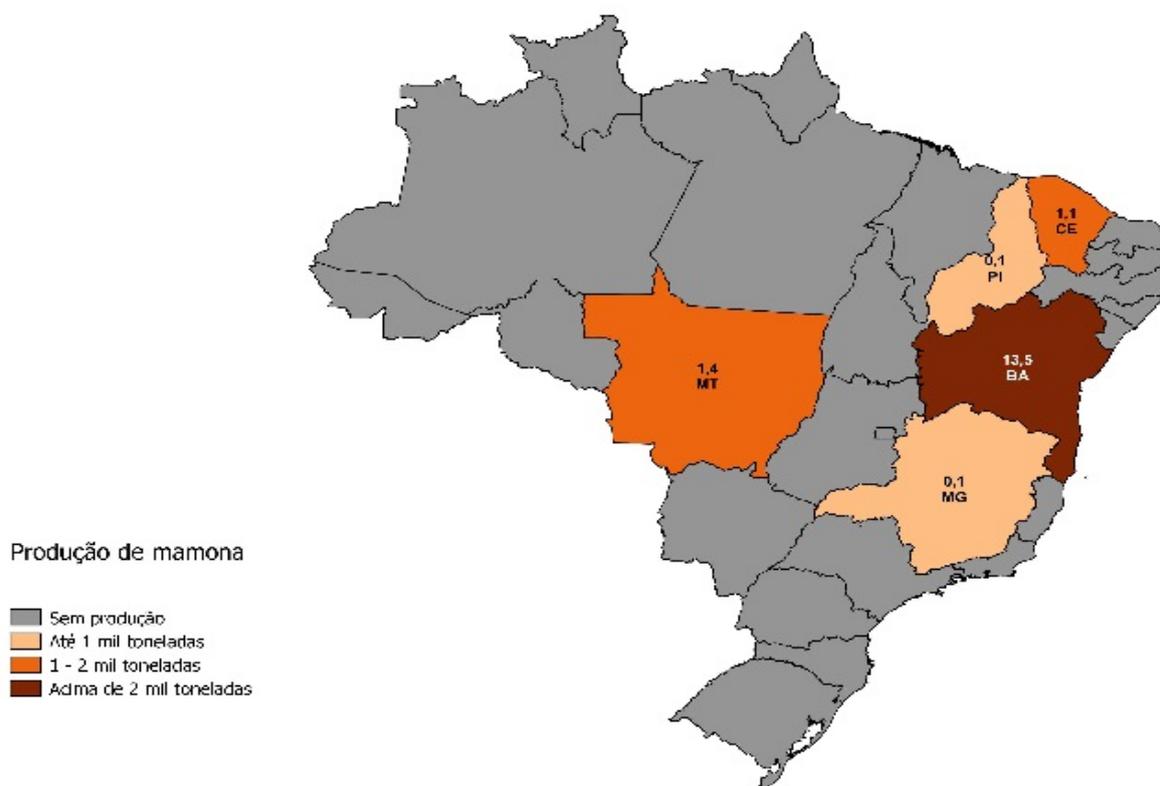


Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado na presente safra não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, pulverizadas na região norte do estado, apresentam produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim, com comercialização muito incerta. A extinção de áreas de baixo rendimento impactará diretamente na produtividade do estado, que poderá atingir 896 kg/ha, caso as condições climáticas sejam favoráveis.



Figura 20 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	32,2	22,9	444	456	2,8	11,6	14,7	26,7
PI	0,2	0,2	-	494	494	-	0,1	0,1	-
CE	4,9	4,9	-	224	217	(3,1)	1,1	1,1	-
BA	21,1	27,1	28,4	494	499	1,0	10,4	13,5	29,8
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	32,2	22,9	444	456	2,8	11,6	14,7	26,7
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	33,9	21,1	470	478	1,9	13,1	16,2	23,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.1.7. MILHO

10.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O quinto levantamento de milho primeira safra, da temporada 2017/18, indica redução de área de 8,9% em relação à safra 2016/17. Na Região Centro-Sul, a cultura segue o movimento observado nos últimos anos, sendo substituída, principalmente, pela soja, com redução de 15,8% na área. Na Região Norte/Nordeste, a expectativa é de aumento de 1,9% na área em relação à safra passada.

Na Região Norte, a perspectiva é de aumento de 3,9% na área plantada em relação à safra passada. Tocantins e Pará são os responsáveis pelo aumento de área.

Em Rondônia, o milho primeira safra é semeado de outubro a dezembro, recebendo tratamentos culturais em setembro e dezembro. Os propágulos utilizados em grande parte das lavouras, são oriundos de sementes salvas da safra anterior, selecionados através de seleção massal, pelo produtor, guardadas e utilizadas para cultivo na safra seguinte.

O crédito rural para a cultura do milho primeira safra flui de maneira normal, no entanto é pouco acessado pelos produtores rurais, uma vez que o perfil de quem o cultiva é de pequeno produtor rural familiar, objetivando ter matéria-prima para alimentar suínos e aves na sua propriedade. O estabelecimento da cultura no campo já é pleno em todo estado.

Nesse levantamento, observamos redução na área cultivada em relação à safra passada, passando de 40,2 mil hectares para 37,1 mil hectares. A redução é justificada pelo preço atrativo de aquisição dos grãos por parte dos produtores, que hoje preferem comprar do que implantar a cultura e arcar com os custos de produção. A produtividade deverá ser em torno de 2.481 kg/ha, rendimento explicado pois, de forma geral, essa cultura não recebe manejo adequado de solo, pragas e doenças. A produção no estado deverá ser de 92 mil toneladas.

Os estádios da cultura, atualmente, se dividem em: 5% na fase de pendramento, 45% em enchimento de grãos, 45% em maturação e 5% já foi colhido. As condições climáticas são satisfatórias para a cultura, fator importante na época de florescimento e enchimento dos grãos. Após a maturação fisiológica, parte da produção permanece no campo, quando então os colmos são dobrados e, via de regra, se utiliza dessa área e tutores naturais para a semeadura do feijão de segunda safra. O milho primeira safra maduro e seco é dobrado. Dessa forma, se evita a entrada de água

na espiga e mantém o solo protegido contra erosão, além de servir como tutor para a cultura do feijão, que poderá ser cultivada nas entrelinhas do milho.

Figura 21 - Milho dobrado e com espigas em campo



Fonte: Conab.

No Acre, o plantio de milho iniciou em outubro e se estendeu até dezembro. A regularidade das chuvas em dezembro e janeiro contribuiu para o desenvolvimento das plantas, florescimento e enchimento de grãos. A cultura apresenta-se em fase de enchimento de grãos para as áreas plantadas tardiamente, no entanto, as áreas que foram plantadas em outubro estão em fase de maturação dos grãos. Há expectativa de uma boa produção de grãos sem prejuízos causados pela quantidade de chuvas ocorridas em janeiro, que foi superior ao esperado para o mês.

No Amazonas, o cultivo ocorre em áreas de terra firme e áreas de várzea. O plantio em terra firme ocorre de outubro a dezembro e a colheita vai de janeiro a março. Já nas áreas de várzea, o plantio vai de agosto a outubro, com a colheita acontecendo em dezembro e janeiro. A área total estimada com o cultivo de milho é de 11,5 mil hectares, 5,7% menor em relação à safra anterior, com um pequeno acréscimo de produtividade. Estima-se uma produção de 29,5 mil toneladas, 4,2% menor que na safra anterior. Um problema enfrentado no estado é a carência de tecnologia de secagem de grãos, o que torna o seu armazenamento inviabilizado.

No Pará, a expectativa para fechamento do plantio é para fevereiro. A estimativa para a safra 2017/18 é de um acréscimo na área de milho em 5%. O aumento



discreto na área se deve, principalmente, ao consumo somente do mercado interno. O milho produzido no polo de Paragominas é todo consumido no Pará. Os insumos se mantiveram, com relação a preços, estabilizados, favorecendo o produtor.

Em Tocantins, a cultura deverá registrar um aumento de 17,2% na área cultivada, nessa safra, em relação à safra passada. O incremento de área se deve, em parte, à alternativa dos produtores que não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar soja na janela ideal de plantio e que, assim, optaram pelo plantio do milho. A cultura já teve seu plantio finalizado e, até o momento, as lavouras se desenvolvem satisfatoriamente.

A Região Nordeste tem a maior área cultivada com milho primeira safra do país. Quando comparada à safra 2016/17, o acréscimo nessa safra deverá ser de 1,6% na área.

No Maranhão, constatou-se um acréscimo de área em torno de 8%, passando de 292,8 mil hectares para aproximadamente 316,2 mil hectares. Esse aumento se deve, basicamente, às áreas de agricultura familiar que estão migrando aos poucos para a agricultura mecanizada. Este agricultor geralmente tem optado pelo plantio de milho, pois consegue um preço mais remunerador por saca no mercado interno (microrregião/cidades circunvizinhas).

No Piauí, estima-se aumento de 0,7% na área de milho primeira safra em relação à temporada passada, totalizando uma área de 421,1 mil hectares. O plantio, que já foi concluído em todos os municípios da região de cerrado, ocorreu dentro da janela ideal e, nessa safra, teve a fase de implantação de lavouras mais favorável dos últimos anos, segundo a maioria dos produtores. De forma geral, o clima tem sido benéfico, com chuvas bem distribuídas. A incidência de pragas e doenças têm sido baixa e não apresenta dificuldades no controle. No entanto, devido às fases das lavouras se encontrarem extremamente dependentes do clima, distribuídas atualmente em 90% em estágio de desenvolvimento vegetativo, 8% em floração e 2% em frutificação, continuamos mantendo a produtividade estatística, estimada em 2.354 kg/ha.

Figura 22 - Milho em desenvolvimento vegetativo, em Currais – PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, as lavouras de milho primeira safra ocupam 380,3 mil hectares, com a expectativa de produzir 1.555 mil toneladas. Essa lavoura é plantada em todo a Bahia, sob diferentes tipos de manejo e perfil produtivo. Espera-se o rendimento médio de 4.089 kg/ha (68,2 scs/ha). Os plantios foram finalizados em dezembro e a produção começará a ser colhida em abril e, no momento, as plantas se encontram em estágio de desenvolvimento vegetativo e floração.

O momento atual é de atenção à disponibilidade hídrica, pois, nas regiões centrais do estado, a falta de chuvas está impactando negativamente as lavouras, enquanto que no oeste do estado a disponibilidade hídrica é ideal. Tal cenário não impactou significativamente no rendimento da safra no estado, havendo variações inferiores a 2% em relação ao levantamento anterior. No entanto, os impactos regionais foram mais intenso havendo regiões com redução de até 53% das projeções iniciais, estimadas em novembro e dezembro.

No extremo oeste, espera-se uma produtividade de 6.557 kg/ha (109,3 scs/ha), com tendência de aumentos na produtividade devido à regularidade das chuvas e à sanidade vegetal. As lavouras nessa região são cultivadas pela agricultura familiar, ocupando cerca de 30% da área cultivada, com rendimentos de cerca



em 5.000 kg/ha (83 scs/ha) e pela agricultura empresarial, ocupando cerca de 70% da área cultivada, com rendimento em cerca de 7.200 kg/ha (120 scs/ha). A diferença no pacote tecnológico utilizado por cada perfil de produtor justificam as diferenças de produtividades.

No centro sul e Vale do São Francisco, a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 35%, reduzindo a produtividade de média esperada de 985 kg/ha (16,4 scs/ha) para 640 kg/ha (10,6 scs/ha). No entanto, as lavouras estão muito desuniforme por toda região, havendo perdas de 20% a 53% em relação às previsões iniciais, contudo, os rendimentos previstos são 66% maiores que os obtidos na safra passada. Estima-se que nessa região sejam cultivados cerca de 110 mil hectares desse cereal, praticamente a mesma área da safra passada.

No centro norte espera-se rendimento de 540 kg/ha (9 scs/ha) e algumas áreas de plantio já apresentam sinais de estresse hídrico, por conta de baixas precipitações de Janeiro. No entanto, em alguns territórios que tiveram volumes maiores de chuvas, a cultura apresenta condição vegetativa melhor. Estima-se que a área cultivada seja de 47 mil hectares e a produção atinja 25,5 mil toneladas.

Figura 23 - Lavoura de milho em Bom Jesus da Lapa - BA



Fonte: Conab.

Na Região Centro-Oeste, a previsão é de redução do plantio. A área cultivada deverá ser 18,8% menor em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, o suprimento dos estoques de passagem e a baixa cotação do cereal, desestimularam o cultivo do milho primeira safra. Assim, estima-se cultivo de 27,2 mil hectares no atual ciclo, ante aos 33,4 mil hectares na temporada passada, recuo de 18,6%

no período. Em relação ao rendimento das lavouras, as expectativas são boas, com produtividade estimada em 7.676 kg/ha, a mesma registradas na safra passada. As lavouras estão no final da fase vegetativa e início da reprodutiva.

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas afetaram alguns fatores de produção, tal como ocorreu para a soja. No início do plantio foi registrado um pequeno período de estiagem e próximo às fases de floração e enchimento de espiga houve um período de chuvas excessivas. Isso afetou o tempo esperado para o início da colheita, pois o plantio sofreu um pequeno atraso. Tais condições foram classificadas como instáveis. Mesmo as condições climáticas não sendo consideradas adequadas, possibilitaram manter uma boa expectativa de produtividade.

Na análise da área destinada ao plantio, a redução ainda se manteve, pois fatores como preço baixo na safra anterior e atual fizeram com que os produtores recuassem no investimento com o milho, optando pela cultura da soja. Há relatos de algumas pragas e doenças, tais como mancha branca, percevejo, além da planta invasora conhecida como buva, mas sem nenhum impacto na produtividade estimada até o momento, devido, sobretudo, ao manejo adequado de pragas e doenças adotado pelos produtores.

Na região norte do estado, a cultura está em enchimento de grãos, variando desde os estádios leitoso à farináceo. Já na região sul do estado, 50% da área de milho se encontra colhida, 37,5% está no estágio de frutificação e 12,5% em maturação. Apenas o milho colhido já foi comercializado e há uma expectativa de valorização por parte dos produtores, evitando o feitiço de contratos futuros.

Em Goiás, a cada nova safra, as áreas de milho primeira safra com destinação à produção de grãos vêm reduzindo. Em virtude do atraso no plantio da soja, por questões climáticas, poucas áreas de milho primeira safra foram observadas em Goiás. A logística nessa safra é voltada para soja, principalmente a rede de armazenagem, que não cederá espaço para receber o milho verão.

No momento, a maioria das áreas de milho primeira safra estão na fase de enchimento de grãos. Na região sul do estado, a colheita está prevista para abril, enquanto na região leste a previsão é para abril e maio. Muitas áreas de milho primeira safra são destinadas para a produção de silagem. Outras, a depender da qualidade e desenvolvimento, que até então seriam destinadas à produção de grãos, poderão resultar em silagem.



Figura 24 - Milho em Perolândia – GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, a estimativa de área plantada com milho na primeira safra 2017/18 é de 27,8 mil hectares, 2,8% inferior à semeada na safra passada. A produção por sua vez poderá ser de 221,8 mil toneladas, levemente inferior à temporada passada. As chuvas ocorridas nas últimas semanas poderá atrasar a colheita e, conseqüentemente, ocasionar o encurtamento da janela de plantio da segunda safra. As lavouras estão em excelentes estádios de maturação, aguardando colheita para as próximas semanas.

Na Região Sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 11,1% menor em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais, o plantio de milho primeira safra apresentou uma redução de 13,6% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil hectares para 785,7 mil hectares devido à predileção dos agricultores pela soja, que apresentava preços mais remuneradores na ocasião do plantio e ao atraso das chuvas, que acabou tendo influência também no estreitamento da janela de plantio e levou alguns agricultores a optarem por milho destinado à silagem.

As lavouras se encontram em vários estádios de desenvolvimento, predominando o desenvolvimento vegetativo e floração devido ao atraso do plantio, em torno de 30 dias. Na ocasião desse levantamento houve relatos de veranico de pelo menos 10 dias, cujos prejuízos, se ocorrerem, serão informados com o andamento da colheita. Com isso, em alguns municípios, o calendário de plantio foi encerrado, resultando em redução da área de cultivo. O rendimento médio está estimado em 6.218 kg/ha.

Em São Paulo, após anos de aumento de áreas, o cultivo de áreas com milho primeira safra deverá apresentar uma retração. Nesse levantamento, a área de

milho está estimada em 355,6 mil hectares. O cereal sofreu redução de área frente à soja devido à maior rentabilidade da leguminosa e às condições de mercado atuais do milho. Em relação aos estádios de desenvolvimento da cultura, aproximadamente 40% está em floração, 30% em frutificação e 30% em maturação. A produtividade estimada é de 6.267 kg/ha, praticamente estável em relação à safra passada. A comercialização segue calma e o preço, em nível de produtor, vem se mantendo praticamente estável.

Figura 25 - Lavoura de milho em Pontal - SP



Fonte: Conab.

Na Região Sul, maior produtora de milho primeira safra do país, a cultura deverá ter uma redução importante na área plantada, estimada em 1.392,5 mil hectares, ante aos 1.712,9 mil hectares da safra passada, redução de 18,7%.

No Paraná, a colheita já deveria ter sido iniciada, mas foi prejudicada pelo excesso de chuvas. As operações devem iniciar em fevereiro, assim que o tempo firmar. As adversidades climáticas no plantio (estiagem), no desenvolvimento vegetativo (excesso de chuvas) e na fase reprodutiva (excesso de chuvas, falta de luz e falta de unidades de calor) refletiram na estimativa de produtividade para esse levantamento. As lavouras se encontram, em sua maior parte, na fase de enchimento de grãos. A produção, nessa primeira safra, concentra-se nas áreas de maior investimento, com altíssima produtividade potencial. Ainda que haja redução no peso dos grãos, o rendimento deverá ficar dentro do estimado inicialmente.

Em Santa Catarina, as primeiras lavouras foram colhidas na região oeste do estado, alcançando em torno de 5,3% da área total. As produtividades obtidas nas lavouras já colhidas, bem como nas áreas em que estas se encontram em fase final de granação e início de maturação, indicam rendimentos próximos dos previstos anteriormente. Nas demais áreas em desenvolvimento vegetativo e floração que, somadas, representam em torno de 17%, as condições climáticas ainda são passíveis de interferir no resultado do cultivo.



A cultura passou por condições distintas ao longo dos últimos dois meses. Em dezembro de 2017, baixas precipitações prevaleceram durante as primeiras três semanas, influenciando negativamente algumas lavouras em estádios de floração e granação inicial. A partir da última semana daquele mês, até a quarta semana de janeiro, as chuvas voltaram com mais intensidade sobre todas as regiões, chovendo quase que diariamente durante algumas semanas, com intensidades variadas, mas que chegaram a mais de 80 mm em apenas um dia. Com isso, algumas lavouras onde as chuvas de maior intensidade coincidiram com a fase de polinização/fecundação poderão apresentar falhas na formação da espiga, com menor número de grãos.

Contudo, como a maioria das lavouras se encontrava em estágio mais avançado de desenvolvimento, as chuvas deverão ser vistas como favoráveis. Até o momento, em torno de 93% das lavouras são consideradas de boa qualidade e 7% em condição regular.

No Rio Grande do Sul, a cultura do milho se encaminha para o final do ciclo. Nas regiões mais a oeste do estado, a maior parte da área cultivada já foi colhida, com destaque para as regiões de São Luiz Gonzaga, Ijuí, Santo Ângelo e Santa Rosa com 98%, 90%, 90% e 80%, respectivamente. Conforme se segue para o leste do estado, a cultura se encontra mais atrasada, com Cruz Alta e Sarandi com 50% colhido, Palmeira das Missões, Panambi, Ibirubá, Soledade e Erechim em torno de 10%, Passo Fundo sem relatos de início de colheita e Vacaria ainda em enchimento de grãos. Na região sul, onde tradicionalmente se cultiva milho mais tarde, a semeadura deve ser concluída até o final de janeiro.

A deficiência hídrica verificada em praticamente todo dezembro e em parte de janeiro, trouxe grandes prejuízos à produtividade do milho no estado. As regiões mais a oeste, mais adiantadas, sofreram com a falta de água no período de final de enchimento de grãos e maturação, causando aceleração do ciclo da cultura e uma leve perda de produtividade. Já as regiões mais ao centro do estado, em que a estiagem ocorreu no período de florescimento e início de enchimento de grãos, as perdas foram mais severas, na ordem de 30 a 40% em relação à expectativa inicial.

Por fim, nas regiões mais a leste, a redução das chu-

vas ocorreu quando a cultura se encontrava, em sua maioria, em desenvolvimento vegetativo ou como no caso das regiões onde se cultiva o fumo, ainda não havia sido iniciada a semeadura e, por isso, os efeitos no rendimento da cultura são menores.

Por outro lado, a utilização da irrigação, que chega a 62% em Ibirubá e Santo Ângelo, 70% em Palmeira das Missões e Cruz Alta, 50% São Luiz Gonzaga e 10% Ijuí, ajudou a evitar maior queda na produtividade nessas regiões, com perdas de somente 5%, comparando com até 30% nas áreas de sequeiro.

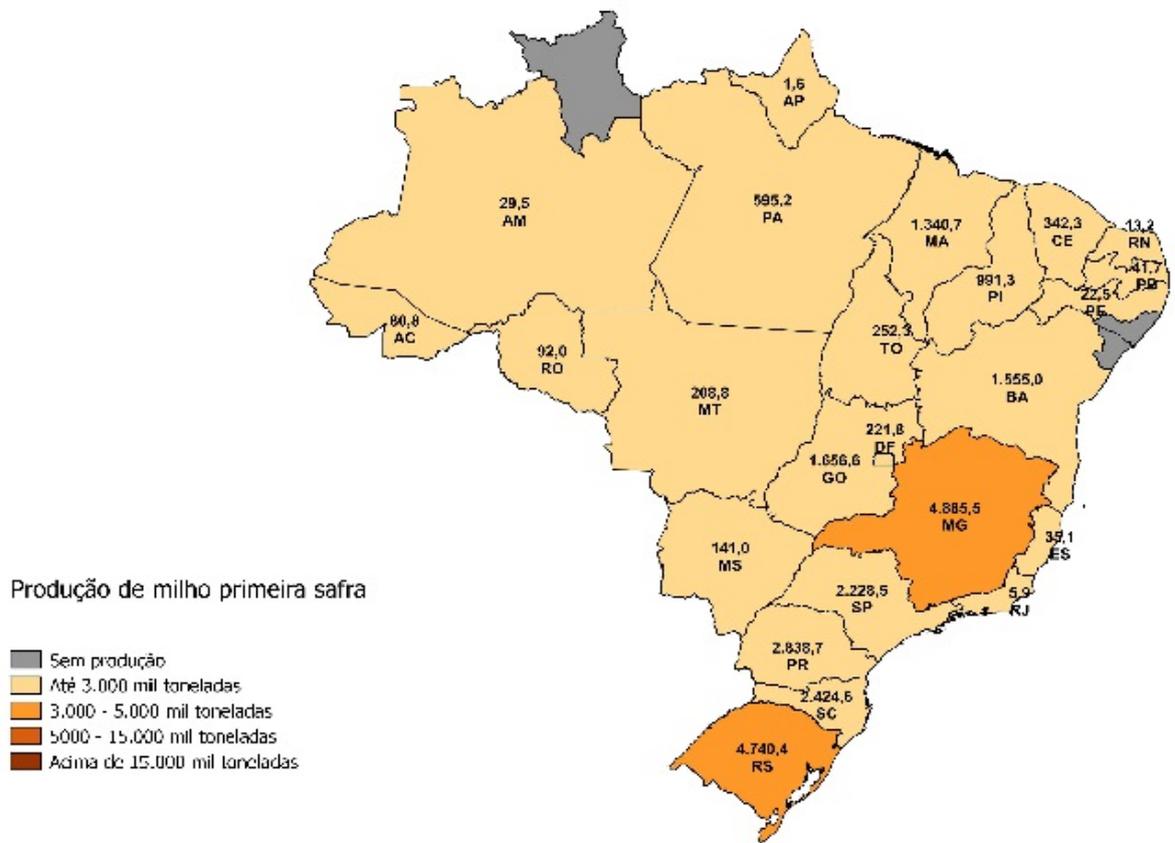
Além da estiagem, alguns temporais localizados e a ocorrência de lagarta do cartucho no início do ciclo, também causaram redução de produtividade em algumas lavouras, em especial na região das Missões. As áreas semeadas mais tarde enfrentaram problema pela falta de umidade no solo. Não foram encontradas lavouras semeadas em áreas que já tinham milho, prática verificada na safra anterior em muitos locais. Os produtores que colheram até o momento, estão segurando o produto à espera de preços melhores ou preços que, pelo menos, cubram o custo de produção.

Assim, a produtividade da cultura do milho neste levantamento foi ajustada para 6.508 kg/ha, redução de 9,7% em relação ao levantamento anterior e 13,2% em relação à safra passada. Com isso, a produção total estimada é de 4.740,4 mil toneladas, redução de 9,7% e 21,5%, respectivamente, em relação ao levantamento e a safra anteriores. Embora o resultado, quando comparado à safra anterior, pareça muito ruim, a produtividade verificada nessa safra se encontra dentro da normalidade para o estado. Cabe destacar o fato de que, em alguns lugares, cerca de 20% da produção já foi comercializada.

Figura 26 - Lavoura de milho em Condor – RS



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São Francisco			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	324,0	3,9	3.194	3.245	1,6	996,0	1.051,4	5,6
RO	40,2	37,1	(7,7)	2.661	2.481	(6,8)	107,0	92,0	(14,0)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	176,9	185,7	5,0	3.142	3.205	2,0	555,8	595,2	7,1
TO	45,9	53,8	17,2	4.766	4.689	(1,6)	218,8	252,3	15,3
NORDESTE	1.806,6	1.835,0	1,6	2.469	2.347	(4,9)	4.460,8	4.306,7	(3,5)
MA	292,8	316,2	8,0	4.240	4.240	-	1.241,5	1.340,7	8,0
PI	418,2	421,1	0,7	3.037	2.354	(22,5)	1.270,1	991,3	(22,0)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	90,1	4,2	446	463	3,8	38,6	41,7	8,0
PE	84,1	84,1	-	74	268	262,2	6,2	22,5	262,9
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	4.089	5,8	1.475,3	1.555,0	5,4
CENTRO-OESTE	350,0	284,2	(18,8)	8.060	7.840	(2,7)	2.821,0	2.228,2	(21,0)
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.676	-	256,4	208,8	(18,6)
MS	28,0	15,0	(46,4)	9.340	9.400	0,6	261,5	141,0	(46,1)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	7.734	(3,3)	2.080,0	1.656,6	(20,4)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	7.980	2,3	223,1	221,8	(0,6)
SUDESTE	1.301,2	1.156,9	(11,1)	6.295	6.185	(1,8)	8.191,5	7.155,0	(12,7)
MG	909,4	785,7	(13,6)	6.374	6.218	(2,4)	5.796,5	4.885,5	(15,7)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.456	5,3	6,3	5,9	(6,3)
SP	375,9	355,6	(5,4)	6.255	6.267	0,2	2.351,3	2.228,5	(5,2)
SUL	1.712,9	1.392,5	(18,7)	8.169	7.184	(12,1)	13.992,7	10.003,7	(28,5)
PR	507,7	333,1	(34,4)	9.243	8.522	(7,8)	4.692,7	2.838,7	(39,5)
SC	400,3	331,0	(17,3)	8.152	7.325	(10,1)	3.263,2	2.424,6	(25,7)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.159,0	1,9	2.576	2.482	(3,7)	5.456,8	5.358,1	(1,8)
CENTRO-SUL	3.364,1	2.833,6	(15,8)	7.433	6.842	(8,0)	25.005,2	19.386,9	(22,5)
BRASIL	5.482,5	4.992,6	(8,9)	5.556	4.956	(10,8)	30.462,0	24.745,0	(18,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura vem seguindo o ritmo da colheita da soja, especialmente das variedades precoces. Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, o plantio do cereal em Mato Grosso atingiu 15% da área prevista. Em Mato Grosso do Sul, as chuvas estão satisfatórias para o plantio após a colheita da soja e aproximadamente 3% da área já foi semeada. Já no Paraná, segundo maior produtor, a semeadura ainda é incipiente e o período chuvoso dificulta o prosseguimento normal da operação.

Na Região Norte, a perspectiva é de diminuição de 4,9% na área plantada em relação à safra passada.

Em Rondônia, o perfil do produtor que cultiva essa cultura é de médio a grande produtor, com elevado nível tecnológico. A implantação da cultura, como em outros estados, ocorre após a colheita da soja. Poucos produtores, que já realizaram a colheita da soja, iniciaram a semeadura do milho segunda safra. O cenário para o cultivo de milho não é animador para o produtor, mas projeta-se uma manutenção de área em relação à safra passada.

Em Tocantins, a expectativa inicial é de redução na área cultivada com milho na segunda safra. O principal fator para explicar esta retração é o atraso do



plantio de soja. Outro fator que influencia diretamente nesse resultado é a expectativa futura de preço do produto versus custo de produção.

A Região Nordeste deverá ser a única a registrar crescimento de área cultivada com milho segunda safra. O aumento deve ser de 1,7%, quando comparada à safra 2016/17.

No Maranhão, cada vez mais o milho segunda safra tem recebido espaço no sistema de produção, principalmente na região do cerrado, no sul do estado, onde a estação de chuvas é bem definida e associada às condições de temperaturas elevadas, tornando propício o seu cultivo. A tendência de aumento de área de milho segunda safra se deve, basicamente, pelo dispêndio por parte dos produtores ser o mínimo possível, já que se aproveita a fertilidade residual das áreas colhidas de soja.

O milho segunda safra tem sido uma oportunidade de escape financeiro, aumentando o rendimento por área desses produtores, visto que sua comercialização ocorre, geralmente, na entressafra da cultura. Outro fator decisivo na hora de optar pelo plantio do milho segunda safra é a questão climática, que tem sido muito favorável no sul do estado. Nesse levantamento se constatou um aumento de intenção de plantio em torno de 2,9% em relação à safra anterior.

No Piauí, existe uma perspectiva de aumento de área na ordem de 15,3% em relação à safra passada, totalizando uma área de 56,8 mil hectares. Os produtores estão preparados para o plantio, que tem início previsto para a segunda quinzena de fevereiro, com insumos e sementes compradas. No entanto, esta área só se confirmará caso o regime climático continue favorável até este período. A produtividade do milho segunda safra deve ficar em 4.747 kg/ha, levando em consideração as configurações climáticas do momento.

Na Bahia, os plantios ainda não começaram e tem a possibilidade de ser iniciado em abril. A estimativa é que a área plantada com milho segunda safra seja a mesma da temporada 2016/17.

Na Região Centro-Oeste, a previsão é de redução de área. A área cultivada deverá ser 5,3% menor em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a semeadura da segunda safra de milho está em ritmo lento. Até o fechamento de janeiro, cerca de 15% da área havia sido cultivada, a menos de um mês para o final da janela ideal de plantio. Assim, inicialmente, existe a possibilidade de redução da área semeada com o cereal, associada à redução da

tecnologia aplicada, em relação ao ciclo anterior.

Estima-se espaço dedicado à cultura de 4.334 mil hectares, ante aos 4.605,7 mil hectares no ciclo anterior, recuo de 5,9% no período. Todavia, ainda é cedo para definir a magnitude do decréscimo de área, mas fatores como deslocamento da janela de plantio, preços baixos do cereal e opções por outras culturas de segunda safra têm desestimulado os produtores rurais.

Ademais, quanto à produtividade, espera-se média de 6.048 kg/ha, ante aos 6.212 kg/ha na safra 2016/17. Portanto, as projeções iniciais apontam produção de 26.212 mil toneladas, ante aos 28.610,6 mil toneladas registradas na safra 2016/17, decréscimo de 8,4% no volume produzido no período. A comercialização antecipada da safra 2017/18 de milho está travada, com aproximadamente 20% do volume esperado, negociado, majoritariamente, via pacote de insumos. Enquanto no mesmo período, na safra anterior, as vendas giravam acima dos 30%. O cenário é reflexo do mercado internacional, cujas cotações estão em queda, assim como a moeda americana.

Em Mato Grosso do Sul, dadas as condições climáticas de estiagem em meados de setembro e início de outubro de 2017, além do excesso de chuvas em meados de dezembro de 2017 e início de janeiro de 2018, haverá atraso no plantio do milho segunda safra, com relação à média histórica do estado.

A safra da cultura se encontra, em sua maioria, em fase de planejamento, quando os insumos, tais como sementes e adubos, já foram comprados. As chuvas estão satisfatórias para o plantio após a colheita da soja e aproximadamente 3% da área já foi plantada, principalmente no norte e nordeste do estado. Atualmente há uma tendência de redução de área de cultivo.

Nesse levantamento preliminar, estima-se redução de aproximadamente 4% da área plantada em relação à safra anterior. Vale ressaltar que tais dados se referem à estimativas e projeções, pois uma análise mais detalhada será necessária nos próximos levantamentos para averiguar se tais expectativas serão confirmadas.

A tendência de redução de área se dá principalmente pelas alterações climáticas e baixos preços do grão pagos aos produtores, além do grande estoque de passagem. Apesar disso, os produtores plantam porque, além de uma segunda fonte de renda, o milho segunda safra é uma estratégia de manejo para a cobertura e construção do perfil do solo.

O mercado não está favorável à comercialização e os produtores estão empenhados em comercializar o milho da safra anterior. Dada essas condições, haverá



redução de investimentos, devido aos preços e à descapitalização de parte dos produtores.

Em Goiás, a expectativa é de diminuição de área plantada com milho segunda safra. Um dos possíveis fatores que podem contribuir para isso é a redução no preço médio recebido pelo produtor, atualmente em relação à safra 2016/17, além do atraso das chuvas para o plantio da primeira safra, reduzindo assim a janela de plantio.

Os produtores deverão optar por variedades de ciclo precoce com baixo potencial genético e menor utilização de insumos, como forma de reduzir os custos e possíveis prejuízos, caso seja extrapolada a janela de plantio. Muitos produtores operacionalmente estão preparados para acelerarem o plantio, que deverá ocorrer nos períodos diurnos e noturnos.

Em torno de 4% da área de milho segunda safra já foi semeada no sudoeste do estado. Em virtude do calendário apertado de plantio, em alguns municípios, as plantadeiras de milho estão trabalhando praticamente atrás das colhedoras de soja.

Os agentes financeiros analisam caso a caso cada solicitação de financiamento de custeio, pois o seguro agrícola é vinculado ao financiamento de custeio. O calendário de plantio é um fator limitante para obtenção do recurso, pois as áreas só são seguradas se semeadas dentro da janela de plantio.

Figura 28 - Plantio de milho segunda safra, logo após a colheita de soja, em Chapadão do Céu-GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, estima-se que a área semeada deverá sofrer pequena retração (2,3 %). Fatores como preços mais baixos, registrados ao longo de 2017, atraso no plantio da soja e do milho primeira safra e redução nos investimentos por parte dos produtores locais, que podem impactar diretamente na produtividade, justificam a referida diminuição de área.

Além desses fatores existe a possibilidade do cereal

ser plantado fora da janela ideal, o que também pode afetar a produtividade na presente safra. Ressalte-se que na safra passada, 60% dos equipamentos de irrigação ficaram paralisados. A região tem uma tecnologia de ponta e caso as condições climáticas não forem favoráveis resultará, portanto, em baixos níveis de produtividade.

Na Região Sudeste, a cultura deverá manter a área plantada da última safra.

Em Minas Gerais, nas áreas de soja ou de hortaliças liberadas mais cedo, até final de fevereiro ou meados de março, há uma grande tendência de opção pelo plantio de milho segunda safra, em face da produtividade mais alta e da maior facilidade/diversidade de comercialização. Apesar do atraso no plantio da soja, que poderia inviabilizar o plantio do milho segunda safra, a expectativa é de manutenção da área da safra passada, principalmente para compensar a redução de área de milho verão em decorrência do estreitamento da janela de plantio. Todavia, se o plantio não for realizado até final de fevereiro, deve prevalecer a opção pelo plantio de sorgo, mais resistente à escassez de chuvas e de custo mais baixo.

Em São Paulo, a estimativa é de manutenção de área. No entanto, foi observado que poderá haver atraso na colheita da soja nas regiões sul e sudoeste do estado. Em decorrência desse atraso, pois o plantio de milho segunda safra geralmente acontece após a colheita da soja, a área poderá ser ajustada, visto que a janela correta para o plantio poderá ficar comprometida. Além disso, os produtores deverão esperar pela tendência de preço do mercado de trigo, pois esse cereal de inverno compete espaço de área com o milho segunda safra, principalmente na região sudoeste do estado.

Na Região Sul, a cultura deverá ter redução de 10,9%, quando comparada à última safra. É estimado o plantio de 2.146,7 mil hectares com milho segunda safra

No Paraná, a semeadura ainda é incipiente e o período chuvoso dificulta o prosseguimento normal da operação. O plantio em escala só inicia após a colheita da soja, o que deve ocorrer a partir de fevereiro, assim que houver tempo firme. Os dados apurados nesse levantamento apontam para uma forte queda na intenção de plantio em relação à safra anterior, atribuída ao baixo preço do cereal e, em menor escala, ao atraso na colheita da safra de verão (soja), que resulta em atraso no plantio do milho.

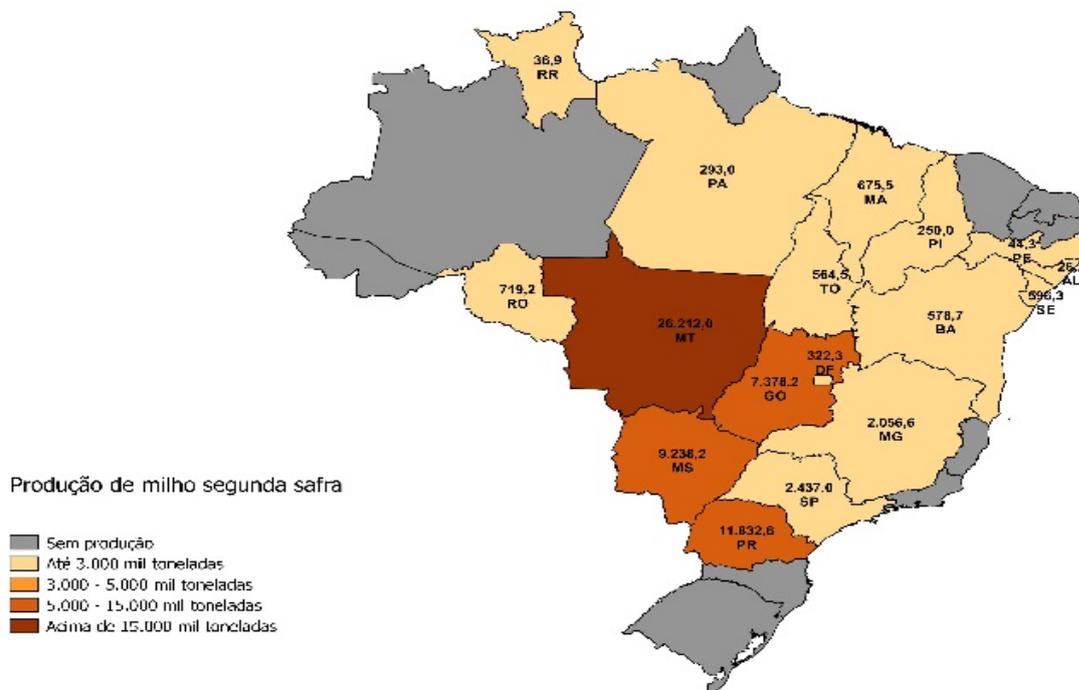
Alguns municípios podem até mesmo perder o período do zoneamento, impossibilitando os produtores de



contratar crédito e seguro. Ademais, o semeio realizado após a janela ideal resulta, de início, em perda de produtividade potencial, considerando que a cada dia

que passa, mais minutos de fotoperíodo são perdidos.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab.

Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	381,6	(4,9)	4.253	4.229	(0,6)	1.706,1	1.613,6	(5,4)
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	156,9	156,9	-	4.385	4.584	4,5	688,0	719,2	4,5
PA	81,4	81,4	-	3.549	3.600	1,4	288,9	293,0	1,4
TO	155,3	135,7	(12,6)	4.402	4.160	(5,5)	683,6	564,5	(17,4)
NORDESTE	796,3	809,6	1,7	2.789	2.682	(3,8)	2.220,7	2.171,0	(2,2)
MA	198,9	204,7	2,9	3.572	3.300	(7,6)	710,5	675,5	(4,9)
PI	49,2	56,7	15,3	2.363	4.409	86,6	116,3	250,0	115,0
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	265,1	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	13,8
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.257,4	(5,3)	6.008	5.946	(1,0)	46.052,7	43.150,7	(6,3)
MT	4.605,7	4.334,0	(5,9)	6.212	6.048	(2,6)	28.610,6	26.212,0	(8,4)
MS	1.759,9	1.689,5	(4,0)	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.238,2	(3,9)
GO	1.260,7	1.196,4	(5,1)	6.000	6.167	2,8	7.564,2	7.378,2	(2,5)
DF	38,4	37,5	(2,3)	7.000	8.594	22,8	268,8	322,3	19,9
SUDESTE	837,7	837,7	-	5.081	5.364	5,6	4.256,3	4.493,6	5,6
MG	357,6	357,6	-	4.822	5.751	19,3	1.724,3	2.056,6	19,3
SP	480,1	480,1	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	(3,8)
SUL	2.409,3	2.146,7	(10,9)	5.456	5.512	1,0	13.145,1	11.832,6	(10,0)
PR	2.409,3	2.146,7	(10,9)	5.456	5.512	1,0	13.145,1	11.832,6	(10,0)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.191,2	(0,5)	3.279	3.177	(3,1)	3.926,8	3.784,8	(3,6)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.241,8	(6,1)	5.815	5.807	(0,1)	63.454,1	59.476,8	(6,3)
BRASIL	12.109,2	11.433,0	(5,6)	5.564	5.533	(0,6)	67.380,9	63.261,6	(6,1)

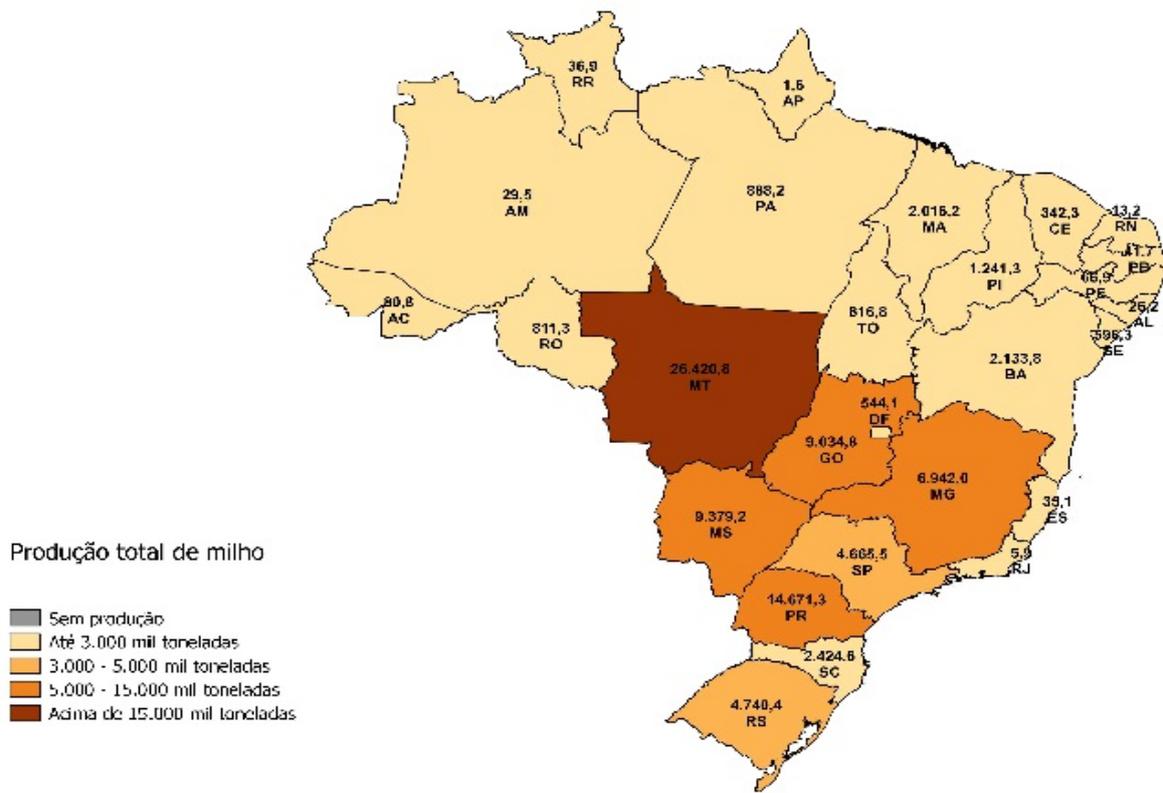
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	705,6	(1,0)	3.790	3.777	(0,3)	2.702,1	2.665,1	(1,4)
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	197,1	194,0	(1,6)	4.033	4.182	3,7	795,0	811,3	2,1
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	258,3	267,1	3,4	3.270	3.325	1,7	844,7	888,2	5,1
TO	201,2	189,5	(5,8)	4.485	4.310	(3,9)	902,4	816,8	(9,5)
NORDESTE	2.602,9	2.644,6	1,6	2.567	2.449	(4,6)	6.681,3	6.477,9	(3,0)
MA	491,7	520,9	5,9	3.970	3.871	(2,5)	1.951,9	2.016,2	3,3
PI	467,4	477,8	2,2	2.966	2.598	(12,4)	1.386,3	1.241,3	(10,5)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	90,1	4,2	446	463	3,8	38,6	41,7	8,0
PE	158,0	158,0	-	345	423	22,6	54,6	66,9	22,5
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	645,4	(0,2)	3.067	3.306	7,8	1.983,7	2.133,8	7,6
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.541,6	(5,9)	6.098	6.017	(1,3)	48.873,7	45.378,9	(7,2)
MT	4.639,1	4.361,2	(6,0)	6.223	6.058	(2,6)	28.867,0	26.420,8	(8,5)
MS	1.787,9	1.704,5	(4,7)	5.521	5.503	(0,3)	9.870,6	9.379,2	(5,0)
GO	1.520,7	1.410,6	(7,2)	6.342	6.405	1,0	9.644,2	9.034,8	(6,3)
DF	67,0	65,3	(2,5)	7.341	8.333	13,5	491,9	544,1	10,6
SUDESTE	2.138,9	1.994,6	(6,7)	5.820	5.840	0,3	12.447,9	11.648,5	(6,4)
MG	1.267,0	1.143,3	(9,8)	5.936	6.072	2,3	7.520,9	6.942,0	(7,7)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.456	5,3	6,3	5,9	(6,3)
SP	856,0	835,7	(2,4)	5.705	5.583	(2,1)	4.883,3	4.665,5	(4,5)
SUL	4.122,2	3.539,2	(14,1)	6.583	6.170	(6,3)	27.137,8	21.836,3	(19,5)
PR	2.917,0	2.479,8	(15,0)	6.115	5.916	(3,3)	17.837,8	14.671,3	(17,8)
SC	400,3	331,0	(17,3)	8.152	7.325	(10,1)	3.263,2	2.424,6	(25,7)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.350,2	1,0	2.830	2.729	(3,6)	9.383,4	9.143,0	(2,6)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.075,4	(8,4)	6.196	6.031	(2,7)	88.459,4	78.863,7	(10,8)
BRASIL	17.591,7	16.425,6	(6,6)	5.562	5.358	(3,7)	97.842,8	88.006,7	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.8. SOJA

O plantio de soja, na safra 2017/18, apresentou aumento da área plantada em 3,3%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.022,8 mil hectares, na atual. As vantagens derivadas da agilidade na comercialização da oleaginosa estimulou os produtores a apostarem em incrementos no plantio. A colheita está iniciando. Em Mato Grosso, a colheita atinge pouco mais de 15% da área. No Paraná, a colheita é prevista para acontecer a partir de fevereiro.

Diferentemente das demais regiões, na Região Norte/Nordeste, o plantio da safra ocorreu a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso, numa

expectativa de mudança positiva do quadro climático, quando se compara com as últimas três safras. Essa expectativa serviu de estímulo ao produtor local, que ampliou sua área plantada em 4,4%, com relação ao ano anterior.

Em Rondônia, o calendário agrícola flui de maneira normal, inexistindo qualquer fator que atrase ou impeça a evolução do cultivo de soja, nessa safra. Em relação ao fator climático, as chuvas iniciais atrasaram em diversos municípios do estado, mas, apesar do atraso, a cultura não foi prejudicada, no entanto, a janela para a implantação da segunda safra reduziu. A área culti-



vada com soja é de 311,7 mil hectares. Os produtores de soja do estado tiveram que cadastrar as áreas de produção da oleaginosa até o dia 31 de dezembro de 2017 junto à Agência de Defesa Agrossilvipastoril do Estado de Rondônia (Idaron). Desta forma, apresentamos um número mais acurado com relação ao quantitativo em área estabelecida para a cultura em todo estado. De forma geral, a semeadura se concentrou maciçamente em outubro, novembro e dezembro. As fases fenológicas da cultura atualmente estão divididas em 15% em floração, 40% na fase de enchimento de grãos, 40% em maturação e 5% colhida. A produtividade estimada é de 3.014 kg/ha. O pacote tecnológico adotado pelos produtores para a implantação da soja é de alta tecnologia, garantindo produtividades em alguns talhões que podem alcançar mais de 82 scs/ha. O movimento de máquinas no campo é intenso, através de pulverizações com glifosato para controle das plantas invasoras, bem como aplicação preventiva e curativa de fungicidas, inseticidas e adubação foliar para zinco, boro e manganês. Apesar de tímida, observa-se o uso da aviação agrícola no cone sul do estado e em Candeias do Jamari, que fica a 50 km de Porto Velho. Esse recurso é fundamental no pequeno lapso temporal entre as precipitações constantes, onde a inserção de pulverizadores e tratores na lavoura é quase impossível, pelo risco de atolarem, além de contribuir para a compactação do solo.

Figura 31 - À esquerda, lavoura de soja dessecada e apta a ser colhida. Ao lado direito, soja em maturação, em Corumbiara-RO



Fonte: Conab.

No Acre, a estimativa de área plantada é de 600 hectares, com um rendimento médio de 2.055 kg/ha. A cultura se adapta bem às condições climáticas locais e se verifica também que a cultura tem potencial para suprir as necessidades do mercado local. A demanda por proteína vegetal, para formulação de rações para aves e suínos, aumentou na região do alto Acre, especificamente nos municípios de Brasiléia e Epitaciolândia. Visando atender essas demandas, os agricultores

estão expandindo suas áreas com a cultura. O cultivo de soja no Acre apresenta bom desenvolvimento vegetativo devido às condições climáticas favoráveis à cultura, com quantidade de chuvas adequadas para o desenvolvimento da soja.

No Amazonas, o cultivo de soja é desenvolvido em fase experimental, no município de Humaitá. A área semeada é de 500 hectares, utilizando-se de agricultura de precisão. A produtividade é estimada em 2.500 kg/ha. A previsão dos órgãos ligados ao agronegócio do Amazonas é que o município de Humaitá está preparando para se tornar o maior produtor de grãos do estado, utilizando os campos naturais que já estão mecanizados e prontos para o plantio de soja em larga escala, com estrutura pronta para o escoamento de toda a produção para o mercado consumidor internacional.

No Pará, observa-se que a soja já está com mais de 50% dos 535,1 mil hectares estimados, plantados. Quanto aos insumos utilizados na cultura, em relação aos preços, esses se mantêm estáveis em comparação aos preços praticados em 2017.

Em Tocantins, a cultura teve um incremento mais modesto na área cultivada no estado em relação a anos anteriores devido à grande frustração da safra 2015/16 e, para algumas regiões, também na safra 2016/17, apesar de menor que na safra 2015/16. Tal fato levou vários produtores a um elevado comprometimento financeiro e, conseqüentemente, a uma certa restrição de acesso ao crédito. As chuvas foram regulares até o momento, com exceção da região sudeste do estado, onde as lavouras sofreram um pouco mais com o veranico em janeiro. Cerca de 3% das lavouras já estão em maturação e a colheita deve se iniciar a partir do segundo decêndio de fevereiro. Até o momento, as queixas quanto à fitossanidade, foram apenas para ataques de lagartas e percevejos, porém sem gerar danos significativos à soja.

No Maranhão, as condições climáticas, sobretudo o volume acumulado de precipitações pluviométricas, favoreceram o estabelecimento relativamente seguro das lavouras de soja no estado. Com isso, permanece a estimativa de plantio do último levantamento, de aproximadamente 920,3 mil hectares. Em relação à produtividade, a estimativa é que seja em torno de 2.851 kg/ha.

No Piauí, a previsão é de aumento na área em 2,4%, quando comparada à última safra devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada. Dessa forma, a área total plantada será de 710,5 mil hectares. O plantio da soja se encontra concluído em todas as regiões produtoras do estado. Da área total, 10%



se encontra em desenvolvimento vegetativo, 35% em floração e 55% em frutificação. No geral, as lavouras estão em boas condições e apresentam desenvolvimento dentro do esperado. A cultura se encontra predominantemente na fase de enchimento de grãos e, até o momento, o regime climático tem sido favorável com chuvas bem distribuídas. A produtividade estimada é de 2.528 kg/ha e poderá ser ajustada com o avançar da safra.

Figura 32 - Soja em frutificação em Santa Filomena-PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, estima-se que a área de cultivo seja de 1.602,4 mil hectares, aumento de 1,4% em relação à área cultivada na safra anterior e produtividade de 2.970 kg/ha (49,5 scs/ha). Os plantios de sequeiro foram iniciados em novembro e finalizados em dezembro, com início da colheita previsto para março. Os cultivos irrigados foram realizados em meados de outubro, ocupando 40 mil hectares e devem ter a colheita realizada em fevereiro, disponibilizando a área para o cultivo de algodão, feijão-comum cores, milho e feijão caupi. As lavouras de soja estão presentes pelo extremo oeste e pelo Vale do São Francisco, apresentando bom desenvolvimento, podendo ser encontradas lavouras com plantas em estágio de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. Segundo o Consórcio Antiferrugem, há registros de focos de ferrugem asiática no município de São Desidério, que estão controlados e não se espalharam pela região. Nas próximas avaliações o estágio de desenvolvimento das plantas e sua qualidade sanitária serão de suma importância para a estimativa dos rendimentos. A colheita deve ser iniciada em meados de fevereiro.

Figura 33 - Lavoura de soja em Bom Jesus da Lapa-BA



Fonte: Conab.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, é esperado apresentar incremento no plantio de 2,8% em relação ao exercício anterior, impulsionado pelo desempenho em Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa.

Em Mato Grosso, a colheita está em ritmo lento, atingindo pouco mais de 15% no fechamento de janeiro, ficando a maior parte dos trabalhos de campo para fevereiro. A avaliação da qualidade da soja colhida, até o momento, é positiva, apesar da baixa umidade e menor peso do grão, nas variedades de ciclo precoce, principalmente na região Médio Norte. Contudo, nada que comprometa a produtividade média estadual esperada de 3.218 kg/ha, caso o clima continue favorável. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou aumento de 2,1%, saindo de 9.322,8 mil hectares na safra 2016/17, para 9.518,6 mil hectares na atual, principalmente nas regiões de fronteira agrícola, através de novas áreas de abertura. Apesar do incremento, houve relatos, isolados, de desistência do cultivo da oleaginosa, substituída por algodão e outras culturas de primeira safra devido ao atraso das chuvas, o que explica a redução em relação ao levantamento anterior. A produção estadual é estimada em 30,6 milhões de toneladas, volume semelhante ao visto no ciclo 2016/17. Durante as últimas semanas foram registrados poucos negócios de comercialização antecipada da oleaginosa no estado devido aos baixos preços internacionais da soja, aliado à desvalorização do dólar no período, fato que tem desestimulado as vendas futuras por parte do produtor. Atualmente a comercialização da produção da safra 2017/18 se encontra na casa dos 40% da produção esperada, ante aos 50% no mesmo período da safra anterior.



Em Mato Grosso do Sul, as chuvas atualmente estão regulares, suficientes e bem distribuídas para a soja. A cultura se encontra em diferentes estádios de crescimento e desenvolvimento, mas a grande maioria está em enchimento de grãos e maturação. No momento, aproximadamente 6% das áreas já foram colhidas, principalmente na região norte e nordeste do estado. Algumas lavouras estão prontas para a colheita, porém as chuvas diárias têm dificultado a operação, dada às dificuldades para a entrada de máquinas nas lavouras. Devido a um atraso de aproximadamente 15 dias no plantio da cultura e ao alongamento do ciclo das lavouras, haverá atraso da colheita em relação à média histórica. Atualmente há uma grande movimentação nos armazéns para o escoamento de milho segunda safra, colhido na safra anterior, para a secagem e armazenamento da soja, cuja maior parte da colheita ocorre em fevereiro. Estima-se que ainda há 2,5 milhões de toneladas de milho segunda safra nos armazéns do estado, mas à medida em que a soja vai sendo colhida, o cereal também é escoado num processo coordenado dos armazéns gerais, cooperativas e fazendas, para não impactar no armazenamento da leguminosa.

Desde o final de dezembro houve a ocorrência de dias nublados em todo o estado, reduzindo a amplitude térmica e a insolação solar direta sobre as lavouras. Esse evento perdurou durante janeiro, causando preocupação por parte dos produtores, porque a cultura nesta época estava principalmente nas fases de floração e enchimento de grãos, quando necessita de maior quantidade de luz solar para fechar o ciclo de produção. Nos estádios avançados de desenvolvimento, a cultura da soja é muito dependente de fatores ambientais, principalmente umidade do solo e luz solar. Quando há falta desses, a cultura altera o metabolismo, aborta vagens e reduz o peso dos grãos, impactando na produção. É difícil estimar a redução da produtividade, pois depende da época de plantio de cada lavoura e cada cultivar plantada responde de uma forma diferente ao estresse climático. Mesmo com esse evento desfavorável, estima-se uma boa produtividade em comparação com anos anteriores, porque, excluindo-se esse problema, as lavouras estão visualmente boas e o clima foi favorável em praticamente todas as regiões produtoras, nas fases iniciais da cultura.

Algumas doenças de final de ciclo têm sido favorecidas em razão das condições climáticas, bem como algumas pragas, como é o caso do complexo dos percevejos sugadores de vagens. As precipitações diárias afetaram o manejo, ocasionando o atraso na aplicações de fungicidas e inseticidas. Os produtores têm acompanhado o surgimento do percevejo barriga-verde que, nessa safra, surgiu mais cedo em comparação

com a safra anterior. A ferrugem asiática começou a aparecer em algumas localidades, principalmente na região sul, porém sem danos significativos para as lavouras até o momento.

A média de produto comercializado no estado é de aproximadamente 36% e há uma expectativa de valorização por parte dos produtores, impactando e reduzindo a comercialização via contratos futuros.

Em Goiás, as áreas estão em diferentes estágios, desde a fase de enchimento de grãos até maturação, e parte já colhida. No sul do estado, nas primeiras áreas que foram cultivadas em outubro, menos de 4% já foram colhidas. Mesmo com o atraso do plantio, em torno de 20 a 25 dias no sul do estado, as áreas semeadas com variedades precoces ou superprecoces, sob sistema de pivô central, estão sendo colhidas. Áreas pequenas de sequeiro, que também foram semeadas em outubro, estão sendo colhidas, neste momento. A colheita na região sul do estado deve se intensificar a partir da segunda quinzena de fevereiro. Na região leste do estado ainda não há registros de colheita de soja.

Foi relatado pelos produtores a ocorrência de pragas como Percevejo Castanho, apresentando controle difícil, e Lagarta-falsa-medideira, no entanto, os danos foram pontuais, sem que prejudique a produtividade geral da soja no estado.

Figura 34 - Início da colheita de soja em Jataí-GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, a área plantada está estimada em 71,5 mil hectares, ante aos 70 mil cultivados na safra 2016/17. Os sinais de demanda firme nos mercados interno e externo, aliados à forte alta do dólar no início do plantio, justificaram tal incremento. A produtividade estimada é de 3.240 kg/ha, 6,1% inferior à safra passada. As lavouras se desenvolvem de forma regular e contam com boas condições de clima para



manter o ritmo. Nas áreas irrigadas, os produtores devem iniciar a colheita nos próximos dias, enquanto nas áreas de sequeiro, devido ao atraso no plantio, os trabalhos de colheita deverão ficar concentrados a partir da segunda quinzena de fevereiro. A produção estimada é de 231,7 mil toneladas, ante às 241,5 mil toneladas ofertadas no exercício passado.

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 4,2%, se comparado com o exercício anterior.

Em Minas Gerais permanece a tendência de aumento da área em relação à de milho e, com isso, a área estimada da oleaginosa neste quinto levantamento se encontra em 2,3% superior à safra anterior. O plantio aconteceu no início de novembro até dezembro e as lavouras se encontram, a maioria, em fase de floração e frutificação e, com menor percentual, em desenvolvimento vegetativo e maturação. A colheita é muito incipiente, mas vem apresentando bom desenvolvimento. A produtividade média estimada é de 3.273 kg/ha.

Em São Paulo, principalmente na região do Vale do Paranapanema, a soja ocupou área de cana-de-açúcar, fazendo rotação de cultura com a gramínea.

Durante todo o seu progresso, a cultura se manteve em ótimas condições. O clima favoreceu o bom desenvolvimento em todo ciclo, no entanto, na região sudoeste do estado está ocorrendo excesso de chuvas. A constância e a intensidade das precipitações, que inclusive pode atrasar um pouco a colheita, e a ausência de luz solar, que foi considerada excessiva, poderão prejudicar um pouco a produtividade. Há relatos de abortamento de vagens em algumas áreas, provavelmente propiciado pelo excesso de umidade no solo e a baixa luminosidade. Também há relatos de um percentual considerável de ferrugem.

Figura 35 - Lavoura de soja em São Paulo



Fonte: Conab.

Na Região Sul é esperada um incremento percentual na área plantada em 3,2% em relação ao ocorrido

no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.459,6 mil hectares para 11.828,7 mil hectares.

No Paraná, a colheita é prevista para acontecer a partir de fevereiro. Existem muitas áreas com as aplicações de fungicida atrasadas. Conforme as condições climáticas permitem, as lavouras vem sendo pulverizadas. O excesso de umidade tem contribuído para a proliferação da ferrugem asiática; atualmente o Consórcio Antiferrugem já registra mais de 90 focos no Paraná. Ademais, o clima atípico desse ano também favorece as doenças de final de ciclo, como as manchas foliares e também as doenças radiculares. Registra-se casos de morte de plantas em reboleiras causadas por doenças de raiz. As doenças estão presentes, mas o controle vem sendo realizado e as plantas apresentam desenvolvimento satisfatório. Em que pese as adversidades climáticas no início do plantio (estiagem) e as chuvas reinantes em todo o estado, as lavouras ainda são consideradas majoritariamente boas e não se vislumbra quebra significativa de produtividade em relação às safras normais.

Em Santa Catarina, as lavouras de soja se encontram em diversos estádios de desenvolvimento, desde vegetativo até maturação, sendo a maior parte em granação (mais de 40%). As últimas lavouras do ciclo normal foram implantadas na região do Planalto Sul, onde o clima é mais ameno, após a colheita das culturas de inverno. A semeadura da safrinha deve ocorrer nos próximos dias, assim que as condições edafoclimáticas permitirem a colheita das culturas antecessoras, como milho e feijão primeira safra. As primeiras lavouras devem ser colhidas na região oeste do estado (extremo oeste), onde o plantio iniciou mais cedo e onde deverá ser observado maior área de cultivo de soja safrinha.

O clima tem sido o principal fator responsável pela variação da qualidade das lavouras até o momento, das quais 94% são consideradas boas e 6% regulares. A volta das chuvas a partir da última semana de dezembro se prolongou até a quarta semana de janeiro, com frequências e intensidades variáveis de acordo com as regiões produtoras, alcançando volumes acumulados de mais de 250 mm, com pontuais de mais de 80 mm num único dia, de acordo com o Sistema Agroconnect, da Epagri/Ciram. Se por um lado as chuvas constantes auxiliaram as lavouras em estádios iniciais de desenvolvimento, por outro causaram transtornos nas mais adiantadas. Vários dias de chuva quase que ininterruptos atrapalharam, além da finalização do plantio de algumas áreas, os tratos culturais das lavouras em desenvolvimento vegetativo pleno e início de floração, dificultando a entrada de máquinas para a aplicação de defensivos, os quais, quando aplicados, tiveram



redução de sua ação protetora quando da ocorrência de chuvas logo após a aplicação. Com isso, a pressão de doenças começou a aumentar nos últimos dias, representadas, principalmente, pelo mofo branco e alguns casos de ferrugem na região oeste do estado. Apesar disso, as previsões de produtividade ainda vêm se mantendo próximas das registradas no último levantamento, com leves reduções pontuais.

No Rio Grande do Sul, a cultura da soja se encontra em pleno desenvolvimento, com a maior parte das lavouras em florescimento em cerca de 50% e o restante em desenvolvimento vegetativo ou início do enchimento de grãos. A deficiência hídrica, verificada em grande parte de dezembro e início de janeiro, causou um certo atraso no desenvolvimento da cultura. Com isso, as plantas têm porte menor que o normal, o que é um indicativo de diminuição da produtividade. No entanto, como boa parte das lavouras estavam ainda em desenvolvimento vegetativo e, aliado ao fato de a cultura ser mais tolerante em relação a outras, com o retorno de bons volumes de chuva, em especial na região noroeste do estado, principal produtora, a expectativa dos produtores e técnicos é de que a produtividade seja semelhante ao ano anterior ou apresente apenas leve redução.

Na região da Campanha foram encontradas lavouras já em ponto de marcha em virtude da deficiência hídrica e, mesmo que as chuvas retornem com frequência e volume adequados, nem todo o tempo de crescimento perdido poderá ser recuperado, mesmo com o uso de cultivares de crescimento indeterminado. Ademais, em alguns locais ocorreram chuvas durante vários dias seguidos, o que dificultou a realização dos tratos culturais, e algumas lavouras apresentaram al-

guma incidência de doenças. É importante salientar que a soja, no estado, apresenta-se como uma monocultura de verão, que é muito perigoso tanto para os produtores quanto para a economia do estado, caso algum fenômeno climático ou mercadológico venha a ocorrer, já que ambos estão completamente desprotegidos em relação a esses fatores e, além disso, não têm alternativa.

Ainda há boa parte da produção do ano passada em estoque nas cooperativas e cerealistas, sendo estimado cerca de 20% em Ibirubá, 45% em Santo Ângelo, 60% em Panambi e Santa Rosa e 65% em São Luiz Gonzaga.

A área nesse levantamento foi ajustada para em 5.692,1 mil hectares, a produtividade mantida em 3.082 kg/ha e a produção total é estimada em 17.543,1 mil toneladas.

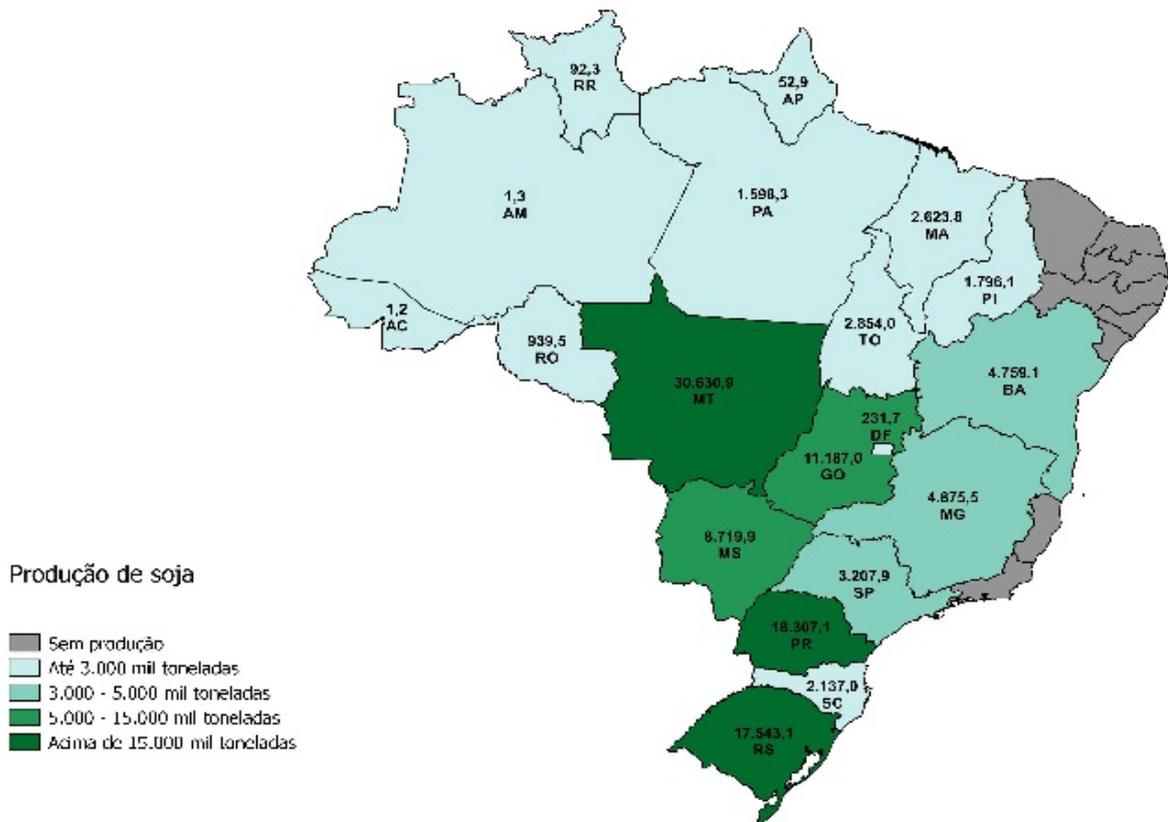
Figura 36 - Lavoura de soja em Palmeira das Missões-RS



Fonte: Conab.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.888,8	4,4	3.061	2.933	(4,2)	5.536,4	5.539,5	0,1
RR	30,0	30,0	-	3.000	3.077	2,6	90,0	92,3	2,6
RO	296,0	311,7	5,3	3.143	3.014	(4,1)	930,3	939,5	1,0
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	0,5	-	-	2.500	-	-	1,3	-
AP	18,9	18,9	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	(2,8)
PA	500,1	535,1	7,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.598,3	(2,3)
TO	964,0	992,0	2,9	2.932	2.877	(1,9)	2.826,4	2.854,0	1,0
NORDESTE	3.095,8	3.233,2	4,4	3.115	2.839	(8,9)	9.644,7	9.179,0	(4,8)
MA	821,7	920,3	12,0	3.010	2.851	(5,3)	2.473,3	2.623,8	6,1
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	2.528	(14,4)	2.048,1	1.796,1	(12,3)
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	2.970	(8,4)	5.123,3	4.759,1	(7,1)
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.620,9	2,8	3.301	3.250	(1,5)	50.149,9	50.769,5	1,2
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.218	(1,7)	30.513,5	30.630,9	0,4
MS	2.522,3	2.640,8	4,7	3.400	3.302	(2,9)	8.575,8	8.719,9	1,7
GO	3.278,5	3.390,0	3,4	3.300	3.300	-	10.819,1	11.187,0	3,4
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.240	(6,1)	241,5	231,7	(4,1)
SUDESTE	2.351,4	2.451,2	4,2	3.467	3.298	(4,9)	8.151,5	8.083,4	(0,8)
MG	1.456,1	1.489,6	2,3	3.480	3.273	(5,9)	5.067,2	4.875,5	(3,8)
SP	895,3	961,6	7,4	3.445	3.336	(3,2)	3.084,3	3.207,9	4,0
SUL	11.459,6	11.828,7	3,2	3.542	3.211	(9,3)	40.592,8	37.987,2	(6,4)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.350	(10,2)	19.586,3	18.307,1	(6,5)
SC	640,4	671,8	4,9	3.580	3.181	(11,1)	2.292,6	2.137,0	(6,8)
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.543,1	(6,3)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.122,0	4,4	3.095	2.874	(7,2)	15.181,1	14.718,5	(3,0)
CENTRO-SUL	29.004,6	29.900,8	3,1	3.410	3.239	(5,0)	98.894,2	96.840,1	(2,1)
BRASIL	33.909,4	35.022,8	3,3	3.364	3.185	(5,3)	114.075,3	111.558,6	(2,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.1.19. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 653,8 mil hectares e uma produtividade de 2.888 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, e por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em razão do mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Na Bahia as lavouras de sorgo serão cultivadas em 100,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 100,7 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 1.006 Kg/ha (16,8 scs/ha). O cultivo do sorgo é realizado pela agricultura familiar, destinado à produção para alimentação animal própria, semeando os campos em novembro e dezembro, e pela agricultura empresarial, cultivando após a colheita da soja em meados de fevereiro e março. Os produtores estão distribuídos por toda a Bahia, havendo cultivo

no extremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco. No extremo oeste se espera a produtividade de 1.080 Kg/ha (18 scs/ha) em 39,1 mil hectares, com plantio previsto em sucessão à lavoura de soja e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento. No centro norte espera-se a produtividade de 480 Kg/ha (8 scs/ha) em 2.070 mil hectares. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. As condições climáticas para a cultura são favoráveis devido a sua alta adaptação ao estresse hídrico. No entanto, as poucas chuvas têm criado um quadro pessimista, com tendência de queda da produção. No centro sul e Vale do São Francisco a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 45%, reduzindo a produtividade de média esperada de 1.200 Kg/ha (20 scs/ha) para 660 Kg/ha (11 scs/ha) em 59 mil hectares.



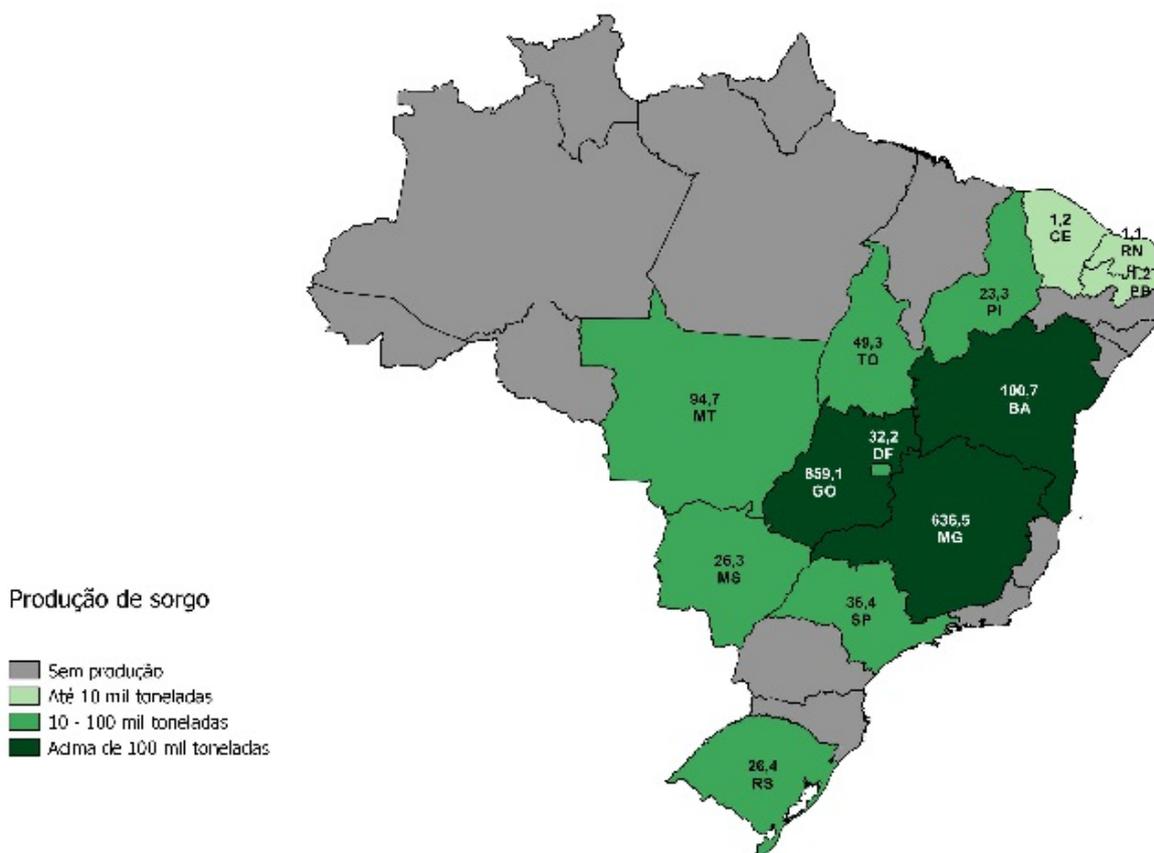
Contudo, os rendimentos previstos são 22,8% maiores que os obtidos na safra passada. No estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017, primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 1.068 Kg/ha (17,8 scs/ha). Com plantio em novembro e dezembro e, com a regularidade das chuvas, a estimativa se manteve estável até em dezembro de 2017, quarto levantamento. Em janeiro de 2018, quinto levantamento, houve a queda de 28%, 820 Kg/ha (13,7 scs/ha), motivado pela redução da expectativa produtiva no centro norte e no Vale do São Francisco.

Em Mato Grosso, a estimativa da safra 2017/18 depende da semeadura de outras culturas de segunda safra, principalmente o milho, assim, o plantio do grão ocorre nas áreas não utilizadas a partir de março, período em que as chuvas reduzem significativamente. A cultura, que é mais resistente ao clima seco, é utilizada pelos produtores rurais como cobertura vegetal.

Poderá ocorrer um aumento na área plantada de sorgo em Goiás nesse ano de 7,8% em relação à safra passada, porém algumas culturas como girassol e feijão-caupi poderão concorrer com essa cultura. O aumento de área plantada em Goiás ainda está atrelado ao fato da limitação de capacidade de recebimento dos armazéns, bem como ao fluxo na comercialização, que poderá ser lento em razão da demanda.

Em Minas Gerais, as estimativas de produção de sorgo no estado pautam-se principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha e, há, ainda, muita indefinição devido aos atrasos na colheita da safra de verão. A área de sorgo segunda safra no estado está estimada em 190,1 mil hectares, mas como já ponderado, as informações ainda são pouco consistentes e podem sofrer grandes alterações. Com uma produtividade média de 3.334 kg/ha, a produção poderá alcançar 636,5 mil toneladas.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab.



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	27,4	(6,8)	1.889	1.801	(4,7)	55,5	49,3	(11,2)
TO	29,4	27,4	(6,8)	1.889	1.801	(4,7)	55,5	49,3	(11,2)
NORDESTE	113,2	114,8	1,4	1.180	1.111	(5,9)	133,5	127,5	(4,5)
PI	11,4	11,4	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	-
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,3	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	(31,3)
PB	1,3	1,3	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	(42,9)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	1.006	(5,8)	105,2	100,7	(4,3)
CENTRO-OESTE	283,3	301,5	6,4	3.373	3.357	(0,5)	955,6	1.012,3	5,9
MT	38,5	38,5	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	4,5
MS	7,7	8,0	3,9	3.650	3.285	(10,0)	28,1	26,3	(6,4)
GO	230,1	248,0	7,8	3.500	3.464	(1,0)	805,4	859,1	6,7
DF	7,0	7,0	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	2,2
SUDESTE	193,6	200,6	3,6	3.581	3.354	(6,3)	693,2	672,9	(2,9)
MG	183,1	190,1	3,8	3.588	3.348	(6,7)	657,0	636,5	(3,1)
SP	10,5	10,5	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	0,6
SUL	9,0	9,5	5,6	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
RS	9,0	9,5	5,0	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
NORTE/NORDESTE	142,6	142,2	(0,3)	1.326	1.244	(6,2)	189,0	176,8	(6,5)
CENTRO-SUL	485,9	511,6	5,3	3.449	3.345	(3,0)	1.675,8	1.711,6	2,1
BRASIL	628,5	653,8	4,0	2.967	2.888	(2,7)	1.864,8	1.888,4	1,3

Fonte: Conab.

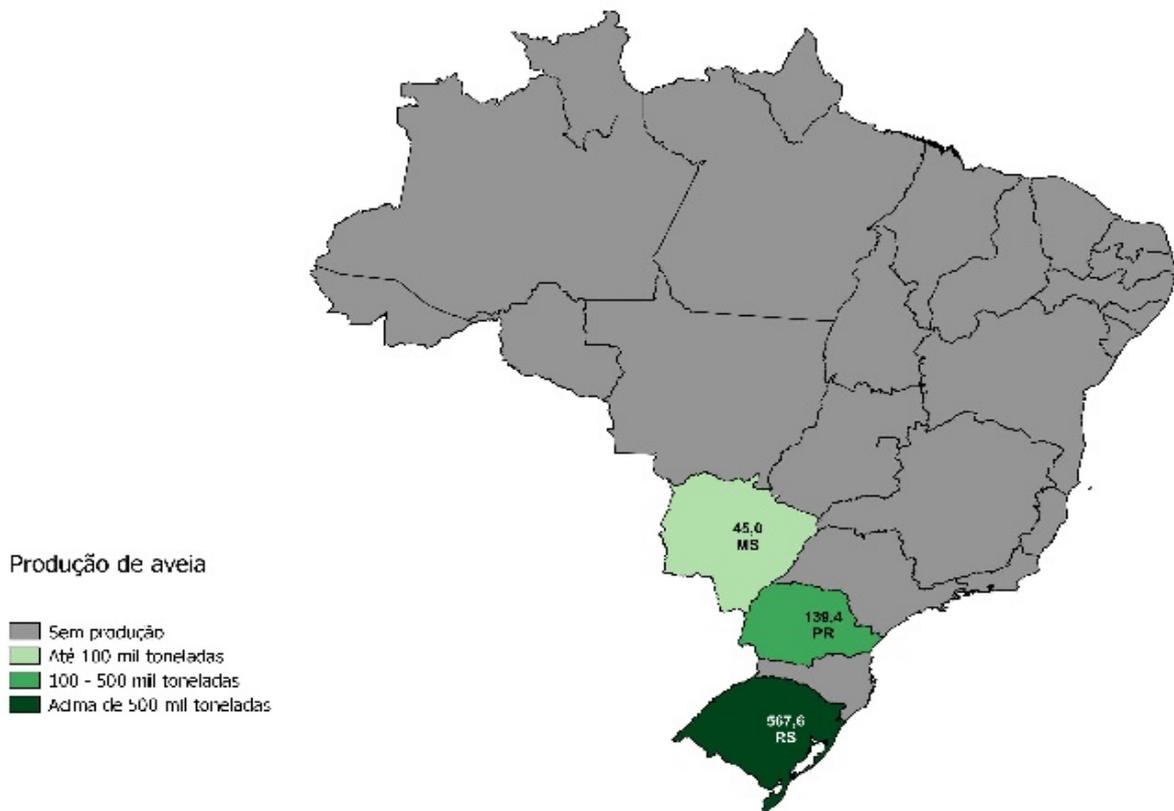
Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.2 CULTURAS DE INVERNO

10.2.1. AVEIA

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab.

Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

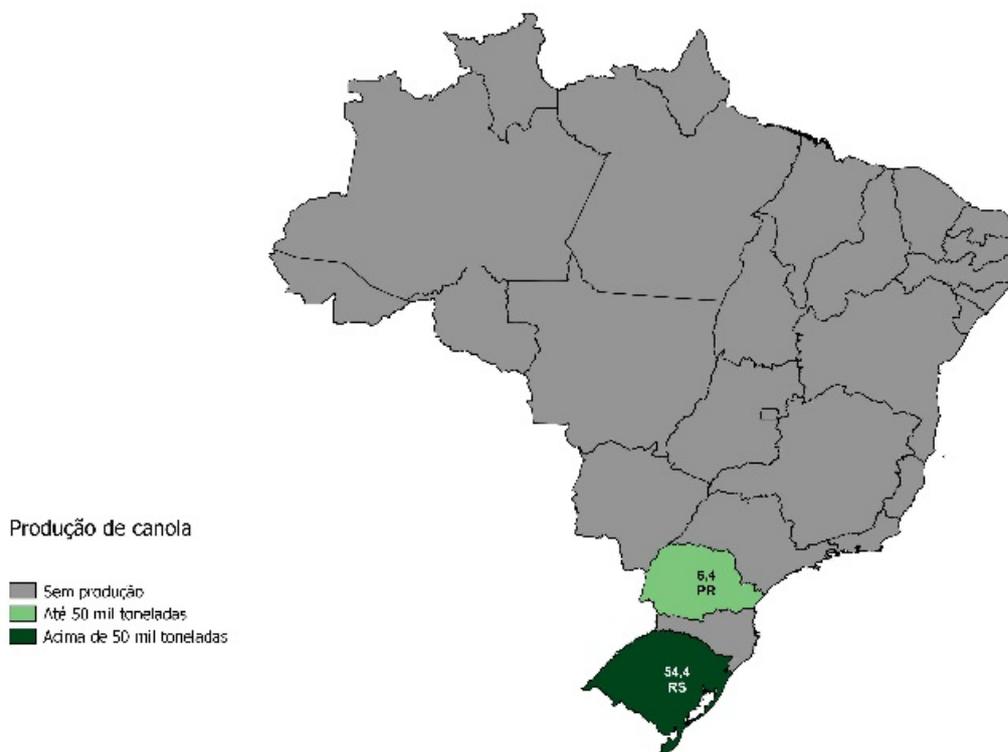
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	29,0	-	1.552	1.552	-	45,0	45,0	-
MS	29,0	29,0	-	1.550	1.550	-	45,0	45,0	-
SUL	311,3	311,3	-	1.891	2.271	20,1	588,8	707,0	20,1
PR	63,1	63,1	-	2.058	2.209	7,3	129,9	139,4	7,3
RS	248,2	248,2	-	1.849	2.287	23,7	458,9	567,6	23,7
CENTRO-SUL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6
BRASIL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.2.2. CANOLA

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
PR	4,8	4,8	-	1.286	1.343	4,4	6,2	6,4	3,2
RS	43,3	43,3	-	799	1.257	57,3	34,6	54,4	57,2
CENTRO-SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
BRASIL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0

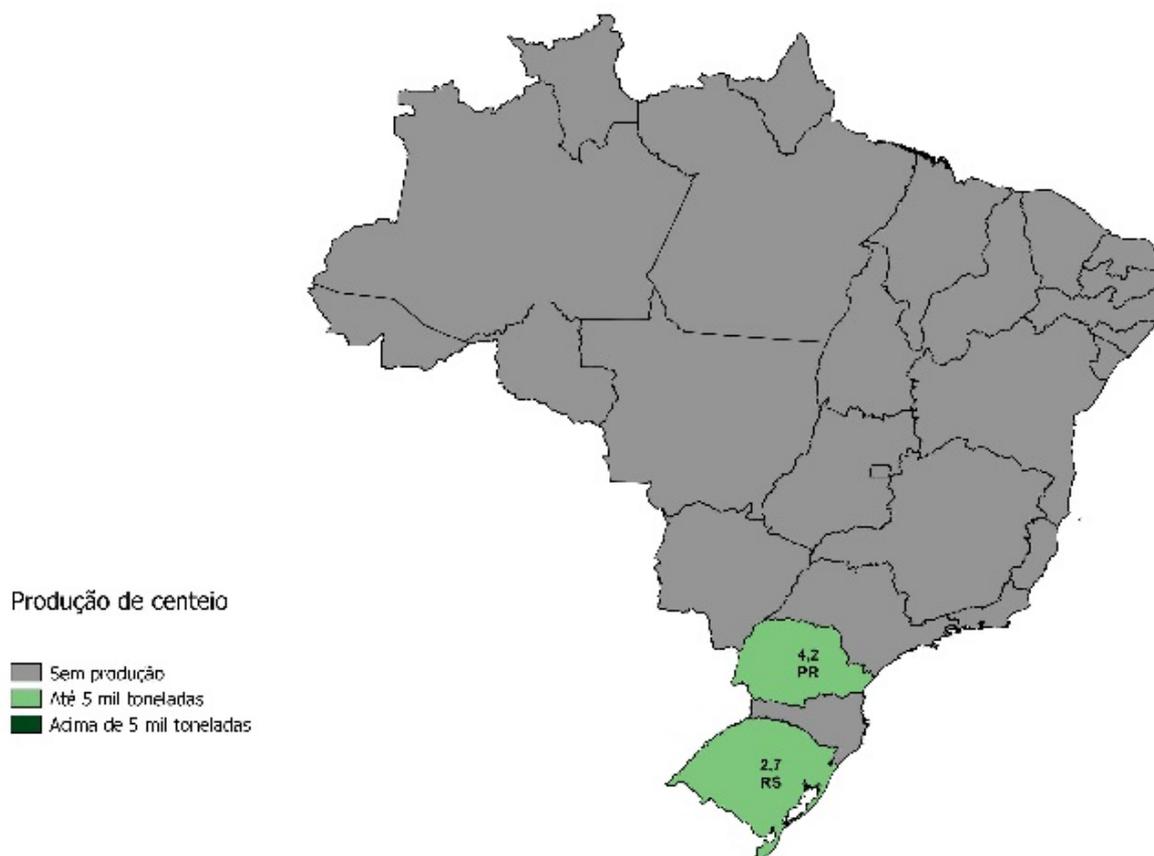
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.2.3. CENTEIO

Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
PR	2,1	2,1	-	1.678	1.994	18,8	3,5	4,2	20,0
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
BRASIL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3

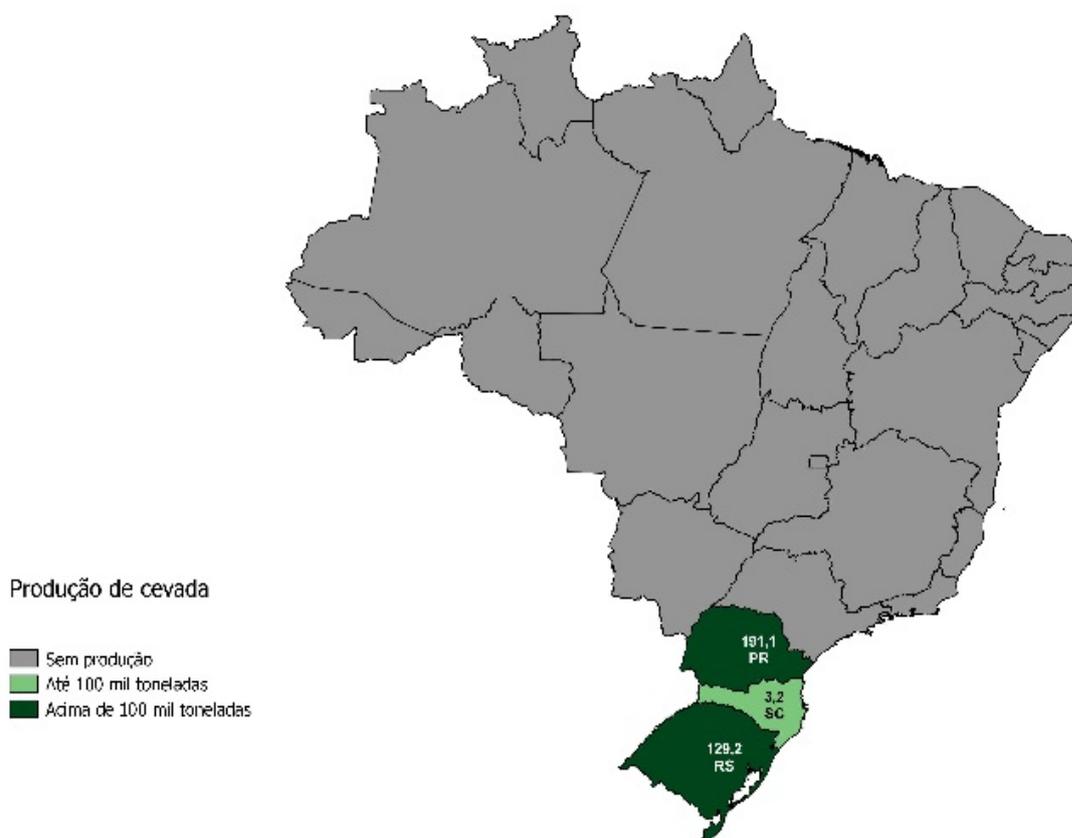
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.2.4. CEVADA

Figura 42 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
PR	50,2	50,2	-	3.301	3.806	15,3	165,7	191,1	15,3
SC	1,2	1,2	-	1.700	2.628	54,6	2,0	3,2	60,0
RS	57,0	57,0	-	2.006	2.266	13,0	114,3	129,2	13,0
CENTRO-SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
BRASIL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7

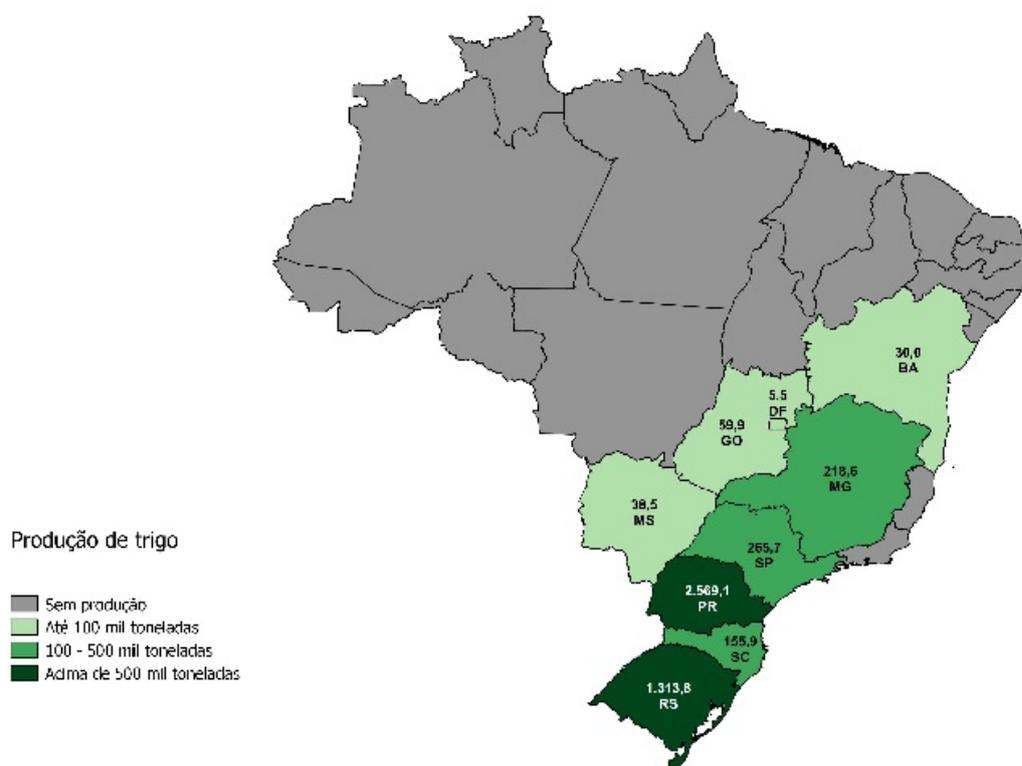
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.



10.2.5. TRIGO

Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab.

Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense						P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
	Serrana						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

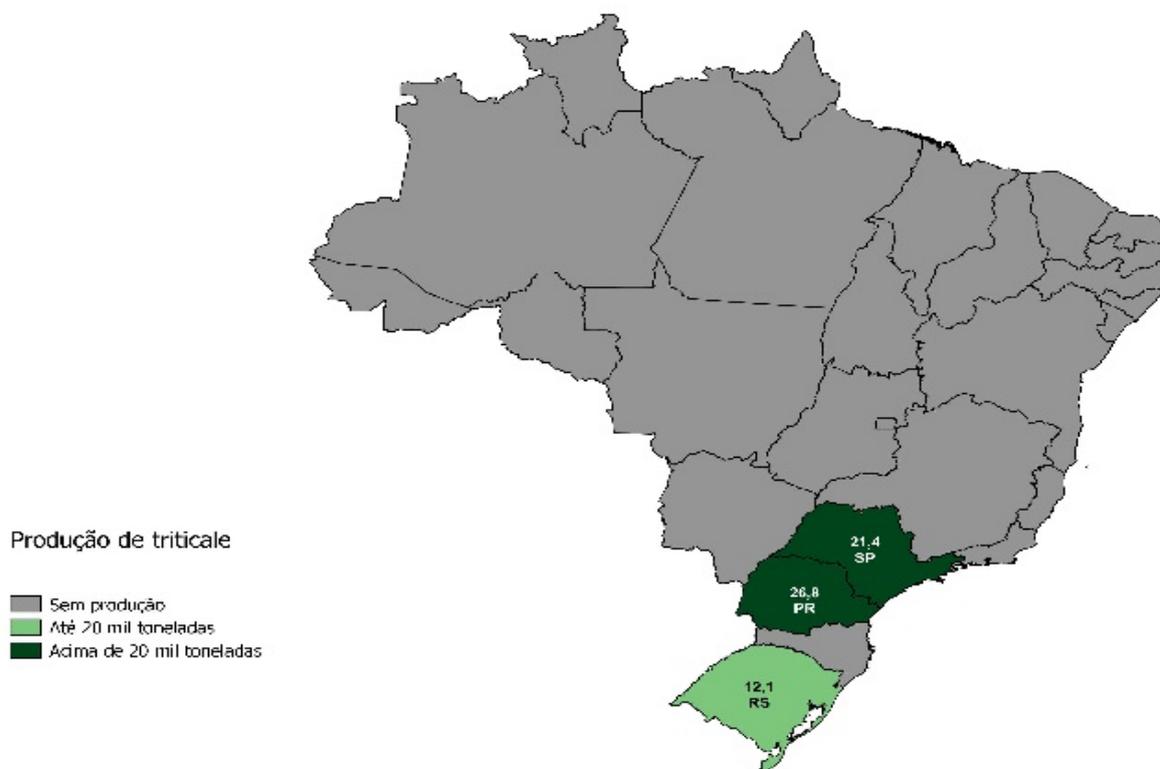
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	31,9	-	3.229	3.257	0,9	103,0	103,9	0,9
MS	20,0	20,0	-	1.950	1.927	(1,2)	39,0	38,5	(1,3)
GO	11,0	11,0	-	5.330	5.446	2,2	58,6	59,9	2,2
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.100	1,7	5,4	5,5	1,9
SUDESTE	164,5	164,5	-	2.996	2.944	(1,7)	492,9	484,3	(1,7)
MG	84,6	84,6	-	2.662	2.584	(2,9)	226,6	218,6	(3,5)
SP	79,9	79,9	-	3.333	3.325	(0,2)	266,3	265,7	(0,2)
SUL	1.714,6	1.714,6	-	2.122	2.356	11,0	3.637,6	4.038,8	11,0
PR	961,5	961,5	-	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.569,1	15,8
SC	53,9	53,9	-	2.630	2.893	10,0	141,8	155,9	9,9
RS	699,2	699,2	-	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.313,8	2,9
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	1.911,0	-	2.215	2.421	9,3	4.233,5	4.627,0	9,3
BRASIL	1.916,0	1.916,0	-	2.225	2.431	9,3	4.263,5	4.657,0	9,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

10.2.6. TRITICALE

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.773	2.853	2,9	20,8	21,4	2,9
SP	7,5	7,5	-	2.779	2.847	2,4	20,8	21,4	2,9
SUL	15,5	15,5	-	2.110	2.510	19,0	32,7	38,9	19,0
PR	9,8	9,8	-	2.277	2.733	20,0	22,3	26,8	20,2
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7
BRASIL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7
BRASIL	23,5	23,0	(2,1)	2.898	2.326	(19,7)	68,1	53,5	(21,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.





11. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, estimada com base nos dados do quinto levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em janeiro de 2018, atinge um total de R\$ 170,12 bilhões de reais. Esse número é 14,5% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 199,06 bilhões



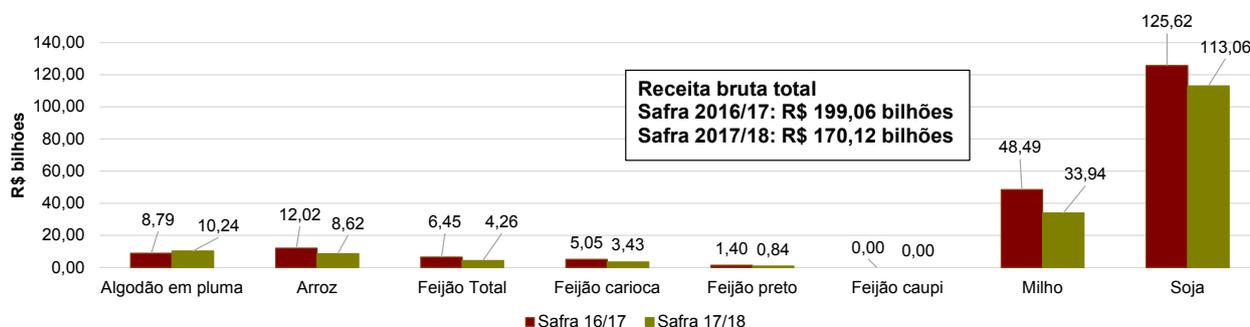
Tabela 1 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	01/2017	01/2018	Variação	01/2017	01/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,79	17,0%	15	86,24	85,82	-0,5%	8,79	10,24	16,4%
Arroz	12,33	11,64	-5,6%	60	58,52	44,43	-24,1%	12,02	8,62	-28,3%
Feijão Total	3,40	3,28	-3,5%	60	113,90	77,99	-31,5%	6,45	4,26	-33,9%
Feijão carioca	2,18	2,10	-3,8%	60	139,09	98,17	-29,4%	5,05	3,43	-32,1%
Feijão preto	0,51	0,49	-3,4%	60	165,87	102,30	-38,3%	1,40	0,84	-40,5%
Feijão caupi	0,71	0,69	-2,6%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	88,01	-10,1%	60	29,74	23,14	-22,2%	48,49	33,94	-30,0%
Soja	114,08	111,56	-2,2%	60	66,07	60,81	-8,0%	125,62	113,06	-10,0%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	201,38	170,12	-15,5%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Algodão em pluma, Arroz, Feijão, Milho e Soja - Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

A seguir, serão apresentados os cálculos detalhados do cômputo da receita bruta para cada um dos pro-

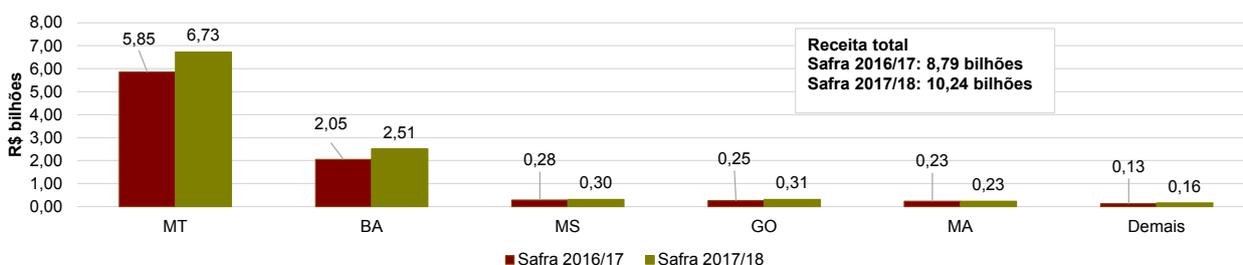
dutores supracitados.

11.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta, segundo o quinto levantamento, incremento de 17% no escopo nacional. Por outro lado, o preço médio nacional para a fibra se manteve relativamente estável, com queda de 0,5%. Essas duas grandezas culminaram no valor da receita

bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$ 10,2 bilhões para a safra em questão, um aumento de 16,4% em relação à safra anterior, ou seja, o aumento da produção apresentou forte impacto na receita bruta.

Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Janeiro/2017 a janeiro/2018

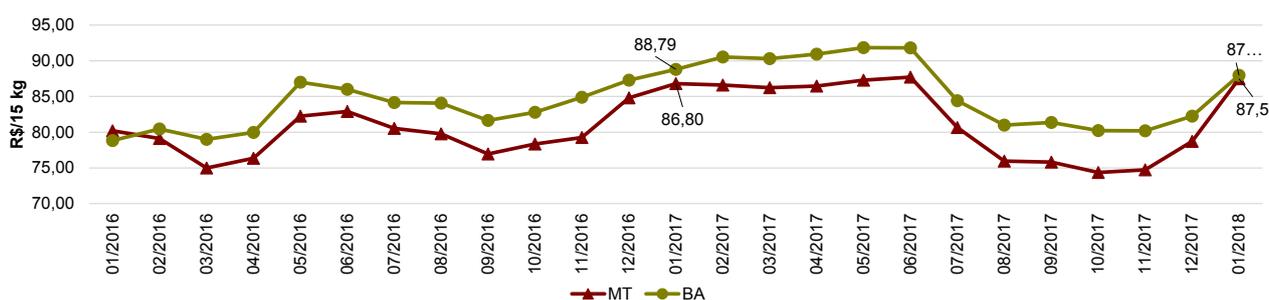


Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia, com 64,5% e 24%, respectivamente. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de

6,7 bilhões e para a Bahia o valor foi de 2,5 bilhões. É importante ressaltar o grande avanço na produção da Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 427,8 mil, um aumento de 23,6%.

11.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Nas referidas Unidades da Federação supracitadas, observam-se diminuições nas produções de 5%, em

média.

Além disso, diminuições relevantes nos preços médios praticados também foram observadas, quando comparados os valores de janeiro de 2017 a janeiro de 2018.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

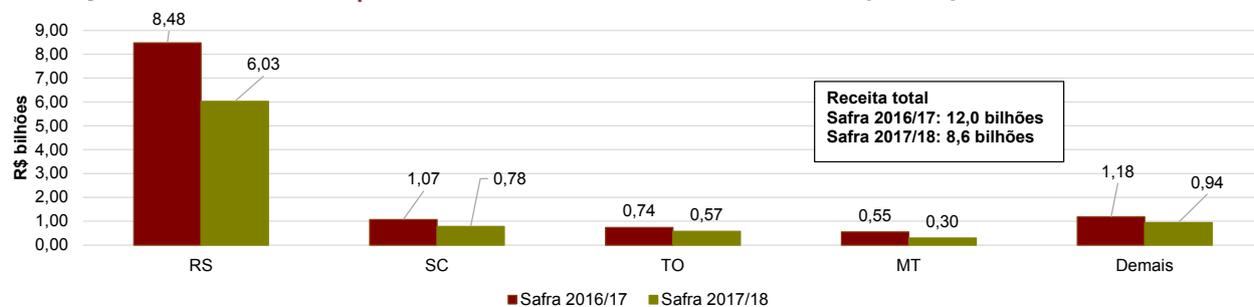


Fonte: Conab.

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 28,3%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

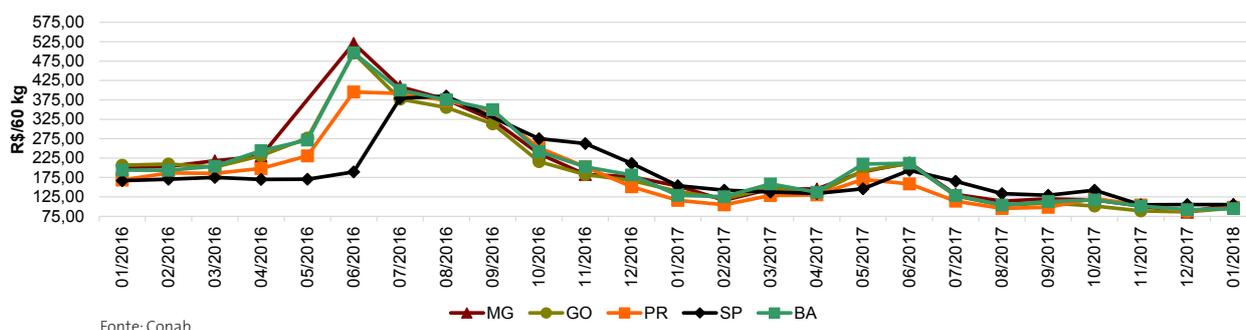


11.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na safra em análise, inclusive para o Paraná. Essa Unidade da Fe-

deração era a segunda colocada, em termos de produção, porém, com a queda citada, perdeu seu posto para Goiás. O maior produtor – Minas Gerais – apresenta suave aumento de 2,9%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de janeiro de 2017 e janeiro de 2018.

Gráfico 6 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

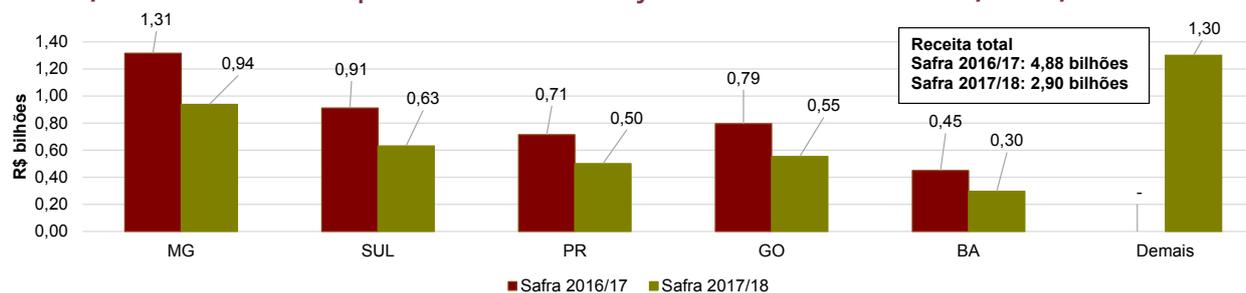


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 3,43 bilhões para 2017/18,

32,1% menor do que o observado na safra anterior, de 5 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais – feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

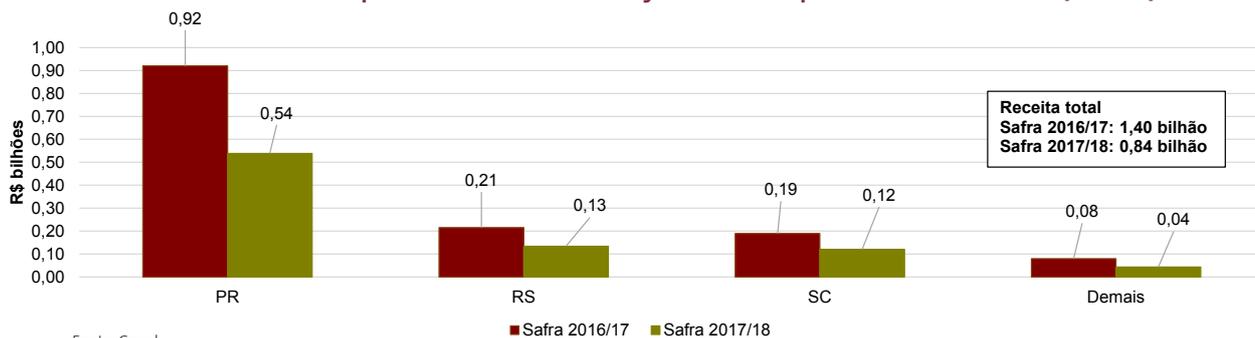
11.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta decréscimo de 7,5% na produção e decréscimo de 38,3% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio Gran-

de do Sul, observa-se aumento na produção de 9% e decréscimo médio no preço de 42,8%.

A partir desse cenário de forte queda nos preços praticados, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,84 bilhão de reais, esse valor é 40,5% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,4 bilhão.

Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

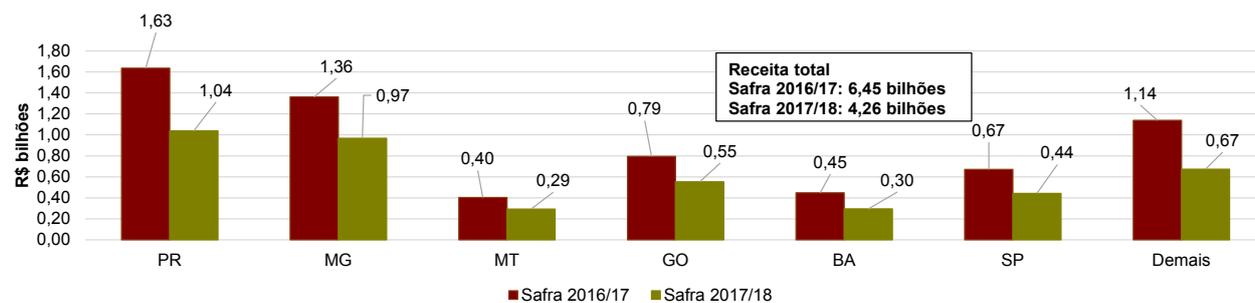
Nota: Safras 2016/17 e 2017/8 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

11.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca e do feijão-comum preto, obteve-

se a receita bruta do total de feijão de R\$ 6,45 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 4,26 bilhões em 2017/18.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/8 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

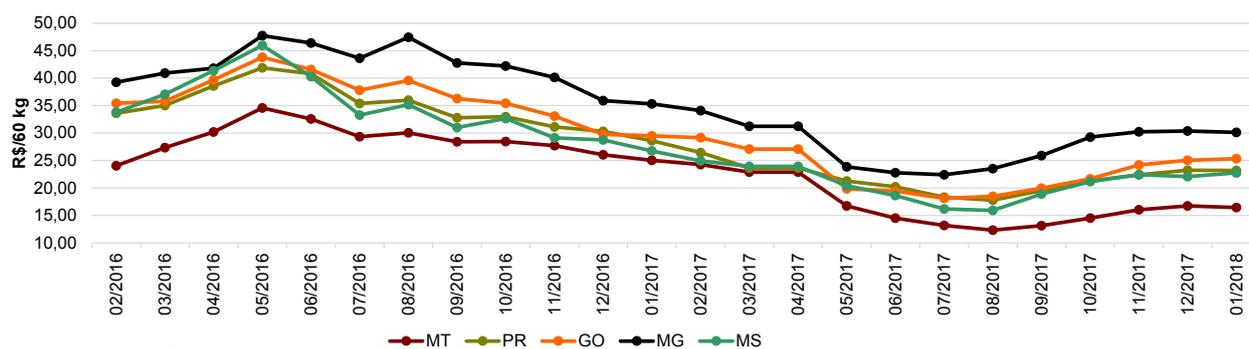
11.7. MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 30% e 17% da produção

nacional, respectivamente.

Os preços internos aparentam estabilização nos períodos recentes. Entretanto, na comparação de janeiro de 2017 e janeiro de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média de 22,19%.

Gráfico 10 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

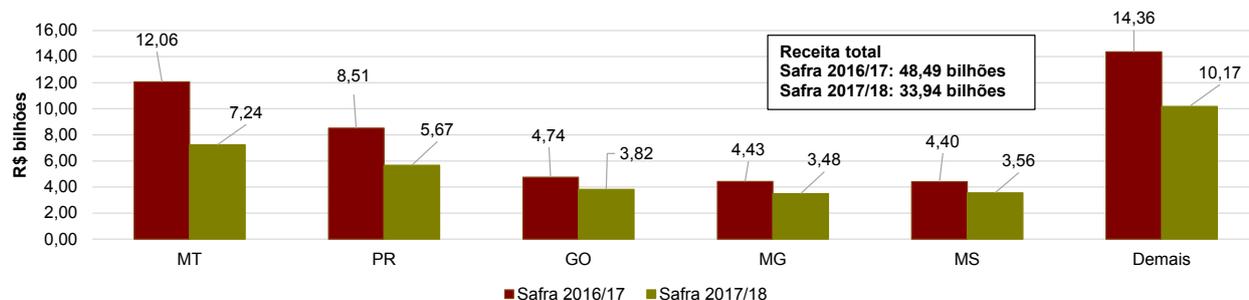


Fonte: Conab.

A produção nacional apresentou tendência de diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores, além disso, a queda observada nos preços praticados foi mais impactante no cálculo da receita bruta. A estimativa da receita bruta total para o mi-

lho foi de 33,94 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17, observa-se a estimativa de 48,49 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 30%.

Gráfico 11– Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

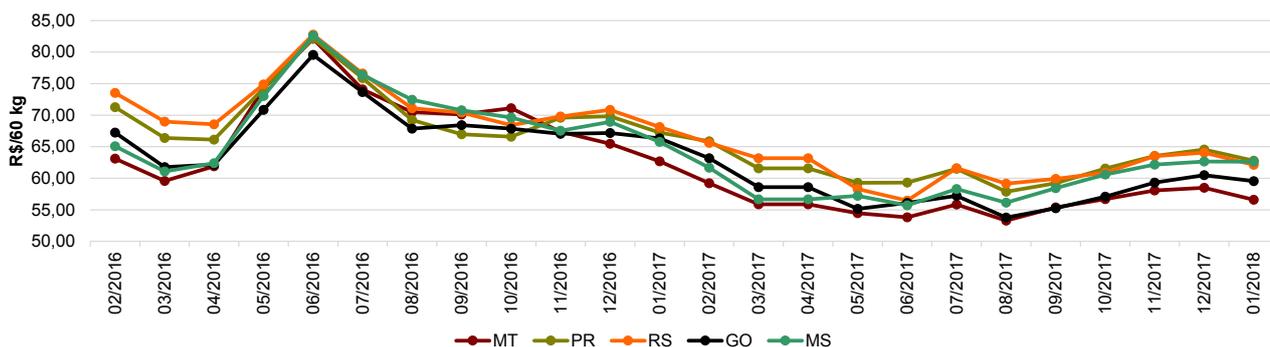
11.8. SOJA

Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se na projeção para a safra 2017/18 uma pequena diminuição na produção. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 111,5 milhões de toneladas, um decréscimo de 2,2%. As Unidades da Federação caracterizadas como grandes produtores, como Mato Grosso, Paraná e Rio Grande

do Sul, também experimentam projeções de queda de 0,4%, 6,5 e 6,3%, respectivamente.

Além disso, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos na maioria dos 16 estados produtores, com queda média de 6,2% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



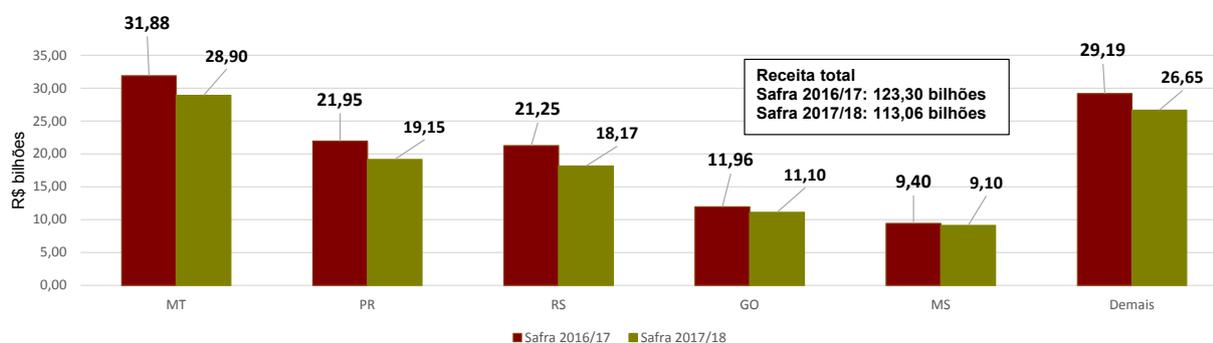
Fonte: Conab.

Isso posto, o movimento de decréscimo na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 28,9 bilhões de reais, para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 31,88 bilhões, com decréscimo relativo de 9,4%. Diferente do observado em momentos anteriores, nas Unidades da Federação que formam o Matopiba, observa-se aumento, ape-

nas, na receita bruta estimada para o Maranhão, com valor de 3 bilhões de reais, 2,7%. Já para os demais estados observam os seguintes valores: 2,95 bilhões em Tocantins, 1,79 bilhão no Piauí e 4,8 bilhões de reais na Bahia, o que representa quedas de 8,4%, 22,8% e 17,4%, respectivamente.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de 113,06 bilhões de reais, frente à estimativa de 123,30 bilhões da safra anterior, um decréscimo de 10%.

Gráfico 13 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/8 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.



12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

12.1. ALGODÃO

12.1.1. PANORAMA MUNDIAL

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 30 de janeiro de 2018, a estimativa da produção mundial de pluma, na safra 2016/17, é de 22,98 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,51 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 11% na produção.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,55 milhões de toneladas em 2016/17, já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,37 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos-safras sendo inferior.

12.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o quinto levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.789 mil toneladas de pluma, esse volume é 17% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 0,4%, a companhia estima um aumento de 17,4% na área.

A expectativa para a safra 2017/18 é que, novamente, o clima apresente normalidade. Diante disso, e do fato de os preços continuarem remuneradores, o produtor

sentiu confiança em aumentar a área destinada ao algodão.

12.2. ARROZ

Em dezembro, o Brasil exportou 65,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 49,5 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$514,43 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 33,8 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 372,21 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do Sudeste brasileiro e Pernambuco. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse é estimado em torno de

11,5 milhões de toneladas para a safra 2016/17 em virtude do cenário econômico brasileiro. Para safra 2016/17, projeta-se um consumo superior por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 5,8% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,6 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e à menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos mais competitivos em virtude de uma esperada desvalorização da moeda nacional em 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.458,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 1.098,2 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

12.3. FEIJÃO

Feijão-comum cores

De acordo com o levantamento, realizado junto às principais regiões de produção, no Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás, a comercialização da nova safra segue lenta devido ao pouco interesse dos compradores.

A mesma situação vem ocorrendo em São Paulo, onde os corretores da “Bolsinha”, principal centro de formação de preços do produto, alegam um fraco giro da mercadoria, com sobras diárias de amostras que circulam nas mãos dos comerciantes, o que demonstra pouco interesse na aquisição do produto ofertado, principalmente do grão de qualidade inferior (manchados, brotados, deformados, elevada umidade e bandinhas).

Portanto, ninguém está disposto a empatar capital na formação de estoques, mesmo que seja pequeno, apesar das notícias de que a safra deve ser menor do que a esperada devido não somente pela redução da superfície cultivada, mas principalmente pela queda na produtividade em razão das más condições climáticas, observadas em quase todos os estados da Re-

gião Sul do país, durante o “pico” de colheita, comprometendo ainda mais a qualidade do grão novo, o mais disputado pelas indústrias de empacotamento.

Nas zonas de produção, a oferta do tipo extra está escassa, e a maior parte do volume ofertado é de produto comercial. Os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores. Eles estão apreensivos com a atual condição de preços que, em parte, significa prejuízos para alguns que investiram na cultura, procurando realizar todos os tratamentos culturais exigidos pela cultura, visando manter a qualidade do grão.

No Sul do país, a segunda safra está em curso, ocupando cerca de 25% da área estimada para o plantio. A tendência é que a superfície a ser cultivada fique em torno de 10% abaixo da safra anterior em razão dos baixos preços de comercialização. Caso as condições climáticas sejam adequadas, a produção poderá até superar a safra pretérita, que foi prejudicada pelo excesso de chuvas na colheita.



Por outro lado, os compradores continuam brigando por melhores preços (mesmo com diferencial da qualidade), alegando dificuldades no repasse de qualquer elevação na atual conjuntura.

A comercialização vem enfrentando o mesmo gargalo, qual seja, o varejo. Diante desse fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda são baixos, com o risco de o produto ficar mais caro diante do quadro de oferta mais apertado.

Segundo as indústrias de empacotamento, qualquer elevação nos preços de mercado só deverá ocorrer se houver um aquecimento na demanda, e isso, no momento, deve ser descartado pelo fato de que estamos numa época de baixo consumo, ocasionado pelo período de férias escolares.

Feijão-comum preto

No mercado atacadista de São Paulo, os preços apresentaram uma forte elevação em vista do controle das ofertas e, principalmente, do excesso de chuvas que limitou a quantidade de produto de boa qualidade, destinada ao mercado.

Suprimento

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Desta forma, prevê-se o seguinte cenário: computan-

Cabe frisar que, com as cotações em declínio, muitos comerciantes usam a estratégia de escalonar as compras na expectativa de valores mais em conta, e o mercado dá sinais de enfraquecimento em razão da baixa qualidade do grão e da concentração da colheita no Sul do país. No Paraná, as adversidades climáticas verificadas em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita, além de ter afetado a qualidade do produto, deve resultar numa expressiva quebra da produção. Provavelmente em fevereiro deve ocorrer uma melhor demanda, e o volume colhido na primeira safra seja insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma recuperação dos preços ao produtor.

Dessa forma, depois do carnaval, quando o consumo voltar à normalidade e o quadro de oferta ficar mais definido, é que poderemos ter uma melhor avaliação do comportamento dos preços do produto.

A primeira safra se encontra no “pico” da colheita. Quanto a segunda safra, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo, no Paraná, cerca de 25% da área estimada ao cultivo. As lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

do as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3,280 mil toneladas, o que representa uma variação negativa de 3,5% em relação à temporada 2016/17.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 125 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 235,5 mil toneladas, o que corresponde a cerca de um mês de consumo.

Tabela 1 – Suprimento feijão

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
2017/18(*)	310,5	3.280,0	120,0	3.710,5	3.300,0	125,0	285,5

Legenda: (*) Estimativa em fevereiro/2018.

Fonte: Conab.



12.4. MILHO

12.4.1. ANÁLISE DA OFERTA E DEMANDA

Tabela 2 – Suprimento milho

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17(*)	6.949,9	97.842,8	950,0	105.742,7	56.165,3	30.835,2	18.742,1
2017/18(*)	18.742,1	88.006,7	400,0	107.148,8	58.500,0	30.000,0	18.648,8

Legenda: (*) Estimativa em fevereiro/2018.

Fonte: Conab.

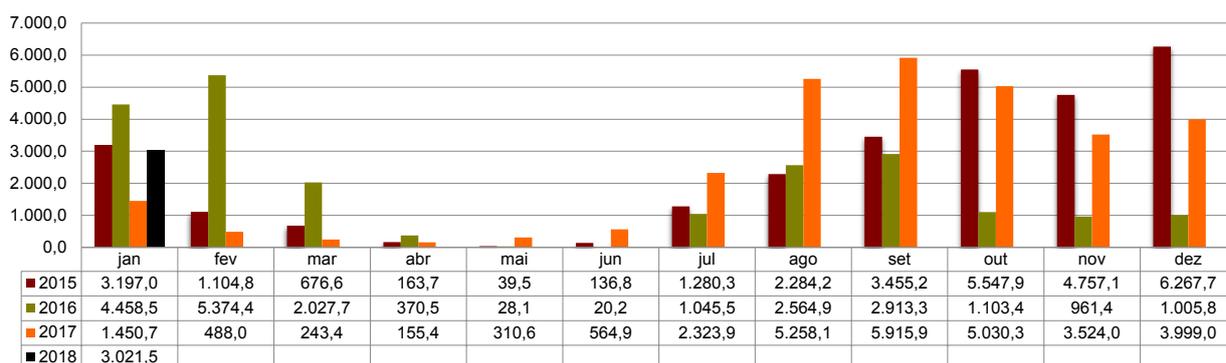
Em relação ao balanço de oferta e demanda de milho no Brasil destaca-se, além da redução significativa da produção de 97,8 para 88 milhões de toneladas em função da diminuição na área, tanto de milho primeira safra quanto de milho segunda safra.

Vale ressaltar que a indicação da queda na área a ser semeada de milho segunda safra ainda faz parte do período de intenção de plantio, indicando que o valor

pode sofrer alterações até o encerramento do plantio.

Outro ponto de destaque, neste momento, é o volume de milho exportado, na safra 2016/17, de 30,8 milhões de toneladas, 335,2 mil toneladas acima do volume estimado no mês anterior. Isso por que, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume embarcado de milho em janeiro foi de 3,02 milhões de toneladas.

Gráfico 1 – Exportações mensais de milho de jan/15 a jan/18 (mil toneladas)



Fonte: Conab.

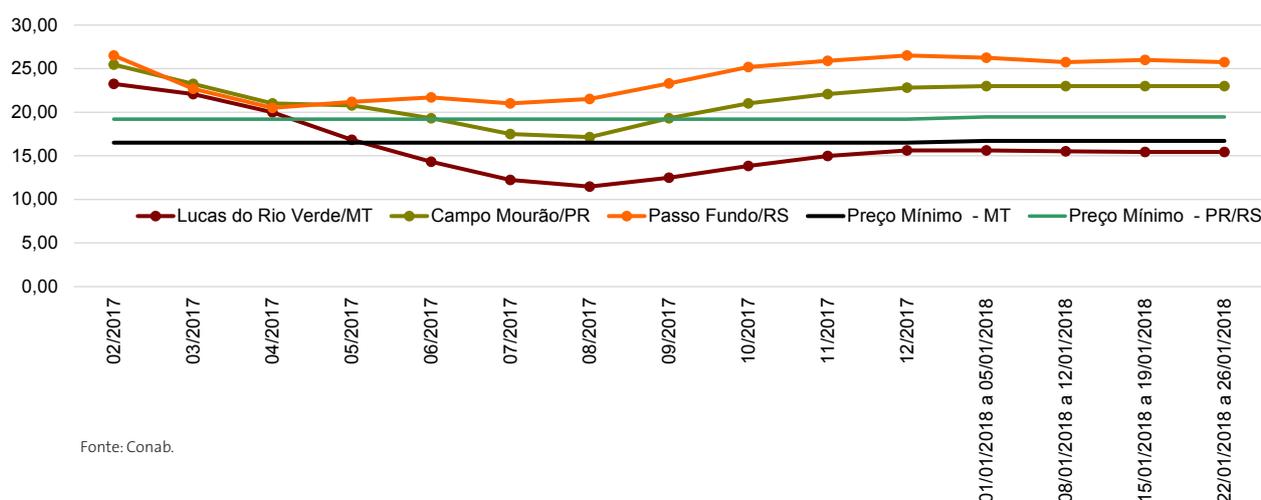
Outra alteração ocorreu nas estimativas de importação da safra 2016/17, de 800 para 950 mil toneladas, isso porque o país, segundo a Secex, internalizou 871 mil toneladas de fevereiro a dezembro de 2017.

Diante disso, os estoques finais da safra 2016/17 fe-

cham em 18,7 milhões de toneladas, ou seja, um volume de produto a ser carregado para a safra seguinte recorde e que, juntamente com o volume de 24,7 milhões de toneladas oriundas da colheita do milho primeira safra 2017/18, tende a pesar sobre as cotações do cereal no mercado interno.



Gráfico 2 - Evolução dos preços recebidos pelos produtores de milho no MT, PR e RS



Fonte: Conab.

Em janeiro, os preços do milho ficaram próximos da estabilidade, porque os produtores e comerciantes realizaram poucos negócios. Porém, com a entrada da nova safra de milho e da soja, muitos produtores terão a necessidade de abrir espaços nos armazéns, o que pode forçar, diante do volume alto de milho no mercado interno, uma redução nos preços domesti-

cos.

Com o estoque inicial de 18,7 milhões, mesmo a significativa redução na produção estimada para a safra 2017/18, os estoques finais, até o momento, tendem a ficar próximos do volume embarcado em 2016/17, com um valor de 18,6 milhões de toneladas.

12.6. SOJA

12.6.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços médios da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), de janeiro de 2018 estão 5,89% menores que o praticado no mesmo período de 2017, e continuam a variar entre US\$ 9,50 por bushels (suporte) e US\$ 10,00 por bushels (resistência) como ocorrido nos últimos quatro meses.

Apesar do clima adverso na Argentina dar suporte aos preços internacionais, que chegaram a ser cotados no valor de US\$ 10 por bushels, o excesso de oferta, e principalmente as reduzidas exportações americanas, têm limitado os ganhos.

12.6.2. MERCADO NACIONAL

Com os preços internacionais com pouca flutuação positiva acima de US\$ 10/bu, o principal fator de rentabilidade do agricultor brasileiro fica por conta da variação do dólar que, em janeiro de 2018, chegou ao menor valor desde setembro de 2017, cotado a R\$ 3,14.

estágios mais críticos da lavoura, como floração e enchimento de grãos, a produtividade pode ser melhor que a estimada no momento.

Desta forma, os preços nacionais, de janeiro de 2018, estão com uma cotação média de 7,24% menor que no mesmo período de 2017, onde, nesse período, além dos preços internacionais mais alto, o dólar estava cotado com o preço médio de R\$ 3,20.

Assim, levando em consideração o número preliminar de produção, as exportações foram calculadas em 66 milhões de toneladas, com um aumento estimado de 1 milhão de toneladas em relação ao levantamento passado. Mas, provavelmente, não será esse valor, pois a demanda internacional por soja em grãos está cada vez mais aquecida e não deve diminuir em 2018. Assim como as exportações, a demanda interna de soja em grãos para 2018 deve ser maior que o valor de 41,5 milhões de toneladas, estimadas para o ano de 2017, ficando provavelmente em torno de 43,5 a 44 milhões de toneladas, hoje estimadas em 43 milhões de toneladas.



Os estoques de passagem, da safra 2016/17, tiveram uma forte redução devido a altas exportações ocorridas em dezembro de 2017. As exportações brasileiras de soja fecharam o ano de 2017 estimada em 68,15

milhões de toneladas, esse valor é 32,13% maior que o estimado em 2016 e, provavelmente, em 2018, o valor deva ser praticamente o mesmo.

12.7. TRIGO

A Conab finalizou os dados acerca da produção brasileira de trigo da safra 2017/18, que correspondeu a 4.263,5 mil toneladas, cultivadas numa área de 1.916 mil hectares. Todavia, uma vez que o ano-safra para esse produto se dá entre agosto e julho, resta ainda consolidar os dados referentes à importação, exportação e moagem industrial, com vistas a definir, de maneira mais fidedigna, os volumes de suprimento, consumo interno e do estoque de passagem para a safra seguinte.

Assim como ocorreu ao longo de dezembro, o início de 2018 registrou uma baixa liquidez no mercado do trigo. A expectativa da chegada da safra de verão tem pressionado os agentes vendedores a anteciparem as negociações, possibilitando a redução de maiores dispêndios com os fretes, que se tornam mais onerosos nesse período, além da necessidade de liberação de espaço físico em seus armazéns para comportar a safra vindoura. Por outro lado, os moinhos seguem abastecidos e com pouco interesse em realizar negócios cujas entregas se deem em curto prazo.

Entre agosto e dezembro de 2017, o Brasil importou o equivalente a 2,43 milhões de toneladas de trigo, valor que corresponde a aproximadamente um terço das

7,2 milhões de toneladas esperadas para essa temporada. Apesar da média de 487 mil toneladas/mês internalizadas no período supracitado, espera-se um aumento no volume do trigo importado, principalmente por conta da menor disponibilidade do trigo nacional e dos preços de paridade.

Apesar das expectativas acerca da retomada do crescimento econômico do país, a menor demanda pelos derivados ensejará um processamento de cerca de 11 milhões de toneladas para a safra 2017/18, sendo reservadas aproximadamente 287 mil toneladas para sementes, o que totalizará um consumo na ordem de 11,3 milhões de toneladas. Por fim, espera-se que sejam exportadas 500 mil toneladas de trigo nessa temporada, valor inferior ao registrado na safra 2016/17.

Em relação à safra 2018/19, espera-se que haja manutenção da área cultivada, todavia deverá haver melhorias na produtividade das lavouras, refletindo em um aumento de aproximadamente 9% no volume produzido, que deverá perfazer um total de 4.657 mil toneladas do grão. É previsto ainda que o processamento industrial se situe novamente em torno das 11 milhões de toneladas e que haja uma importação de 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional.

Tabela 3 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (1º DE AGOSTO)	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 DE JULHO)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18 (*)	2.530,1	4.263,5	7.200,0	13.993,6	500,0	11.000,0	287,4	11.287,4	2.206,2
2018/19 (²)	2.206,2	4.657,0	7.000,0	13.863,2	500,0	11.000,0	287,4	11.287,4	2.075,8

Legenda: (1) Dados estimados em fevereiro de 2018.

(2) Previsão.

Fonte: Conab.



Tabela 4 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.789,0	10,0	2.044,3	725,0	950,0	369,3
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.000,0	13.758,6	11.500,0	800,0	1.458,6
	2017/18	1.458,6	11.639,6	1.000,0	14.098,2	12.000,0	1.000,0	1.098,2
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
	2017/18	310,5	3.300,2	120,0	3.730,7	3.300,0	125,0	305,7
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	800,0	105.592,7	56.165,3	30.817,8	18.609,6
	2017/18	18.609,6	88.006,7	400,0	107.016,3	58.500,0	30.000,0	18.516,3
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	45.781,0	68.154,5	1.921,9
	2017/18	1.921,9	111.558,6	400,0	113.880,5	47.281,0	66.000,0	599,5
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	31.955,0	1,0	33.800,8	17.000,0	14.177,1	2.623,7
	2017/18	2.623,7	33.110,0	1,0	35.734,7	17.500,0	15.000,0	3.234,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.092,5	40,0	8.701,5	6.800,0	1.342,5	559,0
	2017/18	559,0	8.385,0	40,0	8.984,0	7.100,0	1.500,0	384,0
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	7.200,0	13.993,6	11.287,4	500,0	2.206,2
2018	2.206,2	4.657,0	7.000,0	13.863,2	11.287,4	500,0	2.075,8	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em fevereiro 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

